

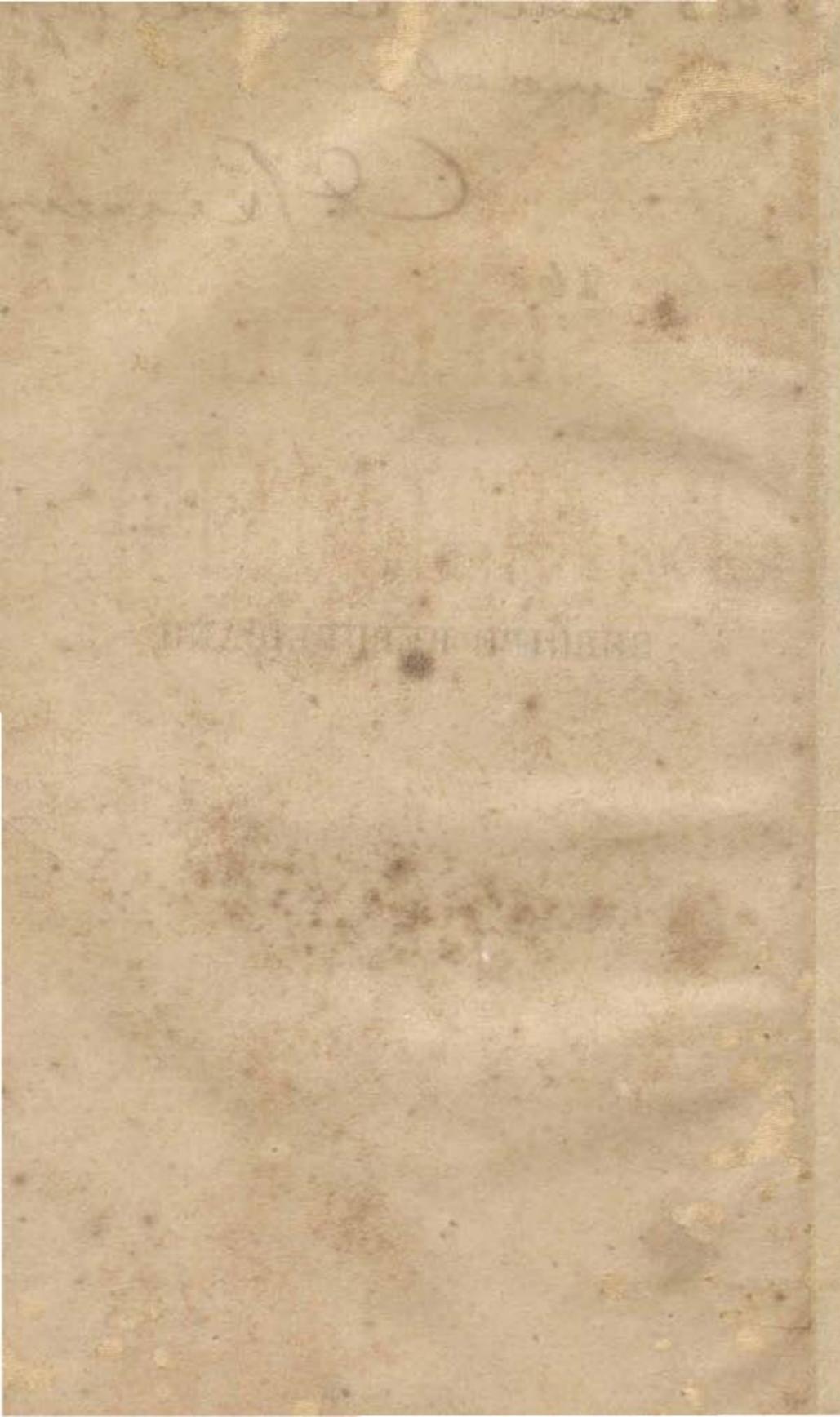
Edoardo Leindolfo  
C. Benevol.

C. Benevol.

17--10-96

219

SERGIPE REPUBLICANO



MANOEL CURVELLO

---

**SERGIPE**  
**REPUBLICANO**

(ESTUDO CRITICO E HISTORICO)

---

**RIO DE JANEIRO**

Casa—MONT'ALVERNE—rua do Ouvidor n. 82

1896. 2

VERGILIO

TRIPERTICOANO

*Nom omnes omnia possumus*

VIRGILIO.



981.37

CUR

A

Seus Carissimos Paes

OFFERECE ESTE LIVRO

O AUCTOR, 3

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

O. ANTON

AO

FORMOSO GRUPO DE SUAS IRMANS:

*Cecilia, Anna, Maria, Amelia, Debra,  
Antonina e Abigail.*

LEMBRANÇA

DO AUCTOR.



## PREFACIO

---

A ausencia de alguns annos não nos fez esquecer ainda a formosa terra que nos foi berço. A vida por fóra, sob um diverso clima e em outra sociedade, tem por ventura aviventado no humilde auctor destas linhas o amor patrio, que se diz muitas vezes ser cousa van, mas que elle acredita ser um sentimento real, capaz de inspirar-lhe algumas horas de meditação e estudo em um campo differente de suas preocupações habituaes.

Como sergipano, temos o direito, do qual não desistimos, e o dever, que

buscamos cumprir na medida de nossas forças, de reflectir sobre a historia de nossa terra e de cogitar sinceramente sobre suas condições politicas, sociaes, economicas, ou outras de qualquer ordem.

Este livro é o primeiro trabalho que apparece em publico, como resultado dessa ordem de reflexões. Muito pouco ou nada que elle valha, representa para nós o esforço que nos custou.

*Sergipe Republicano* formava apenas uma parte de outro trabalho, *Estudos Historicos e Litterarios*, que se acha em preparação. Tendo-lhe dado, porem, um desenvolvimento maior do que o pretendido em começo, resolvemos edital-o em separado. Comquanto obedeça ao mesmo plano dos outros estudos, succede entretanto que este tracta especialmente de Sergipe, constituindo por isso um todo perfeitamente independente e despertando-nos a idéa de sua desagregação, que levámos à effeito.

Temos a convicção de que Sergipe sendo, como é, um estado pequeno, o

menor da Republica, possúe todavia condições moraes e materiaes para merecer uma sorte melhor do que aquella que tem tido até hoje, no velho e no actual regimen de governo.

Solo fertilissimo, nelle cultivam-se vantajosamente todos os principaes productos que constituem a riqueza publica do Brazil. Só lhe têm faltado governós que se inspirem nas verdadeiras necessidades publicas, abandonando as conveniencias politicas, partidarias e pessoas.

Tem sido esse o nosso mal, a nossa desgraça, para dizer a palavra frisante.

Desde os mais remotos tempos da nossa historia, a população intelligente e trabalhadora de Sergipe tem luctado em vão contra a espoliação cruel de que tem sido victima. Dizendo população intelligente, fazemol-o convictamente, sem ostentação de bairrismo descabivel e inutil. Do seu seio têm sahido homens dos mais eminentes em todos os dominios do saber e da actividade.

publica, que se distinguiram e se distinguem na grande patria.

Desde a guerra do Paraguay, em que os corpos de voluntarios sergipanos iam attestar com inexcedivel bravura como se sabe amar a patria em um de seus mais humildes recantos, até á ultima revolta, em que muitos de nossos conterraneos se salientaram na defeza das instituições democraticas, os Sergipanos têm demonstrado sempre a sua capacidade pujante para todas as luctas.

Um sergipano, Tobias Barreto de Menezes, exerceu tão superiormente a critica juridica, politica e litteraria, que se constituiu neste sentido o maior impulsionador da reforma mental que agitou o paiz depois de 1870.

Outro sergipano, Sylvio Roméro, dedicando-se com mais especialidade á critica litteraria e escrevendo com mais segurança de methodo, offereceu ao Brazil a historia de sua litteratura em dois opulentos volumes que são ainda hoje um trabalho inexcedido, mostrando

ao mundo civilizado as grandes linhas de nossa vida intellectual.

Ainda outro sergipano, Felisbello Freire, fez-se o historiador da democracia nacional, traçando e executando o plano de uma grande obra em quatro partes, que acompanha a idéa republicana no Brazil desde os seus primeiros passos fugitivos e apagados, atravez de todas as suas phases de desenvolvimeto, até á sua vida organica depois da revolução de 1889.

E, nesse caminhar, citariamos innumerados de nossos patricios, que se têm notabilizado por serviços assignalados de interesse nacional : João Ribeiro e Maximino Maciel, dois linguistas e professores eximios, cujos trabalhos sobre a lingua portugueza formam grande parte do que de melhor, nesse assumpto, possuímos nós outros, que deste lado do Atlantico falamos o idioma de Herculanoo; uma pleiade brilhantissima de poetas, como Pedro de Calazans, Elysario Pinto, Bittencourt Sampaio, Pedro Moreira, Lima Junior e Joaquim Fontes; 7

oradores sagrados, como Frei Santa Cecilia, Vigario Barroso e padre Firmino Rocha; finalmente, uma vigorosa geração moderna que agora vae apparecendo na vida publica, onde se destacam nomes como o de José Maria Moreira Guimarães, distincto e illustrado official do exercito, tão valente nas baterias de Nictheroy quanto no manejo da penna, em que se revela um estylista de futuro.

Cabe igualmente citar aqui os nomes de João Monte, Aristides Pimentel, Gumercindo Bessa e outros, notaveis juristas e advogados; Fausto Cardoso, orador imaginoso e eloquente, que se entrega tambem a estudos de philosophia juridica; Manuel P. Oliveira Telles, que tão promettedoramente se ensaiou na critica litteraria; alem de muitos e muitos outros. (1)

---

(1) Deixo de falar em diversos moços de talento, que ainda não deram uma prova publica de sua capacidade. Neste caso está perfeitamente o joven Eugenio Brandão, dignissimo caracter e bella cabeça, que em sua accidentada vida de estudante tem adquirido boa e solida preparação, felizmente verificavel dentro em pouco num trabalho que elabora.

Pois bem: é a um povo assim tão ricamente prendado no terreno da intelligencia que tem cabido a mais triste vida material.

O governo da monarchia abandonou-o, esqueceu-o completamente nas mãos de presidentes que se colligavam, conforme os interesses do partido dominante, com os chefes politicos locais, formando uma força omnipotente e prepotente, deante da qual naufragavam os impulsos mais nobres do patriotismo sergipano.

Nunca se procurou desenvolver os elementos de prosperidade publica da provincia. Uma industria rotineira e por assim dizer empirica, limitada quasi unicamente á agricultura; um commercio de pequenas transacções internas, asphyxiado pela dependencia das praças vizinhas, sem nenhuma communicacão directa com o estrangeiro, ou mesmo com a Capital do paiz;—eis o que tinhamos, isso mesmo devido á iniciativa particular, abandonada sinão contrariada?

em seus estímulos de progresso pelo guante ferreo dos delegados do governo imperial.

Uma politica de compadrescos e de descomposturas pela imprensa, algumas vezes escandalosa, sempre ridicula e nunca inspirada no interesse publico: tal é o legado que devemos ao imperio decahido. Desde o eminente Burlamarqui, nosso primeiro presidente depois da emancipação, que foi deposto pela intervenção da Bahia, até Fernandes de Barros, outro presidente illustre, que foi assassinado tambem na Bahia, todos aquelles que nos quizeram governar com desprendimento e elevação de vistas, foram eliminados da politica.

A regra foi aquella politica damninha, que finalmente triumphou, não soffrendo jamais solução de continuidade.

Apezar disso, o espirito liberal do povo sergipano não se perdeu de todo. Mais ou menos intensamente vemol-o rebentando aqui e alli em varios momen-

tos de nossa vida historica e constituindo justamente aquellas paginas fulgurantes do passado sergipano, que procurámos reviver neste livro. São ellas o cabedal mais glorioso de nossas tradições, de nossos esforços, de nossos luctas pela justiça, pela liberdade e pela democracia.

\*  
\* \*

Não se póde negar que sob o governo republicano as condições de Sergipe começaram a melhorar sensivelmente.

Logo em 1890 foi estabelecida a navegação directa com a Capital do paiz, fundou-se um nucleo colonial e encetaram-se diversos serviços como a construcção de uma via-ferrea, antiga e malfadada aspiração dos Sergipanos, e outros que desgraçadamente foram ficando paralyzados e esquecidos depois que surgiram e medraram perturbações politicas de toda ordem. α

O primeiro governador, sob cuja administração se fizeram alguns e principiaram-se outros daquelles grandes melhoramentos, teve a sorte de Burlamarqui e Fernandes de Barros na antiga politica. E—coisa deploravel—as paixões e os interesses pessoaes reapareceram logo na organização do estado, antepondo-se como um dique formidavel aos beneficos effeitos do novo regimem entre nós.

Falsearam o voto, ficando a soberania popular sem a sua grande valvula de expansão, em que deveria assentar a autonomia real do novo estado.

D'ahi os governos instaveis que se têm constituído, oscillando entre a deposição e a contestação de sua legitimidade. Os pleitos corrompidos vão produzindo as constantes duplicatas de governadores e de assembléas, que formam a espectacular característica de nossa politica actual.

E, enquanto as mais pobres provincias do imperio se convertem em esta-

dos prosperos, pela energia patriotica de seus filhos, nós damos por fóra a impressão do ridiculo e assistimos internamente ás tristezas e aos escandalos de um desvairamento sem nome, que vae levando de enxurrada todos os bellos elementos com que poderíamos architectar a nossa organização autonómica modesta, mas criteriosa e segura.

Fechemos, porém, essa pagina melancholica do presente. Oxalá saibamos, nós os Sergipanos de hoje, resistir, como os nossos antepassados, á corrente impetuosa dos desregramentos administrativos e á compressão impudente das liberdades publicas. Só assim o governo republicano será uma verdade entre nós.

\*  
\* \* \*

Buscando arrostar com difficuldades de varia especie, notadamente com os obstaculos quasi insuperaveis da publicação de um livro nesta terra, conseguimos afinal levar por deante este trabalho, feito com amor á falta de talento, que

apresentamos como pequena homenagem ao patriotismo da geração antepassada de Sergipe, que ficou invicta no meio das vicissitudes soffridas.

Possa ser isso um serviço de quem vive longe e não sabe prestal-o em outro terreno. *Non omnes omnia possumus.*

Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1896.

Manoel Curvêllo.

## CAPITULO I

SUMMARIO—Idéas introductorias. Uma historia do movimento republicano de Sergipe. Lacunas desse trabalho e justificativas de seu auctor.

Em um livro publicado em 1891, sob o titulo—*A Republica em Sergipe*, o illustre professor sergipano Balthazar de Araujo Góes estudou os acontecimentos da installação das novas instituições politicas naquelle pequeno estado do norte do paiz, depois de ter tratado da sua ultima phase de propaganda republicana. Já tivemos occasião de tratar desse interessante trabalho, em que o auctor, seguindo o methodo de historiar por biographias, deu-nos curiosos traços da politica sergipana dos ultimos annos do imperio.

Minucioso, detalhado talvez em excesso no que concerne aos factos e ás circumstancias que rodeiaram a organização provisoria do governo republicano em Sergipe, succede entretanto que o livro do professor Balthazar Góes é 4

deficiente no estudo da evolução democratica da então provincia e na apreciação das condições politicas, sociaes e economicas, em que ella se achava, por aquelle tempo.

Bem sabemos que o talentoso auctor deu ao seu trabalho o modesto sub-titulo de—*apontamentos para a historia*, e que, por isso, não tinhamos talvez o direito de exigir d'elle as inquirições e pesquisas a que nos referimos. Justamente, porém, por julgarmos que elle pudera entrar vantajosamente nessa apontada ordem de estudos, com os fecundos recursos de sua paciente dedicação pelos trabalhos intellectuaes, bem como por acreditarmos ainda que essa orientação seria mais convinavel ao nobre fim a que se destinou— por todas essas razões—fazemos agora o reparo, por ventura injusto, de ausencia em seu livro de investigações, que reputamos importantissimas, sobre o passado da vida sergipana em que se elaborou a sua brilhante propaganda democratica.

Os documentos accumulados na obra, já sobre o club de Larangeiras, já sobre os actos do governo provisorio installado em Sergipe, logo depois da revolução de 15 de Novembro, em geral pouco adiantarão ao historiador futuro, porquanto quasi todos elles referem-se a factos de natureza conhecida. E isto se

dá principalmente em relação ao primeiro governo republicano, a proposito do qual o auctor, em nosso entender, occupa-se de factos sem alcance e sem importancia historica, que não deveriam passar além do dominio dos relatorios officiaes. Não tinha chegado ainda a phase das reformas, onde haveria margem para apreciações e estudos dignos de recolhidos pela historia.

Feitas, porém, essas observações, conviremos satisfactoriamente em que o auctor não se descuroou do assumpto capital de seu livro. Encarando o ponto em qué principalmente germinou a idéa republicana em Sergipe, o municipio de Larangeiras, demorou ahi um pouco as suas vistas, esboçando causas importantes que poderiam ser mais largamente estudadas em toda a provincia, entrando em apreciações comparativas, as quaes teriam ainda o merito de fazer salientar a superioridade daquella zona privilegiada, que se constituiria altivamente o centro da nobre propaganda democratica. Não lhe fallecia com certeza competencia para esse bello e proveitoso trabalho. Acreditamos, porém, que lhe falhassem estímulos e recursos de toda ordem.

No Brazil não ha infelizmente ainda compensações para a vida da intelligencia. 12

Neste particular estamos ainda em uma situação extremamente precaria, em que o desalento invade os espiritos mais fortes. Isto se dá na propria capital do paiz, onde, apesar do systema federativo que nos rege, centralizam-se ainda hoje todas as nossas actividades intellectuaes. E, nestas condições, que situação póde ser a dos estados? Que o digam e respondam todos esses espiritos que nelles têm vivido baldamente luctando por lettras, sciencias ou artes.

Encaremos sobretudo os pequenos estados, e vejamos como são ahi difficeis os recursos da vida mental e até mesmo as profissões officiaes que mais directamente estão ligadas a um tirocinio de estudo. Entre as diferentes classes, distingamos ahi a dos professores publicos, mal remunerados e por conseguinte obrigados a trabalhos diversos que lhes roubam tempo e actividade. O auctor de que nos occupamos é um professor publico em Sergipe. Conhecemos-lhe as difficuldades insuperaveis da vida, as injustiças e preterições de toda ordem, de que tem sido victima—victima rebelde, embora, que timbra em conservar uma altivez nobilissima de espirito, destoando completamente em um meio enfezado, accomodaticio e cheio de conveniencias banaes. Não seriamos

nós, portanto, quem viesse lançar-lhe em rosto uma accusação por não ter feito o seu livro á altura de um trabalho perfeito. E si tocamos nas considerações acima adduzidas, é justamente por acreditarmos que ellas constituem assumptos que podem ser ainda devidamente estudados por quem já nos deu um primeiro trabalho em todo caso útil e valioso, capaz de ser satisfactoriamente refundido em uma nova edição.

Pelas linhas que ahi ficam, torna-se bem facil ao leitor imaginar as difficuldades que inevitavelmente se deparam a quem quizer estudar a vida politica e social de um povo como o sergipano, á respeito do qual fallecem todos os repositórios e esclarecimentos para esse fim. Os espiritos mais robustos, quando, por excepção, vencendo os obstaculos do meio ingrato, aventuram-se á publicação de qualquer trabalho, fazem-no insufficientemente, restringindo-o o mais possivel sob a pressão das barreiras encontradas.

E' necessario catar, buscar aqui e ali um ou outro tentamen apenas esboçado ou imperfeitamente acabado.

E' por esse terreno assim, falho de caminhos directos ou estradas reaes por onde se podesse andar desassombradamente, que nós te-  
15

remos de fazer a nossa viagem, servindo-nos apenas de varedas estreitas e sinuosas, através das quaes é bem possível que nos desviemos involuntariamente, máo grado nossa preocupação constante de seguir o plano traçado em começo para surprehender em todas as suas variadas faces a vida do povo sergipano no que respeita ao seu caminhar para as conquistas liberaes e para a democracia.

Si o amor ardente com o qual emprehendemos esse desmerecido e por ventura inutil trabalho, puder ser um seguro penhor da nossa fidelidade e do nosso escrupulo, apresentamol-o desde logo como a unica coisa que será verdadeiramente encontrada nestas paginas.

## CAPITULO II

SUMMARIO : Aptidão de Sergipe para receber a fôrma republicana de governo. Objecções possíveis. Diferenças características da população brasileira. Suas causas. Condições especiaes de Sergipe. Sua colonisação. Felisbello Freire e as leis de Malthus em Sergipe. Augmento e diminuição da população.

Tanto quanto se pode saber do passado do povo de Sergipe, pelo que existe escripto de sua historia ; tanto quanto se pode concluir seguramente da observação actual feita sobre as linhas geraes e as tendencias do caracter sergipano, nenhum outro povo do Brazil estava mais apto para receber o novo regimen republicano do que aquella aggremação de homens que vivem na pequena zona de terra comprehendida pelo rio São Francisco, ao norte, e pelo rio Real, ao sul. Pareça embora a alguem que é uma observação sem valor, essa que vimos de fazer, ou figure-se a outros que ella é falha de verdade, jul-44

gamos, todavia, ter meditado bastante para comproval-a com as deducções de factos praticamente considerados ou abstractamente postos em confronto com os problemas sociologicos a que se prendem. As objecções que se nos podem fazer são as seguintes : 1.º, o character politico e social do brasileiro é o mesmo em toda a extensão geographica do paiz, não havendo razão, portanto, para aquella especialisação da adaptabilidade dos sergipanos ao systema de governo democratico ; 2º, só dous annos depois do feito de 15 de Novembro manifestou-se em Sergipe a propaganda republicana.

Quanto a esta segunda objecção, este livro foi feito exclusivamente para respondel-a, destruindo-a com os dados da nossa historia. Quanto á primeira, diremos que são profundas as divergencias que, sem embargo das linhas geraes de similhaça, destinguem os habitantes das diversas zonas do paiz. Tem sido já vantajosamente estudada a dualidade do character nacional, representada pelo brasileiro meridional, de um lado, e o brasileiro septentrional, do outro. Oliveira Martins, em Portugal, Felisbello Freire, Araripe Junior e Sylvio Roméro, no Brazil, têm estudado brilhantemente este curioso e interessante as-

sumpto. Impressionados pela identidade das raças que se cruzaram em toda a extensão do nosso territorio, entregaram-se aquelles escriptores ao estudo de outras causas estranhas á acção do elemento ethnico, que podessem justificar a dualidade apontada.

Explicando o phenomeno pela acção do *meio physico*, affirma o illustrado Dr. Araripe Junior que é elle o «factor estavel da nossa historia, o unico que se consegue apanhar, sem solução de continuidade». Entretanto, pensa diversamente o Dr. Sylvio Roméro, dizendo que o factor estavel, aquelle que tem produzido a differenciação do typo brasileiro, é o elemento ethnico. Temos ainda a considerar a opinião do Dr. Felisbello Freire, segundo o qual neste assumpto não se póde ser exclusivista. Assim, diz este escriptor que o meio e o elemento ethnico são factores «igualmente importantes, igualmente poderosos na phenomenação historica, por isso que da reacção que offerecem entre si, resultará o desenvolvimento.»

Achamos que esse modo de ver explica mais satisfactoriamente o phenomeno, além de estar de accordo com os principios da sciencia. Eis como o mencionado escriptor synthetisa brilhantemente a sua auctorisada opinião: 15

«O meio rege a diferenciação, pela adaptação; a força ethnica rege a integração, pela herança. E como o caracter de um povo é a somma das duas forças, devemos concluir que para sua formação, para o desenvolvimento civilizador, ambas ellas se equilibram. Estabelecemos, pois, o equilibrio das forças mesologica e ethnica como a lei geral que domina a historia brasileira». São essas as mais importantes opiniões sobre o assumpto. Como quer que seja, porém, o facto é que existem diferenças profundas entre o habitante do norte e o habitante do sul do nosso paiz. A corrente immigratoria e os generos de cultura vieram depois aprofundar essas diferenças, já distinguindo cada vez mais a população do norte da do sul, já em cada uma dessas divisões especializando certas tendencias de vida economica e social, que são hoje bem visiveis.

Assim, S. Paulo com a sua lavoura de café, recebendo largamente o contingente da immigração italiana, tornou-se o fóco de uma actividade commercial de primeira ordem, que lhe deu notavel importancia no mundo financeiro e politico. O Rio Grande do Sul e Santa Catharina, por outro lado, foram favorecidos pelo ramo germanico da colonisação; e ninguem póde contestar hoje aos povos destes estados

brazileiros um caracter especial e uma organização social bem distinctas. Outros pontos do paiz, especialmente o Rio de Janeiro, recebem indistinctamente contingentes immigra-tórios de varias raças estrangeiras, que neces-sariamente concorrem para o estabelecimento de condições que não podem deixar de actuar no apparecimento de differenças mais ou menos proximamente bem sensiveis. Estados houve, porém, para os quaes a immigração que tem entrado é unicamente a portugueza, a qual concorre para desenvolver as tendencias que a colonisação, feita por este mesmo povo, em-prestou a essas partes do Brazil.

Neste ultimo caso estão quasi todos os es-tados do norte, com excepção talvez do de Per-nambuco, onde, além dos portuguezes, outros povos têm entrado e vão entrando no movimento do trabalho e na selecção da raça. Lugares houve todavia, para onde depois da independencia do paiz pode-se dizer que nunca mais affluir uma corrente immigratoria qualquer.

Neste caso está Sergipe, que não só deixou de receber o reforço immigratorio para o au-gmento de sua população e o desenvolvimento de suas riquezas naturaes, o que por si só é bastante para emprestar-lhe neste parti-cular condições especiaes e distinctas das <sup>16</sup>

observações em outros pontos do paiz, como principalmente — e este facto é eloquentemente significativo — a contar de uns vinte annos para cá começou a assistir ao espectáculo doloroso da sahida de seus filhos do proprio territorio, n'uma como febre ardente de emigração para outros pontos do Brazil.

Comquanto estejamos apenas incidentalmente tratando deste assumpto, cumpre estudar um pouco que importancia tem elle, bem como fazer uma rapida inquirição de suas causas.

A importancia nos parece indiscutivel. Ha muitos annos que a emigração de sergipanos dá-se em escala mais ou menos consideravel ; mas somente de uns seis annos a esta parte o facto assumiu maiores proporções, ao ponto de hoje poder ser considerado positivamente e de modo inilludivel, como uma das maiores causas do decrescimento da população desse nosso pequeno estado septentrional.

Não podemos aqui deixar de fazer um pequeno estudo sobre a marcha da população sergipana que, tendo sido muito lisongeira nos primeiros tempos depois da colonisação, começou depois a diminuir sensivelmente, conservando-se posteriormente em *statu quo*, soffrendo em seguida um pequeno augmento.

e afinal decrescendo visivelmente, como deixámos dito acima.

Colonizado em 1590 pelos esforços de Christovão de Barros, em quem encheríamos uma das figuras mais eminentes do Brazil colonial, pelos importantes successos em que tomou activa parte com grande brilho para o seu nome já tradicionalmente illustre, Sergipe desenvolveu-se logo com uma rapidez notavel, pelas optimas condições physicas que offerencia aos progressos da colonisação, e talvez tambem por ser um ponto de alto merecimento em meio das luctas que então se feriam, entre os natuaes, os colonisadores e os estrangeiros.

Estes ultimos, antes de conseguirem qualquer dominio, pirateavam pelas costas do Brazil, principalmente no trecho comprehendido entre Bahia e Pernambuco, no meio dos quaes estava Sergipe.

Quaesquer, porém, que fossem as causas, o facto é que em 1607 quasi toda a capitania de Sergipe estava dividida em lotes de terra concedidos por doação, prosperando todos elles ao influxo do espirito de riqueza dos colonos.

Assim é que em 1850, a capitania sergipana, apesar de ser uma das menores da colonia, tinha uma população de 219.620 habitantes.

Em 1858, apenas oito annos depois, uma *¶*

outra estatística feita nessa época na provincia, dá-lhe uma população de 132.640 habitantes, que representa uma differença para menos, em relação á estatística de 1850, de 86.980 almas.

Este facto foi attribuido por Felisbello Freire, em um seu curioso estudo publicado em 1888 na *Reforma*, de Aracajú, á epidemia do cholera-morbus, que devastou a provincia de Sergipe em 1855, e á secca que flagelou-a em 1887. Acreditamos igualmente que essas duas importantes causas produzissem a assignalada baixa na população sergipense.

Examinando, todavia, a estatística de 1872, nota-se apenas um acrescimo de 43.603 habitantes ; isto é, de 132,640, que era a população da provincia em 1850 — 51, passou a ser de 175.243 no recenseamento de 72. Analysando este pequeno augmento de nossa população em um espaço de tempo durante o qual ella quasi podia ter duplicado, o alludido escriptor, que depois publicou um brilhante trabalho sobre a historia de Sergipe, procurou fazer-lhe applicação das leis de Malthus, segundo o qual a população de um paiz augmenta n'uma progressão geometrica, ao passo que os seus meios de subsistencia crescem n'uma progressão arithmetica.

Imbuído das idéas desse grande economista inglez, que tão sabia e profundamente estudou as relações entre a população de um paiz e a produção e o consumo de sua riqueza, Felisbello Freire estudou a acção daquellas leis em Sergipe, examinando quaes as causas da diminuição ou pouco augmento de sua população, causas que não permittiram a realisação pratica entre nós das mencionadas leis.

A primeira causa encontrada pelo illustre historiador «foi a falta de medicos e o pouco apreço que na provincia se dava aos cuidados da medicina». Em seguida trata de uma das causas apresentadas por Malthus de retardamento na marcha das populações—«o pequeno numero de proprietarios relativamente ao de mercenarios e trabalhadores». Emquanto o proprietario, auxiliado pela enorme multidão da classe dos trabalhadores, procura reduzir o salario, estes ultimos empenham-se em elevá-lo, sendo sempre os lesados em virtude da concorrência. Baixa o salario é difficultam-se os meios de subsistencia, sem os quaes os trabalhadores deixam de procurar uma companheira, de contrahir o casamento, escasseando desse modo um dos meios normaes do augmento da população. Pensamos que esta causa importantissima tenha tido largo effeito na popu<sup>la</sup>

lação européa, como áffirma Malthus ; mas não nos parece que ella tenha tido applicação alguma entre nós. Vejamos as palavras do Dr. Felisbello Freire : «Emquanto lá (na Europa) o homem receia casar-se por falta de meios de subsistencia, entre nós dá-se o mesmo, porque o homem é indolente e preguiçoso para procurar o trabalho, por isso que os meios de subsistencia são sufficientes. Serão insufficientes si dividirem se por uma companheira». Argumentando desse modo, pensa o Dr. Felisbello Freire que a lei de Malthus não tem applicação em Sergipe quanto á falta de meios de subsistencia, que na Europa origina a diminuição de casamentos ; mas ao mesmo tempo diz que a subsistencia não falta para o homem que vive solteiro, sendo apenas insufficiente para o trabalhador que toma uma companheira.

Para chegar a este resultado o auctor foi buscar uma estatística dos casamentos em Sergipe, achando as seguintes cifras, extrahidas do recenseamento de 1872 : 48.822 casados e 98.759 solteiros. Ora, isto prova, em nosso conceito, que existia uma muito pequena porcentagem de casamentos effectuados em Sergipe relativamente á sua população ; mas não prova que houvesse diminuição de nascimentos. Para nós os meios de subsistencia em Sergipe davam,

sobretudo naquelle tempo, não só para a alimentação sufficiente do solteiro, como do casado mesmo com prole. E o sergipano, ou casava-se, ou fazia prole por meio do concubinato, o que pôde ser e acreditamos que seja muito triste, sob o ponto de vista moral, para a constituição de uma sociedade ; mas que de modo algum retarda sinão que facilita o desenvolvimento progressivo de uma população. Si os recursos da vida material eram sufficientes para a descendencia illicita, sel-o-iam igual ou mais facilmente para a geração legitima.

Concluiremos, pois, que a citada lei de Malthus não tem applicação á população de Sergipe. Si tivemos effectivamente uma pequena porcentagem de casamentos, conforme o demonstram evidentemente as cifras do recenseamento de 72, em compensação, porém, as uniões illicitas entre nós fizeram-se sempre em larga escala. Por esse lado, portanto, a população sergipana não pôde deixar de ter seguido o seu curso natural de augmento.

Tratando da segunda causa apresentada por Malthus de obstaculo ao accrescimento da população, *o grande numero de ricos proprietarios e o muito pequeno numero de proprietarios de segunda ordem*, diz o Dr. Felisbello que não tem ella applicação á Sergipe. Estamos perfei-  
2-19

tamente de accordo, neste ponto, tanto mais quanto, como demonstraremos adiante, supomos ter encontrado a verdadeira causa do pequeno augmento e da diminuição da população sergipana.

Temos que vêr agora a terceira das causas apresentadas por Malthus — «riquezas exorbitantes e inalienaveis dos ecclesiasticos». Affirma o illustre auctor da *Historia Constitucional da Republica* que essa causa «tem completa applicação aos principios que têm dirigido a nossa civilisação», apoiando o seguinte trecho do Dr. H. J. Rabello sobre a população do Brazil e que é realmente inspirado nas doutrinas de Malthus: «Originaram-se as corporações claudraes, que, ambiciosas de ouro, trataram de amontoar riquezas sobre riquezas, que, tornando-se improductivas, diminuiam o consideravel numero de vantagens, que resultariam á sociedade e á população em geral. A quantas miserias não ficaram expostos individuos, a quem a superstição ou mal entendidos principios obrigaram a fazer donativos, e a beneficiar essas corporações inteiramente pesadas á sociedade? Que commodidades não deixaria muitas vezes de perceber o herdeiro cujo testador tivesse legado uma grande parte de seus bens a esses cenobitas inuteis? Que quantidade de pessoas

não ficaria isenta de adquirir utilidade, existindo essas riquezas em mãos mortas ?»

Commentando esse trecho e aproveitando-o para o estudo da população sergipana, diz o Dr. Felisbello Freire : «E' este o facto palpitante e característico da historia de Sergipe. Salienta-se tanto nelle o elemento religioso, que abafa todas as outras forças sociaes. Isentos de todos os impostos e encargos da sociedade, enriquecidos por differentes doações, os homens da Igreja e a propria Igreja tornaram-se em Sergipe os mais ricos proprietarios nos tempos coloniaes. Entre as ordens que aqui existiam, as irmandades e os templos, distribuiram-se os bens, e por causa delles levantaram-se grandes pleitos. Na collecção de testamentos dos seculos XVII e XVIII, raras são as que não trazem ricas doações ás ordens religiosas, encapellados de terras ás egrejas, etc., com a seguinte declaração—*emquanto o mundo for mundo*. Era o chavão da época.»

Pensamos que ainda essa das causas por Malthus cathegorisadas, não tem applicação á Sergipe, sobretudo quando se estuda o decrescimento de sua população á partir de 1850, que é a data da primeira estatística feita na provincia. Era já o seculo XIX entrando em sua segunda metade. Por mais que as rique-<sup>20</sup>

zas accumuladas pelos ecclesiasticos tenham actuado como causa mesmo indirecta de retardamento na marcha da população brasileira, por mais que essa influencia tenha pesado tambem em Sergipe, onde aliás não ha vestigios de que essas fortunas fossem grandes e muitas, devemos considerar que, tratando-se da população sergipana de 1850 em deante, o pequeno desenvolvimento desta não póde ser attribuido ao effeito da mencionada causa.

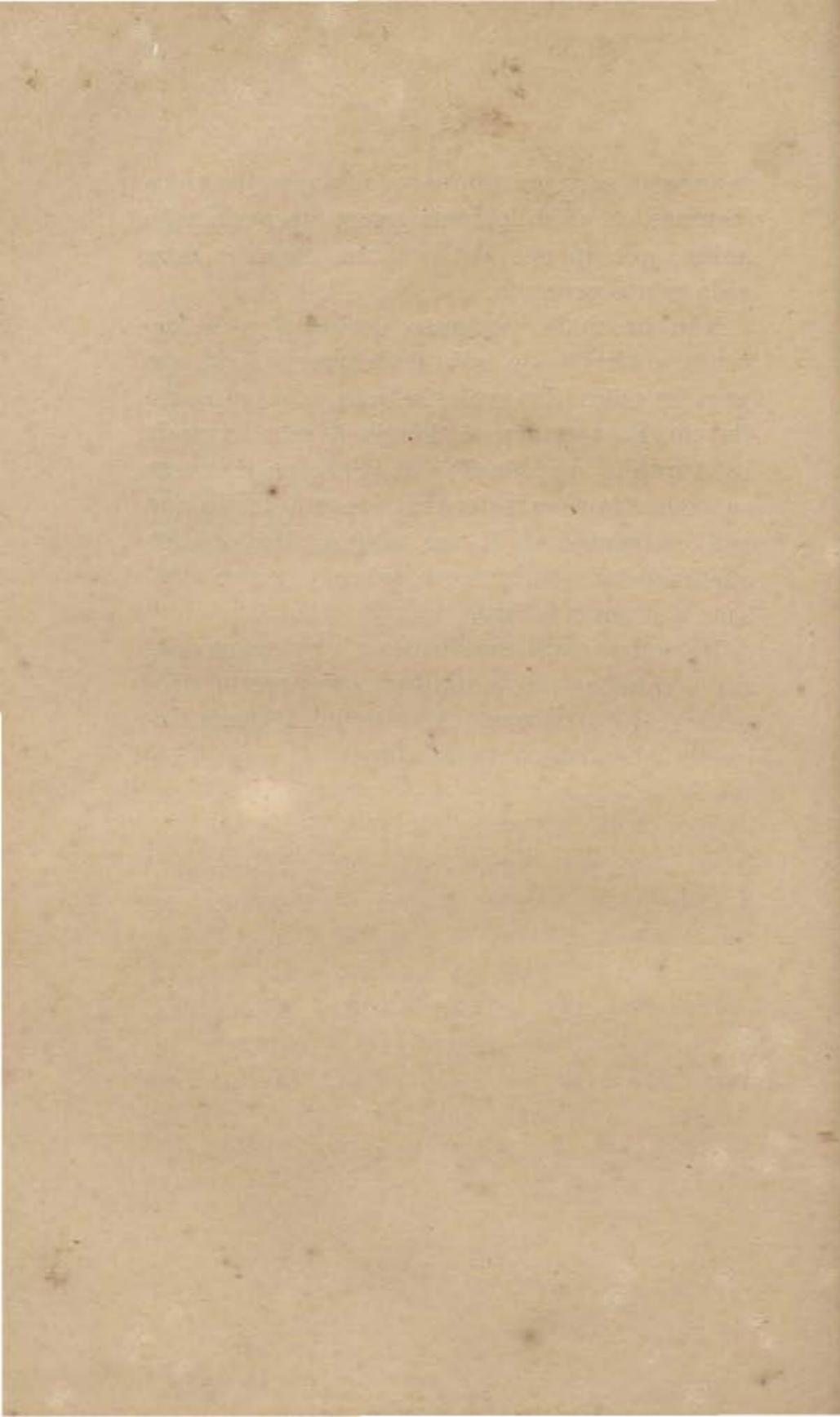
Si a população de Sergipe augmentou sempre até 1850, nos tempos de maior predomino religioso, como pode depois disso ter ella decrescido por causa das riquezas ecclesiasticas, que já diminuiam e definhavam ?

A estatistica de 1858 mostra, como vimos, uma diminuição de 86.980 habitantes, ao passo que as seguintes indicam accrescimos diminutissimos, fóra de todas as leis do desenvolvimento normal da população de um paiz; mas, no principio do seculo actual, já era difficil apontar em Sergipe uma grande fortuna nas mãos de ecclesiasticos. Da data da primeira estatistica em deante nenhuma influencia deverá ter tido a causa em questão, visto como o clero de Sergipe não abafava mais as outras forças sociaes, sinão que, pelo contrario, ia escasseando cada vez mais, perdendo a sua velha

influencia e restringindo-se aos parquissimos recursos, concedidos pelo grosso da população pobre, que apenas lhe podiam garantir uma vida muito precaria.

Não ha mais, portanto, deslocações de fortunas, retiradas do seio das classes laboriosas para as mãos dos ecclesiasticos e da propria Igreja. E, todavia, é depois da estatistica de 1850 que a população de Sergipe decrece ou conserva-se estacionaria, de um modo que está chamando cada vez mais a attenção dos que meditam seriamente sobre o nosso destino e o nosso futuro.

De todas essas conclusões a que temos chegado, resulta que ainda torna-se preciso procurar em outra parte a verdadeira causa daquelle phenomeno assustador. 2)



### CAPITULO III

SUMMARIO : A emigração explica o decrescimento da população sergipana. Estudo desse phenomeno e de suas causas: physicas, politicas e moraes. Fócos para onde se dirigem os sergipanos. Considerações.

Do que ficou dito atraz, do exame rapido que temos feito sobre as causas possiveis do decrescimento da população de Sergipe, resulta que nenhuma dellas é sufficiente para explicar o phenomeno que estudamos. Vimos que algumas das causas apontadas pelo historiador Dr. Felisbello Freire não têm hoje effeito em Sergipe e que outras podem tel-o limitadamente.

Chegamos, pois, ao ponto de onde partimos, antes de passar em revista as condições da população sergipana, cujo desenvolvimento tardigrado, cujo decrescimento, que agora se observa pelos dados estatisticos, pensamos cada vez mais convencidamente ser devido á sahida dos sergipanos para outros pontos do paiz. <sup>22</sup>

Como dissemos no capitulo anterior, é de 1889 para cá que essa emigração para fóra do estado se tem accelerado, constituindo um assumpto digno de ser seriamente encarado pela administração republicana.

Procuremos estudar as suas causas, buscando deste modo prestar um pequeno serviço aos que possam e queiram providenciar sobre materia de tão alta importancia. Nem se diga que o caso não é para isto.

N'um paiz, como o nosso, em que se gastam sommas fabulosas para estabelecer a immigração ; em que, portanto, se reconhece que o principal dos capitaes productivos é o homem, consoante o apregoam todos os economistas, muito deve occupar o poder publico uma grande perda de braços, como aquella que apontamos em relação á Sergipe. De facto. Receber o braço estrangeiro, para incrementar as industrias e todos os ramos do trabalho, é assumpto julgado do mais elevado interesse publico, despendendo-se com elle largas verbas orçamentarias ; logo, abandonar esse auxilio representa um prejuizo correlativo para o progresso material de um paiz como o nosso, cuja natureza exuberante só espera o concurso humano para offerecer os seus variados e immensos productos. Prejuizo, porém, ainç'a

maior é o de perder o braço já existente na produção da riqueza publica. Isto, contrapondo um facto á outro facto. Ha, todavia, razões de ordem differente que emprestam maior gravidade ao phenomeno da emigração no seio de um povo como o sergipano, que justamente precisa do contrario, isto é, da immigração estrangeira.

Quando um povo pouco numeroso deixa de receber o contingente de populações estranhas, dá-se um retardamento na exploração das riquezas da região em que elle habita. Todavia, essa desvantagem é compensada por uma maior homogeneidade da raça, pelo apuro das suas qualidades phisicas e moraes, pela uniformidade dos habitos, das tendencias e mais particularidades que distinguem os grupos ethnographicos.

Em não se tratanto de raças incapazes de progresso, viciadas ou fracas, comprehende-se que taes circumstâncias são vantajosas, ao menos no sentido de que concorrem poderosamente para a formação e o desenvolvimento do nacionalismo. E é por isso que já hoje no Brazil se condemna o excesso da protecção official concedida ás correntes immigratorias. Espiritos previdentes temem muito justamente que de um momento para outro alcan-23

cem ellas supplantar a população nacional. Quer isso dizer que, mesmo reconhecidas as vantajens incontestaveis da' immigração, é necessario não facilital-a demasiadamente, mas promovel-a cuidadosamente e com as devidas restricções.

Acima de tudo, cumpre manter a supremacia da população nacional, com todas as suas qualidades características, as suas aptidões, os seus defeitos e as suas fraquezas — si quizerem — mas tambem com todas as suas tradições de glorias e soffrimentos. Um povo que assim não fizer, morrerá na historia e deixará de realisar no mundo a missão que lhe é reservada no solo que habita, em prol do progresso geral da humanidade.

Concluamos, portanto, que perder individuos da mesma raça que se quer ou se deve acima de tudo manter e individualisar; perder cidadãos nascidos no mesmo solo, adaptados ao mesmo clima, imbuidos das mesmas tradições, irmãos nossos, finalmente, que deviam permanecer para engrossar o contingente do nacionalismo e fazer frente ao estrangeirismo invasor, já que não se póde dispensar de todo a sua collaboração — digamos francamente — é uma coisa triste e dolorosa, porque compromette o nosso

futuro, rebaixando-nos perante os outros estados.

Feitas estas considerações, entremos uma vez por todas no estudo das causas da emigração dos sergipanos.

Da analyse a que temos procedido, das meditações que temos feito, concluimos que essas causas são de tres ordens: phisicas, politicas e moraes. Poderiamos accrescentar ainda uma quarta cathegoria de causas economicas, mas julgamos que estas são apenas a resultante das outras e serão deprehendidas das observações que vamos fazer sobre cada uma dellas.

Na classe das causas phisicas incluimos as irregularidades das estações em Sergipe. Pela devastação das mattas nas zonas de maior cultura do estado, as dos rios S. Francisco, Japaratuba, Cotinguiba e Vasa-Barris, succede passarem-se muitos mezes sem chover em todas essas regiões. (1)

As culturas definham, as safras de canna e algodão, que são as mais consideravais do estado, perdem-se em grande parte e não raro inteiramente. Resulta disso uma crise economica.

---

(1) Como diz Onézime Réclus, chaque branche qui tombe enlève une goutte aux fontaines. *La Terre a vol d'oiscan*, pag. 2. *X*

Paralysa-se o commercio, diminuem os pagamentos de impostos, decresce a renda publica do estado e todas as classes sociaes soffrem directa ou indirectamente as consequencias do accidente physico da falta de chuvas.

Na expectativa de novas crises semelhantes, os menos abastados, os trabalhadores ou operarios da lavoura e até os pequenos proprietarios e cultivadores de terra, appellam para o recurso da saida do estado, em busca de um futuro economico mais estavel. Em Sergipe, como em todo o Brazil, estas resoluções são tomadas e executadas facilmente, pela falta de habito e tenacidade da parte do povo em resistir ás calamidades naturaes, e tambem pelo prompto acolhimento que encontra nas outras regiões do paiz.

i Eis uma das causas. Vê-se que não é ella irremediavel e que um governo previdente poderia obstal-a com medidas intelligente e promptamente executadas. Precisamos, porém, passar adeante, pela natureza synthetica deste estudo, que fazemos apenas circumstantialmente.

As causas politicas actuan mais directamente na classe dos individuos lettrados, que possuem quaesquer documentos officiaes de habilitação litteraria. Nesse numero deve en-

trar tambem um contingente de pessoas que, não sendo embora portadoras desses titulos, mas tendo recebido uma certa educação intellectual, devem por extensão fazer parte da classe apontada de lettrados.

Em Sergipe, no tempo da monarchia, quando a situação politica dominante era a *conservadora*, nenhum *liberal* podia aspirar qualquer collocação nos diversos departamentos da administração publica. Por menos importantes que fossem os cargos occupados pelos membros da politica decahida, operava-se immediatamente a conhecida *derrubada*, por meio de cujo vergonhoso processo, taes cargos passavam a ser preenchidos pelos *co-religionarios*. Inutil seria fazer aqui considerações sobre a serie de males decurrentes de um systema eliminatório, como esse, para a administração publica em seus diversos ramos. Ignaes manejos eram praticados pelo partido liberal, quando tinha em suas mãos as re-deas do governo. Estabelecia-se a perseguição aos orgãos da politica conservadora, que por sua vez ficavam privados de toda a ingerencia nos negocios administrativos.

E' este um facto que se observava em todas as ex-provincias do imperio. Em nenhuma dellas, porém, acreditamos attingisse elle, 25

como em Sergipe, ao exclusivismo intolerante que determinava o completo affastamento dos adversarios politicos.

O resultado desse miseravel estado de coisas, fructo da orientação politica desses tempos calamitosos para a vida nacional, era que, afóra os chefes de partido, em geral proprietarios de grandes fortunas, todo o mundo que precisava viver de uma profissão ligada ao governo, via-se na contingência de emigrar, de affastar-se da provincia e ir promover por ali além os meios de vida. Nem todos podiam supportar o duro periodo do ostracismo, durante o dominio do partido politico adverso.

E' bem verdade que alguns chefes, dominados pelo espirito de solidariedade, chegavam ao extremo de praticar rasgos de generosa protecção, amparando as desgraçadas victimas da intolerancia partidaria ; mas, ainda assim, esse braço paternal não podia naturalmente estender-se a todos os cõ-religionarios e attingia apenas uma minoria insignificante.

Para os outros, para a grande maioria, o problema resolvia-se por meio da emigração, recurso quasi unico para onde appellavam..

Eis ahí uma das feições mais frisantes da causa politica da retirada dos sergipanos para fóra de sua terra.

Por outro lado, porém, vê-se ainda que a administração publica, descurando de todo em todo os melhoramentos e os serviços materiaes urgentes, deixando de remediar ou prevenir as crises sobrevindas ao commercio e á lavoura, concorria indirectamente para as difficuldades da vida individual e collectiva, tornando-se por esse modo um causador passivo da emigração.

Passemos agora ao estudo das causas moraes, pedindo novamente ao leitor desculpa de não alargar-nos nessa explanação das causas da emigração sergipana, pela necessidade que temos de abordar o assumpto capital do nosso trabalho.

Temos visto até aqui duas cathogorias importantes de motivos que compelliam os sergipanos a abandonar a sua patria.

Esses individuos assim affastados de seus lares, ali deixavam entretanto parentes e amigos, muitas vezes a familia inteira, os quaes todos ficavam sujeitos ás mesmas condições de vida difficil e penosa sob cuja pressão os outros se affastavam. Em geral os emigrados procuravam as provincias mais ricas do paiz, Amazonas, Pará, Minas Geraes, Rio de Janeiro e São Paulo. Nesta ultima, sobretudo, punham todos as suas vistas, pela fama de grandes fortu-24

nas ahí adquiridas em pouco tempo na lavoura prodigiosa do café. Sergipanos de todas as classes sociaes, inclusive medicos, bachareis e engenheiros, transportavam-se para os campos e as cidades paulistas, procurando collocar-se na lavoura, no commercio, nas industrias, na burocracia, na clinica, na advocacia, etc.

Só na cidade de Santos, segundo calculos de um curioso compatriota nosso, ha hoje cerca de tres mil sergipanos. (1)

Comprehende-se perfeitamente que essas circumstancias não podiam deixar de impressionar favoravelmente os individuos que, permanecendo em Sergipe, por suas ligações com os emigrados ou simplesmente pelas narativas de suas propicias fortunas, ficavam suggestionados pela idéa de igualmente abandonarem o solo natal e irem partilhar a venturosa sorte dos parentes, amigos ou simples conhecidos nas terras estranhas.

---

(1) Pela estatistica de 1890, verifica-se que, nesse tempo, a população sergipana do Rio de Janeiro (cidade e suburbios, apenas) era de 2.284 almas. Hoje, calculamos em mais do triplo, depois de estabelecida para aqui a navegação directa, que facilitou o exodo da retirada dos sergipanos, vindo os navios e os vapores cheios de gente de todas as classes que abandonava em massa as plagas nativas.

Foi assim que se gerou em Sergipe o habito da emigração, tornando-se dentro em pouco uma febre contagiosa que abalou profundamente a opinião popular, em cujo conceito, d'ahi em diante, só por fóra era licito encontrar as commodidades da vida.

Pessoas mesmo abastadas, possuidoras de importantes propriedades, senhores de engenhos montados com os melhores apparatus para o fabrico do assucar, com vastas terras de cultura, pelo simples motivo de uma baixa no preço de seus productos, deixavam-se levar pelas noticias exaggeradas do commercio de café, no sul, e da borracha, no norte; vendiam os seus bens e propriedades, e atiravam-se ás aventurezas explorações das terras de outras provincias. O café e a borracha eram os unicos productos em que se deviam empregar capitaes. A lavoura da canna desceu no conceito dos mais intelligentes lavradores de assucar, unicamente pela baixa, aliás transitoria, no preço desse genero. São Paulo e Amazonas eram os focos de maior attracção, falados que andavam de bocca em bocca, como se em Sergipe estivesse percorrendo uma propaganda estipendiada para exaltar calorosamente as virtudes inexcediveis daquellas terras. 27

Eis a corrente moral da influencia produzida pelos emigrados.

Pelo effeito das differentes causas que procurámos assignalar, Sergipe tem contemplado a triste expatriação de uma grande parte de seus filhos.

E o mais doloroso é que nesse numero está incluída a mais selecta porção de seus homens eminentes, o que temos tido de mais elevado na representação intellectual do paiz.

## CAPITULO IV

SUMMARIO : Outras causas de divergencia na formação do povo sergipano. Desapparecimento do indio. Escravidão africana. O negro e o branco. Cruzamento dessas raças. O mame-luco e o eabra.

Pelo que temos dito sobre a população de Sergipe e o seu decrescimento motivado pela emigração, cujas causas procurámos estudar nas linhas antecedentes, pôde-se desde já concluir seguramente que condições especiaes presidiram o amanhecer da civilização do povo sergipano e actuam ainda hoje para accentuar essa divergencia em relação á outras partes do Brazil.

Notemos ainda que os indigenas entraram em muito pequena escala na formação do sergipano. Quando se deu a conquista da capitania, sabe-se, pelas narrativas historicas desses tempos, que cerca de vinte mil indios capitaneados por *Boepeba* procuraram resistir á in-28

vasão dos portuguezes, mas que apesar do heroismo selvagem com que defenderam o solo em que habitavam, foram batidos e tiveram que se retirar para os altos sertões, deixando o homem civilisado inteiramente senhor das novas terras. Os poucos que restaram, dispersos em pequenos grupos desorientados depois da lucta, soffreram uma perseguição tremenda e desapiadada dos invasores, os quaes assim praticavam desassombradamente, com sciencia dos altos poderes regios, que permittiam a escravisação desses infelizes selvagens.

E assim procedia em Sergipe o colonizador europeu, portador de uma civilisação pretendida adeantada, porém que entretanto manifestava-se entre nós pelos mais crueis actos de deshumanidade. Felizmente, porém, devido ás circumstancias que assignalámos e que determinaram a fuga dos *morubixabas* com suas tribus, o captiveiro indigena foi muito diminuto em Sergipe.

A desgraçada sorte do homem convertido em machina de trabalho para outro homem, estava reservada aos certamente mais infelizes negros da Africa, trazidos aos milhares nos porões infectos dos *navios negreiros*, onde, accumulados como fardos de mercadorias, vinham para todos os pontos do Brazil.

Sergipe recebeu-os tambem em legendaria porção, assistindo ao desenvolvimento das mesmas scenas do grosso commercio de carne humana, de que foi theatro todo o Brazil, e que a historia das origens da escravidão em nosso paiz registra como tristissimas manifestações de uma das mais desgraçadas fórmãs que tem revestido o espirito de especulação da raça humana.

Muito propositalmente dissemos historia das origens da escravidão no Brazil; porque, em verdade, a escravidão em si mesma, durante a sua felizmente curta permanencia entre nós, não offereceu espectaculos tão negros e terriveis como em outros paizes.

Si algumas scenas deploraveis aqui houve, são ellas proprias da instituição e eram de todo o ponto inevitaveis. Todavia, quando se escrever a historia dos escravos africanos entre nós, estamos certos que veremos, em compensação, largos rasgos de generosidade, quadros tocantes da vida familiar, brilhando como luz suave no fundo desse campo escuro.

Em seu aspecto geral, no desdobramento da vida que aqui levou, a escravidão certamente não figurará na historia nacional desabonando os nossos sentimentos de humanidade. 27

Póde dizer-se verdadeiramente que logo que houve uma população brasileira, logo que tivemos a comprehensão definida de nossa existencia como nacionalidade, tratou-se immediatamente de suavisar a sorte da desventurosa geração africana, que a cubiça do espirito colonizador trouxe para as nossas plagas.

Como diz Sylvio Roméro, «a escravidão, apesar de todos os seus vicios, operou como factor social, modificando nossos habitos e costumes. Habilitou-nos por outro lado a arrotear as terras e supportar em descanso as agruras do clima. Desenvolveu-se como força económica, produzindo as nossas riquezas, e o negro foi assim um robusto agente civilizador. O cruzamento modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes e produziu o mestiço, que constitue a massa de nossa população, e em certo gráu a belleza de nossa raça. Ainda hoje os mais lindos typos de nossas mulheres são essas moças ageis, fortes, vividas, de tez de um doce amorenado, de olhos negros, cabellos bastos e pretos, saudias, jovens, em cujas veias circulam, por certo já bem diluidas, muitas gottas de sangue africano.

« O trabalho escravo foi todo o nosso passado e, para vergonha nossa, é todo o nosso

presente. O negro influenciou em toda a nossa vida íntima e muitos de nossos costumes nos foram por elle transmittidos. Não foi provavelmente isto um grande bem ; mas é um facto irrecusavel. (1).

Não nos cabe, entretanto, a responsabilidade desse facto, aliás irrecusavel, como affirma o illustrado escriptor. Além disso, cêdo comprehendemos que tinham sido os pobres escravos os verdadeiros fundadores do trabalho e principalmente da industria agricola entre nós. Bem entendidamente quizemos pagar-lhes essa divida de gratidão, dando larga expansão aos nossos sentimentos de generosidade.

Eis a verdade historica — verdade de factos de hontem, não ha duvida, — mas que cumpre ir esclarecendo.

Deixando de lado as circumstancias, sobre as quaes não nos cumpre aqui alargar-nos, veremos que, afastados os indigenas, o cruzamento que se ia operar para a formação do povo sergipano, deu-se quasi que exclusivamente entre o branco e o negro, começando desde logo a apparecer como fructo dessa fusão, o *mulato*, que constituiu-se o primeiro typo do

---

(1) *Hist. da Litteratura Brasileira*, vol. I, pagina 108. 30

mestiço, do verdadeiro representante da nova nação, do brasileiro actual, em quem, afóra apparencias externas de côr que a sciencia hoje considera como secundarias, predominam as qualidades superiores da raça branca, que, como mais forte, mais numerosa e intelligente, supplantou na concorrência todas as outras.

Productos do indio, que foi o nosso elemento ethnico menos preponderante, com o branco ou o negro, o *mameluco* e o *cabra* foram naturalmente muito mais raros em Sergipe do que o *mulato*, fructo das raças branca e preta que, como vimos, ficaram sendo quasi as unicas a se disputarem entre nós, na formação da sub-raça, o sergipano actual. E, como esse facto não se deu em todo o Brazil, sinão que nas outras provincias variou profundamente a preponderancia daquelles elementos ethnicos, sem falar ainda nos factores estranhos que entraram em algumas dellas, conclue-se seguramente que existe mais uma razão para affirmar-se que uma direcção especial foi dada á marcha da civilisação sergipana.

Mau grado nosso intuito, alongámos talvez em excesso o desenvolvimento das provas necessarias para prevenir e rebater a objecção que se nos poderia fazer — de que são identicas as condições politicas e sociaes da população

brazileira em toda a extensão geographica do paiz, segundo formulámos no primeiro capitulo.

Ao contrario disso vimos, rapidamente embora, quantos elementos existem desde longa data, aos quaes vieram se junctar posteriormente outros, que se acham por ahi espalhados, determinando todos elles differenças importantissimas na marcha da civilisação dos diversos estados da Republica.

Vimos, mais minuciosa e detalhadamente, aquellas differenças que diziam respeito á Sergipe e que não podem deixar de ter imprimido um cunho particular ás suas condições politicas, moraes e economicas. Conforme essas condições, toda e qualquer propaganda de ordem moral que viesse se estabelecer em seu seio, assumiria necessariamente uma feição adaptada ás circumstancias do meio encontrado.

Foi o que se deu com a campanha republicana, cujo desenvolvimento em Sergipe vamos procurar estudar desde as suas origens mais remotas. E, como esse é o alvo que temos em vista, si conseguirmos alcançal-o, terminando o nosso modesto trabalho, teremos igualmente destruido a segunda objecção que figurámos como possivel de nos ser apresentada, isto 31

é, de que só dois annos antes de 15 de Novembro manifestou-se em Sergipe a propaganda democratica.

Chegaremos assim a demonstrar a nossa primeira these: nenhum outro povo do Brazil estava mais apto do que o sergipano para receber a fórma de governo inaugurada pela revolução de 1889.

## CAPITULO V

SUMMARIO. Critica da opinião de Balthazar Góes sobre a idéa republicana em Sergipe e no Brazil. A lei de 13 de Maio e o pretendido despeito da lavoura. A classe agricola e a escravidão em Sergipe. A questão da indemnisação.

Não foi certamente em balde que formulámos a objecção que se nos poderia apresentar, de que o movimento dos principios democraticos só começou a manifestar-se seriamente em Sergipe cerca de dois annos antes da inauguração do governo republicano. O livro do professor Balthazar Góes, a que nos temos referido, auctorisa inquestionavelmente essa supposição.

Como dissemos em começo, esse aliás illustre escriptor não se dedicou a investigações historicas para fazer o seu mencionado trabalho. A consequencia disso foi que o auctor, esquecendo talvez que nada existe sem antecedentes, apenas historiou a ultima phase de nossa pro-32

paganda republicana, tratando somente dos homens que a fizeram com verdadeiro ardor patriótico no memoravel club de Larangeiras e em alguns outros que se fundaram em varios pontos da provincia depois da lei de 13 de Maio de 1888, que deu o derradeiro golpe na instituição da escravidão.

Segundo Balthazar Góes, antes dessa lei «devava uma vida muito theorica o partido republicano do Brazil; seus sectarios declarados eram bem conhecidos no paiz». (1)

Esta simples citação é bastante para avaliar-se o pessimismo de que está revestido e a opinião especial que nesse assumpto tem o escriptor, para quem a Conjuração de Minas, a Republica de Piratinin e as revoluções de Pernambuco, para só citar os acontecimentos culminantes da nossa historia republicana, não passaram do dominio abstracto da theoria para o terreno pratico.

Quando o auctor assim se manifesta, referindo-se ao movimento geral do partido em todo o paiz, não é muito que o vejamos *suppor que nenhum republicano de Sergipe seja anterior a 1870*; que desta data até 13 de Maio só tenha

---

(1) *A Republica em Sergipe*, pag. 10.

visto entre nós 19 batalhadores do novo ideal politico. «Si mais alguns havia por ahi, diz elle, que se conservaram firmes em suas idéas, desde antes de 13 de Maio até a proclamação da Republica, não os conhece o auctor». (1)

Entretanto—convém affirmar-o desde logo — quem assim fala é um espirito verdadeiramente republicano. Ninguem foi mais inimigo das instituições monarchicas do que este modesto professor sergipano. Era democrata por indole, por uma necessidade ingenita de sua propria organização moral. Repugnava-lhe a monarchia pelo que é em si mesma como fórma de governo, abstrahindo dos representantes que tinha entre nós e dos males que uma e outros nos tivessem causado.

Nunca vi defender com tanto ardor e tão grande convicção o principio politico do governo do povo p. lo povo, como o fazia Balthazar Góes, em todas as occasiões opportunas, á proposito de todos os assumptos que ahi o podiam levar.

Era um ardente propagandista, usando desta grande arma para nós povo sem muitos meios de cultura—a conversação. Não admittia res-

---

(1) *B. Góes. Obr. cit.*, pag. 11. 33

tracções ás suas idéas ; transacções, contemporisações, foram sempre para elle uma coisa repellente.

Nasce d'ahi o seu intransigente exclusivismo.

Quando proclamou-se a Republica teve elle que fazer parte do triumvirato que administrou Sergipe até a chegada do governador nomeado pelo Governo Provisorio.

Não ficou muito tempo satisfeito nesse posto. Possuindo idéas proprias, mas nunca tendo conhecido as pequenas conveniencias a que estão sujeitos os mais bellos governos do mundo, Balthazar Góes deixou a administração do novo estado aborrecido e deserente já daquella pureza de principios que elle parece ter acreditado a nova forma de governo traria de um momento para outro.

Não quiz vêr, por ventura, que a lucta mais renhida dos principios democraticos com os preconceitos, a frouxidão moral e o relaxamento de costumes inherentes ao governo passado, iria travar-se desde então, depois de 15 de Novembro de 1889. As velhas instituições passaram ; mas os homens ficaram sendo os mesmos, imbuidos dos defeitos e dos vicios longamente praticados.

Forçoso era, por conseguinte, esperar que

dia a dia, heroicamente, a Republica conseguisse fazer fructificar o seu trabalho de democratização, pelo desaparecimento das praxes e das formalidades absurdas que herdámos do passado. E vimos, mais tarde, como essa tarefa aparentemente suave tornou-se por vezes dolorosa, com o derramamento de sangue de nossos proprios irmãos, nas desgraçadas luctas civis que temos presenciado nos ultimos tempos.

Retirando-se ao viver calmo no seio da familia, mergulhando outra vez o seu espirito em um afastamento *systematico* de todas as agitações da vida publica, Balthazar Góes emprehendeu o *commettimento* de historiar os successos da propaganda republicana em Sergipe, servindo-se, por esse modo, do grande numero de materiaes que possuia, já como uma das individualidades mais activas desse movimento, já como membro que foi da junta governativa provisoria.

O exaggerado escrupulo com que fez esse trabalho, deixando transparecer nelle toda a energia e intolerancia (1) de seu character explica o

---

(1) Não são palavras nossas *Intransigentee intolerante*, chamou-o o illustre professor Eutychio Lins nos bellos traços *biographicos* que escreveu sobre Balthazar Góes. Vide *Republica em Sergipe*, pag. 29. 34

pessimismo com que o auctor apenas viu *uma vida muito theorica* no partido republicano do Brazil antes de 1870, assim como só encontrou onze republicanos em Sergipe antes de 13 de Maio de 1888. Entretanto, cumpre contestar ambas essas affirmações, por isso mesmo que partem de um nobre espirito de democrata convicto, que se deixou arrastar pelos impulsos de sua organização moral.

Como dissemos em outro lugar, a aspiração republicana não soffreu entre nós soluções de continuidade. E, para proval-o, escusado é já hoje fazer novas indagações, depois que esse bello trabalho foi executado pelo illustre historiador da democracia nacional. Entre muitas outras citações que sobre o assumpto poderíamos fazer, distinguiremos os seguintes trechos bastante frisantes: « Nas nossas tradições — diz o auctor referindo-se ao principio republicano — eil-o ahi a dominar as gerações que se succederam até nós, levantando o espirito de revolta e de protesto, aqui e ali, desde os tempos coloniaes em Minas, Bahia e Pernambuco, até os tempos do imperio. nessas mesmas provincias e no Rio Grande do Sul.

« O poder de sua influencia, o vigor de sua solidariedade a reunir os homens em fócios revolucionarios, a estender-se em uma grande ex-

tensão territorial, attentando contra as instituições, é o que se apura nestes acontecimentos que tanto perturbaram a paz do imperio, até ás phases adiantadas do segundo reinado.

« Em todos esses successos, o que se vê, o que se sente, é o principio da Republica em acção a estimular o civismo e os brios do brasileiro contra o direito de uma dynastia, impellida pelos accidentes da historia á proclamar no Brazil a instituição monarchica, em nome da opinião nacional, quando nos antecedentes do paiz o que vemos é, de um lado, o elemento nacional a protestar contra ella, e do outro, o elemento estrangeiro a impôl-a como organização institucional da nação. Nossa historia politica resume-se nesse conflicto entre monarchia e republica.

« Não foram aspirações isoladas, circumscriptas ao apoio de pequenos grupos. Generalisaram-se, formando um estado subjectivo sem solução de continuidade, propagado de Minas á Bahia, Pernambuco e muitas capitánias do norte.

« Basta vêr que de 1789, quando ellas assumiram uma forma mais definida, a 1824, quando se concentram a seu favor os esforços de muitas capitánias confederadas, ellas já tinham percorrido uma grande extensão terri-<sup>35</sup>

torial, em 35 annos, sem as facilidades dos meios de propaganda e communição indispensaveis á generalisação de qualquer idéa». (1)

Quanto ao despeito da lavoura, em que o auctor fala tão repetidas vezes em seu livro, preoccupando-se tanto com este facto que marcou a data de 13 de Maio como ponto de partida para classificar os republicanos de Sergipe, julgamos que vae nisso uma dose de injustiça para com a honrada classe dos agricultores sergipanos.

Vejamos os períodos em que o pensamento do escriptor é mais claramente expresso: «O 13 de Maio—diz elle—conquista da evolução social, com cujos despojos opimos a princeza pretendeu locupletar sua vaidade, para, ornada com elles, apparecer sympathica perante a nação, arrebatando-lhe o throno que a fatalidade já reservava á soberania popular; o 13 de Maio, bolindo com o principal órgão da vida,—o estomago, e o estomago da classe *ma-ter* do Brazil,—a lavoura,—pois é a lavoura que nos sustenta, arrancou do seio desta muitos e fervidos adeptos». (2)

Adeante, indagando onde o organisador do

---

(1) Felisbello Freire. *Hist. Const. da Republica dos Estados Unidos do Brazil*, pag. 4.

(2) B. Góes, *obr. cit.*, pag. 40.

partido republicano de Sergipe fôra encontrar maior somma de adhesão, responde que foi na lavoura, «lá, onde o justo despeito pelo prejuizo do 13 de Maio tinha ateado a faisca da rebellião contra o passado.» (1)

A historia já mostrou, á toda a evidencia, que esse despeito nunca existio. Em primeiro lugar, affirma-se hoje com segurança que a propaganda abolicionista não foi mais do que uma feição assumida pela propaganda republicana.

A primeira tinha interessado por fim a toda a alma nacional, só encontrando resistencia nos interesses do throno, justamente porque este firmava-se na escravidão como um dos seus melhores sustentaculos.

Muitos factos provam essa verdade inconcussa, bastando simplesmente lembrar que o governo imperial não só permittiu a continuação do trafico de escravos depois do tratado que para prohibil-o foi celebrado em 1826 com a Inglaterra, occasionando a reescravisação de trezentos mil africanos, como levantou sempre os maiores obstaculos ao movimento abolicionista. Foram tantos e tão recentes os actos que revelaram essa attitude do governo monar-

---

(1) *Obr. cit.*, pag. 42. 36

chico, que escusa rememoral-os aqui. Para synthetizar-a em uma só phrase, basta dizer-se que a unica voz destoante na corrente abolicionista que avassalava o espirito da nação brasileira, era a do governo, o qual obrigava a força publica a caçar negros nas mattas, distribuindo para esse fim contingentes do exercito nacional em tão grande proporção, que cabia um soldado para cada escravo, conforme o affirmou em plena camara um deputado do tempo.

Como diz Felisbello Freire, todas as classes sociaes reclamavam a abolição. Os mesmos proprietarios libertavam espontaneamente os seus escravos. Depois de protestar contra o erro daquelles que encheram na maior effervescencia que teve a propaganda republicana depois de 13 de Maio uma corrente de despeito, acrescenta o citado auctor: «A monarchia, em face da questão, foi de uma inepecia inqualificavel, porque, não podendo deter a onda, não soube evitar o desastre economico da reforma, tendo tempo de sobra para cogitar deste lado do problema, lado que directamente olhava os interesses das classes productoras.

« E o phenomeno vulgar que se appreciou, da classe agricola vir alistar-se nas fileiras repu-

blicanas, e na qual a monarchia sempre vio um poderoso apoio, não foi mais do que o resultado de simples lei historica. Foi o effeito da pressão economica, collocando-a na situação precaria de ser apanhada por uma reforma que instantaneamente abolio o regimen do trabalho escravo, sem previamente preparar os elementos do trabalho livre.

« O abalo profundo com que repercutio na lavoura, collocada na contingencia de não ter mais o braço escravo, e de não ter ainda o braço livre para substituil-o, trouxe-lhe ainda a convicção de que só na inepecia e na indifferença do governo estava a causa dos seus prejuizos, não estabelecendo reformas preliminares, afim de corrigir as da abolição do trabalho escravo, contra o qual se levantava a opinião da nação em uma ardente propaganda desde 1870. A classe agricola não podia isentar-se dessa pressão economica em que a collocou a inepecia traidora do poder publico, indifferente aos seus interesses e ao seu bem estar. Não podia abrir excepção a uma lei que dicta os acontecimentos sociaes.

«Batida pelo choque de uma transformação profunda, cujos máos effeitos o governo tivera tempo de sobra para corrigir, plantou-se em seu espirito a convicção da imprestabilidade»<sup>37</sup>

das instituições e para seu seio agora vasio deslocou-se a corrente de convergencia dos ideaes republicanos. Ahi está a explicação real de facto.» (1)

Em Sergipe as condições não eram outras e a explicação do phenomeno é necessariamente a mesma. Ligado á classe agricola da provincia, onde achava-se ainda como estudante de preparatorios nos dias gloriosos da propaganda consequente victoria abolicionista, sabe o auctor destas linhas quaes os sentimentos nobres que dominavam os representantes da lavoura sergipana em relação á esse importante problema de nossa vida social e economica.

Já tivemos occasião de affirmar que a escravidão no Brazil não adqueriu o aspecto de ferocidade humana, como succedeu no seio de outros povos de que nos fala a historia. Casos isolados, verdadeiras excepções constituidas pelas scenas de selvageria algumas vezes praticadas pelos senhores contra os escravos, ou por estes contra aquelles, afastavam-se tanto da nórma geral de vida entre elles, que a opinião publica olhava-os como crimes communs, inevitaveis accidendes sociaes que se desen-

---

(1) *Obr. cit.*, pag. 77.

lam no seio das nações mais civilisadas, fóra mesmo da esphera negra da escravidão. E' esse o testemunho de todos os observadores nacionaes e estrangeiros que se têm pronunciado em relação á esse importante departamento de nossa historia.

Relativamente á Sergipe, podemos falar com conhecimento de causa, com o resultado de observações proprias. O nosso povo é extremamente pacifico, ordeiro e possuidor em alto gráu desse nobre e sincero sentimentalismo que caracteriza a raça latina.

Tanto quanto podemos recuar ao periodo da existencia da escravidão, desde que nosso espirito foi-se abrindo ao conhecimento do meio em que viviamos, os escravos sergipanos passavam uma vida relativamente suave, parecendo mais um prolongamento *sui generis* da familia, do que, como em outros logares, uma raça miseravel de gente convertida em propriedade material de trabalho e vertendo sangue á vergalhadas de chicote. Para honra de Sergipe, os senhores ferozes foram rarissimos entre nós e apontavam-se á dedo nas agglomerações de proprietarios. Lembramo-nos ainda que em toda a consideravel zona assu-careira do valle do Cotinguiba falava-se com indizivel horror de um tenente-coronel João

Gonçalves, de quem dizia-se que era uma verdadeira féra nos castigos deshumanos que prodigalisava aos seus escravos.

Em regra, porém — e esta é a nossa these — o senhor sergipano era para os seus captivos de umas raras vezes desmentida paternidade benevolente, caracterisada pela brandura nos meios de repressão, nos cuidados por occasião das molestias e no desprendimento com que facilitava a libertação, mediante pequenas retribuições, ou á simples titulo de recompensa de serviços.

Assim nos externando sobre a sorte dos escravos e a benevolencia dos seus possuidores em Sergipe, não adduzimos uma opinião despidida de fundamento historico.

Em uma importante memoria escripta em 1808 pelo vigario da Bahia Marcos Antonio de Souza, leem-se as seguintes palavras que apoiam fundamentalmente a nossa observação:

« São muito activos os moradores de Sergipe, que emprehendem este ramo de lavoura, porque com vinte captivos fazem maior quantidade de assucar do que muitos ricos lavradores do reconcavo da Bahia com os enfraquecidos braços de cem escravos. Mas eu descubro e apresento a razão de proveito tão vantajoso. Alli são mais bem tratados estes homens des-

graçados, sujeitos á lei do captiveiro ; são nutridos com os saudaveis alimentos de vegetaes com feijões e com milho que por toda a parte colhem com abundancia. Os escravos do reconcavo da Bahia se nutrem com o escasso e nocivo alimento de carne salgada do Rio Grande ; suas pequenas casas são cobertas de palha e mal os agazalham do rigor da estação, quando as senzalas em Sergipe são cobertas de telhas. Os escravos são vestidos de algodão manufacturados pelas escravas, quando os do reconcavo pela maior parte parecem mudos orangotangos. Ahi se lhes permite a mais doce sociedade ; podem casar-se com as escravas da mesma familia, e ainda de outra, quando os proprietarios da visinha Bahia embaraçam a liberdade do matrimonio, obstando a este contracto santo, esse grande sacramento como escreve o apostolo.» (1)

Como se vê, é um depoimento authenticico,

---

(1) Marcos Antonio de Souza, *Memoria sobre a capitania de Sergipe, sua fundação, população, productos e melhoramentos de que é capaz*, pagina 11, 1808.

Esse trabalho, um dos mais valiosos subsidios que conhecemos para a historia de Sergipe, jazia esquecido no Museu Britannico, em Londres, de onde saiu para ser publicado, pelos esforços do illustre sergipano Antonio José Fernandes de Barros. 37

feito por um padre que residio longos annos em Sergipe e que conhecia tambem a Bahia, onde se achava ao tempo em que elaborou a sua minuciosa e interessante memoria historica sobre nossa terra. Aquillo que a observação nos tinha mostrado constituia positivamente uma norma antiga de conducta dos sergipanos, claramente salientada pelo auctor, quando affirma que os escrâvos entre nós tinham *a mais doce sociedade*.

Alcancamos apenas os ultimos annos anteriores ao acontecimento de 13 de Maio de 1888. Por esse tempo já o ruido da campanha abolicionista rebentava de todos os lados do paiz, como um impulso forte e generoso da alma brazileira.

Notava-se então entre os fazendeiros de Sergipe a justa preocupação da crise que sobreviria com o desaparecimento do braço escravo em uma terra como a nossa, onde nenhuma medida tinha sido executada para a organização do trabalho livre, onde havia enorme falta de braços, visto como para ella nunca se estabelecera uma corrente immigratoria qualquer.

Comprehendiam todos que a transformação das condições do trabalho tinha de ser feita mais dias menos dias, com a redempção immi-

nente dos captivos, vendo ao mesmo tempo que a ineptia governamental olhava a situação indifferentemente, sem cogitar ao menos na introdução de alguns elementos com que essa fatal transformação se fizesse com poucos abalos no seio das diferentes classes, principalmente a dos proprietarios, cuja vida economica a reforma viria affectar mais profundamente.

Ninguem, todavia, cogitava de reprimir o movimento, ou mesmo de manifestar-se contra elle. Dir-se-ia que os senhores de escravos abandonariam desde logo os seus direitos sobre estes, se por ventura lhes tivessem fornecido braços para a lavoura. Muitos proprietarios tinham já, por iniciativa propria, encetado a reforma do trabalho, empregando homens livres na lavoura mediante o pagamento de salarios. Desse numero eram principalmente os senhores de engenho Ricardo Curvêllo, Francisco Nogueira, Cyro de Menezes, Antonio Curvêllo e outros. O primeiro, que, cerca de 15 annos antes da lei da abolição da escravatura, montara um engenho de assucar, alforriara desde logo os escravos que lhe couberam por herança, começando nessa afastada epoca a cultivar a lavoura por aquelle processo inteiramente novo ainda em Sergipe *etc*

cheio de immensas difficuldades, pela escassez de trabalhadores livres que quizessem sujeitar-se ao trabalho rural nos engenhos de assucar. Havia da parte destes uma especie de repugnancia em desempenhar misteres que por toda a parte em redor eram confiados aos escravos.

Os outros proprietarios iam empregando pouco a pouco o braço livre, dispensando finalmente todo o serviço dos escravos antes do decreto de 13 de Maio.

Desculpar-nos-ha certamente o leitor que em roda dos nomes que citámos, mencionassemos as circumstancias que acabam de ser expostas, visto como apenas queremos nos utilizar dellas em abono de nossa these geral sobre os proprietarios sergipanos.

Nos engenhos daquelles lavradores reuniam-se muitas vezes varios senhores de outros engenhos, que procuravam estudar as condições do trabalho livre, buscando desse modo receber sem choques imprevistos a abolição, que julgavam imminente, mas que por outro lado comprehendiam ser uma necessidade de ordem social para o paiz. Aguardavam a reforma do trabalho, buscando apenas attenuar as perturbações economicas que traria necessariamente, pela imprevidencia do go-

verno imperial em não ter disposto as condições materiaes do paiz para recebê-la.

Por esse prisma encaravam os proprietarios de Sergipe a phase aguda da propaganda abolicionista. Os mais abastados, os que possuíam melhor cultivo intellectual, sabendo uns e podendo outros mais facilmente sopitar os interesses proprios em uma questão que tão altamente ligava-se á civilisação e dizia respeito á dignidade nacional, libertavam em massa todos os seus captivos, tornando-se entusiastas apologistas do movimento emancipador. Os outros todavia não o hostilizavam, e todos em geral buscavam apenas reunir os elementos para recebê-lo com a menor somma possível de prejuizos.

Foi nessa situação que chegou o memoravel dia 13 de Maio de 1838, encontrando os lavradores sergipanos sinão preparados em geral, por culpa que não era delles, ao menos dispostos para receber a reforma como uma necessidade indeclinavel do progresso nacional.

As festas em commemoração da justamente chamada *aurea lei* foram celebradas na cidade de Larangeiras, onde mais ardente tinha sido a propaganda, com o concurso numeroso e espontaneo de todas as classes, inclusive a da

lavoura, em meio de um regosijo civico, de que não havia exemplo naquella terra. Foi um espectáculo verdadeiramente digno de um povo que abraça as brilhantes conquistas da civilisação.

Um outro facto é igualmente expressivo em patentear o nobre desinteresse da classe da lavoura em Sergipe.

Sabe-se que depois da abolição agitou-se no paiz uma campanha de indemnisação aos ex-possuidores de escravos, sob o falso fundamento de uma pretendida garantia ao direito de propriedade. Felizmente foram poucos os seus propugnadores. A propriedade escrava, sendo uma sobrevivencia ancestral de outros tempos, mal podia continuar neste quartel de seculo reconhecida pelos codigos modernos, dos quaes os mais atrazados achavam-se já imbuidos da nova corrente de liberalismo, contendo disposições visivelmente incompativeis com essa permissão concedida a um homem de gosar direitos sobre a pessoa e serviços de outro homem.

Apezar disso, porém, a questão foi agitada. Houve orgãos da imprensa que lhe deram entrada em suas columnas, e alguns oradores serviram-se da tribuna para defendel-a.

Em Sergipe só nos lembramos de um adepto

decidido dessa campanha *sui generis*. Cre nos que outro não houve.

O Dr. Homero de Oliveira, bacharel formado havia poucos annos pela faculdade de direito do Recife, fez-se patrono da indemnisação, abrindo para propagal-a uma serie de conferencias na mesma cidade em que se agitara e tão denodadamente desenvolvera a propaganda abolicionista. Só fez, entretanto, a primeira conferencia.

Os que mais podiam se interessar pelo assumpto, os lavradores, ficaram indifferentes, acreditando por ventura desde logo na inaniidade dos argumentos produzidos pelo illustre defensor da indemnisação, aliás um orador verboso e um bello talento, quiçá mal cultivado ainda ao ponto de esposar uma causa insustentavel perante os principios em voga no seio das sciencias em que se bacharelara.

Si algum membro da classe agricola alimentou illusões á respeito dessa indemnisação que o orador affirmava havia de vir necessariamente, não o sabemos. Todavia isso fôra natural da parte de alguns espiritos menos esclarecidos, já porque a media da cultura no Brazil é infelizmente ainda muito baixa, já porque as condições mesmas da classe não lhes permittiam acompanhar com seguro crite 42

ri a marcha dos phenomenos politicos e sociaes.

Eis os motivos pelos quaes negamos de todo em todo o despeito allegado pelo auctor da *Republica em Sergipe* contra a sinceridade das adhesões republicanas que partiram dos lavradores de nossa terra. Si estes em grande numero assim praticaram, é porque comprehenderam então bem claramente toda a imprestabilidade do regimen monarchico. Pouco importa tivesse sido a questão abolicionista que lhes dêsse oportunidade de vêr a imprevidencia e a má vontade do governo imperial, deixando de preparar o paiz para o trabalho livre.

O que se apura, o que a historia recolhe como suprema expressão da verdade dos factos, é que a monarchia apegou-se á escravidão como sendo para ella uma condição de vida, já concorrendo para o seu desenvolvimento na acquiescencia prestada á reescravisação de africanos, como fez em 1826, já oppondo-se sempre ao movimento emancipador com todos os elementos de que dispunha, como vimos nos ultimos tempos da questão.

## CAPITULO VI

SUMMARIO : Indagações historicas. Primeiras idéas republicanas no Brazil. Revolução de Minas em 1789. Situação de Sergipe nessa epoca. Questões com a Bahia e difficuldades internas. Revolução pernambucana de 1817 e seus effeitos em Sergipe.

Subamos agora os degrãos da historia. Até aqui temos tratado de assumptos que em sua maior parte são por assim dizer de hontem. Busquemos encontrar o povo sergipano em face das gloriosas tradições da idéa republicana no Brazil.

Atravez das peripecias do nosso passado, das injustiças de que fomos sempre victimas por parte do governo colonial e especialmente por parte da capitania da Bahia, que attentou contra a nossa emancipação, que nos roubou terras das fronteiras meridional e occidental, que, em summa, nos trouxe sempre presos pelos laços de sua politica e de seu commercio; atravez de todos esses revezes que o povo sergipano soffreu algumas vezes resignadamente, 43

outras vezes protestando em vão, pelo nenhum apreço que lhe dava o governo geral ; atravez de tudo isso —era natural que os nossos antepassados tivessem tido desde logo a comprehensão mais ou menos clara de que era preciso voltar as vistas para uma organização politica mais igualitaria e justiceira, e affagassem o ideal republicano que a corrente liberal espalhava pelo mundo, convulsionando as sociedades, acenando-lhes com os luminosos principios das liberdades publicas, que deviam ser consagradas nos codigos politicos para felicidade e progresso de todas as nações da terra.

A primeira manifestação definida da idéa republicana no Brazil, foi a revolução de Minas Geraes, em 1789, de que tornou-se protogonista o celebre vulto historico de Tiradentes.

E' um acontecimento esclarecido já pelos importantes e profundos estudos que sobre elles tem se feito entre nós. Destacamos, todavia, como a melhor synthese que temos lido desse grande feito precursor da civilização democratica em nosso paiz, a parte que em seu bello livro das *Festas Nacionaes* foi-lhe consagrada pelo Dr. Rodrigo Octavio. (1)

---

(1) Rodrigo Octavio. *Festas Nacionaes*. 1893, pag. 171.

Ao tempo da inconfidencia mineira Sergipe achava-se em um periodo tal de desorganisação social e administrativa, que não lhe permittia ouvir o sopro das idéas liberaes que corriam pelo mundo. Nos annos anteriores as administrações mal tinham podido cuidar dos nossos limites com a Bahia. Em 1696 D. Juan de Lancastro, ampliando o territorio sergipano pela parte meridional, alcançara que nelle ficassem comprehendidos os futurosos e ricos districtos que tinham suas sedes nas povoações recentemente fundadas de Inhambupe, Itapicurú e Abbadia. Como por essa epoca a jurisdicção das capitancias se manifestava principalmente pela intervenção das auctoridades judiciarias, em virtude do grande numero de questões que se agitavam, originadas das confusas demarcações das terras, succedeu que os ouvidores de Sergipe entraram logo em disputa com o governador da Bahia, que queria privar-lhes a intervenção nos pleitos agitados nas novas circumscripções que passaram a ficar sob a alçada dos poderes sergipanos.

Além dessa origem de graves perturbações, succedia mais que davam-se no interior da capitania sublevações de indios, que igualmente absorviam as vistas das administrações, e alarmavam os particulares. 44

Continuavam tambem as tradicionaes luctas intestinas entre capitães-móres e ouvidores, tudo concorrendo para um deploravel estado de incertezas e difficuldades de toda ordem, que se caracterisava pela exiguidade das rendas publicas e pela extrema penuria da vida individual e collectiva.

Vê-se, pois, que o momento não era propicio para a propaganda de idéas politicas. Por um lado, o povo, a braços com as difficuldades economicas, não podia tomar a iniciativa de uma reforma de ordem moral; por outro lado, o governo estava alerta diante da revolução que se manifestara no sul, e recomendava ao seu delegado na capitania sergipana o emprego de todas as medidas necessarias para que nella não tivessem repercussão as chama-las *idéas subversivas*. Para esse fim cuidou-se de disciplinar os regimentos de cavallaria, os varios corpos de ordenanças e todas as outras forças auxiliares.

Com similhantes providencias, que foram promptamente executadas pelas autoridades da capitania em obediencia ás ordens régias, comprehende-se que não foi difficil manter a ordem publica em nossa terra, que, de resto, atravessava, como vimos acima, uma das suas maiores crises sociaes e economicas.

Temos desse modo os justos motivos pelos quaes não podia reflectir-se em Sergipe o movimento patriótico dos mineiros de 1789.

Vejamos agora a revolução pernambucana de 1817. Não sendo nosso intento estudal-a, mas simplesmente indagar de seus effeitos nas terras sergipanas, que ficavam tão proximas do theatro da revolução da grande capitania do norte, vejamos qual era por essa epoca o nosso estado social. Pelo que nos diz o auctor da *Historia de Sergipe*, essa situação não era sensivelmente melhor do que aquella que esboçámos antecedentemente.

Eis suas palavras : « Os habitantes da capitania não encontravam na lei nem em seus representantes as garantias de seus direitos. Entregues ás paixões dos dominadores, haviam de lhes prestar obediencia passiva, porque appellar para os representantes da justiça era appellar em vão.

« Figuravam, continúa adiante o mesmo escriptor, como os dois homens de mais prestigio de então, os sargentos-móres Bento José de Oliveira e Felipe de Faro Leitão. Sem instrucção, sem patriotismo, nutridos das idéas de uma falsa aristocracia de familia, Bento de Oliveira e Felipe de Faro alcançam completa ascendencia sobre o ouvidor, e então

a lei não é mais do que a vontade desses dois poderosos.

« Penetram nas cadeias e soltam os presos que lhes podem prestar o infimo serviço de instrumentos de vinganças ; prendem aquelles que não se prestam a tão vil papel ; instauram processos por crimes imaginarios, sendo elles mesmos os encarregados de fazer o interrogatorio das testemunhas, peitadas para dizerem o que lhes ensinavam ; obrigam os lavradores a pagarem-lhes altas porcentagens pelo arrendamento das terras onde habitam, e como resposta a qualquer protesto contra tal extorção, mandam incendiar-lhes as plantações e derribar-lhes as choupanas ; entram nos centros populosos armados e acompanhados de sequazes, assassinos, ostentando assim perante as auctoridades o prestigio das armas.

«Um espirito independente e livre, continúa ainda o escriptor, não podia viver nesse meio social, cujo movel dominante era o capricho de um regulo que vencia até os principios da justiça. Uma tal sociedade não podia facilmente corrigir-se para, poucos annos depois, tornar-se um terreno onde podessem germinar os principios de liberdade levantados pelos revolucionarios de Pernambuco». (1).

(1) Felisbello Freire, *Hist. de Sergipe*, pags. 211 e 212.

Todavia, as relações de Sergipe com essa capitania eram tão frequentes que os acontecimentos de 1817 não podiam deixar de ecoar na nossa sociedade de então. O que torna-se preciso saber é de que modo foram elles recebidos. Segundo o citado auctor, eram elles, os habitantes de Sergipe, «profundamente adeptos á causa do rei, sem cultura para comprehenderem os grandes beneficios futuros de cedo ser instituido um regimen eminentemente democratico, que viesse garantir os direitos do povo, despresados pelos agentes do poder publico, e fizeram causa commum com os habitantes de Penedô na reacção que levantaram contra as victorias dos revolucionarios republicanos.» (1)

Tenhamos como verdadeira essa opinião formulada pelo historiador, como resultado das suas pesquisas. Entretanto, convém consignar que documentos da epoca deixam duvidosa a attitude dos sergipanos em relação ao movimento revolucionario de 1817 em Pernambuco. O maior effeito que esse acontecimento produzio em Sergipe foram as divergencias e as consequentes luctas entre os habitantes de Villa-Nova, que fica na margem

---

(1) Felisbello Freire, *Obr. cit.*, pag. 211.46

di-eita do Rio S. Francisco, do lado de Sergipe, e os de Penedo, situada quasi em frente daquella villa, do lado das Alagoas.

Essas rivalidades, que já existiam, accentuaram-se por occasião do movimento de 1817, que as duas povoações encaravam de modo differente, segundo attestam os mencionados documentos, entre os quaes a *Carta que escreveu o Senado da Camara de Penedo a Sua Magestade sobre o que se praticava na Revolução Pernambucana*. Nesta carta affirmava-se que os sergipanos não «obravam por zelo do serviço real», de onde se póde concluir que outros intuitos inspiravam as hostilidades que elles praticavam contra os penedenses.

Essa situação mantida pelos habitantes de duas localidades de capitánias diversas, proximas ambas do territorio pernambucano, onde tinha cavado fundo a onda revolucionaria, chamou a attenção do governo central, cujas providencias vieram pouco depois afastal-as de qualquer collaboração que podessem prestar ao movimento republicano do norte.

Ainda não tinham chegado essas providencias, e já os villa-novenses accusavam os seus rivaes visinhos de alimentarem sympathias pela revolução. Deram-se então novos attrictos entre os habitantes dos dois lados do rio, que

buscavam todos os meios de demonstrar fidelidade ás instituições, tratando-se os adversarios de parte a parte como rebeldes. De tudo isto a conclusão mais certa parece ser que o espirito de solidariedade com a revolução pernambucana existio apenas em diminuta parte tanto de um lado como de outro. Poucos deviam ser naturalmente os individuos sinceramente dedicados á causa republicana, representando uma opinião tão fraca pelo numero, que o grosso da população ignorante e fanatisada pelo throno, na atmosphaera dissoluta da ordem de coisas existentes, poude abafal-a sem difficuldades.

Ainda havia restos de rivalidades e desordens nas duas povoações, quando chegou em Villa-Nova o marechal Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda, enviado do Conde dos Arcos, trazendo a incumbencia de reunir e organizar, pelas capitánias, forças para combater os revolucionarios pernambucanos. Cesam então de todo em todo as pequenas luctas entre as populações ribeirinhas do S. Francisco. Em Penedo e Villa-Nova começam a rebentar voluntarios em favor do throno. Improvisam-se batalhões e organisam-se contingentes numerosos, que se destinavam engrössar o numero de defensores daquella monarchia.

maçrasta, arrimada desde então na bestialidade do povo, cujos impulsos generosos e altivos degeneravam em baixeza e covardia, pela acção dos meios corruptores empregados pelos governantes.

Aquelles que por ventura pretenderam, tanto em Sergipe como em Alagôas, secundar o procedimento heroico e nobre dos pernambucanos, sentiram-se mal pela extrema insufficiencia de recursos de toda a ordem ; mas, sobretudo, pela ignorancia completa em que o governo procurava conservar todo o paiz e particularmente as pequenas capitánias do norte, entregues que eram ahí á tóa ao capricho de tyrannetes analphabetos.

Concluïremos, pois, que, embora o movimento revolucionario de 1817 não fosse de todo infructifero para Sergipe, porquanto ao menos gerou elle no nosso povo a idéa de resistencia ao despotismo, plantando a tradicção de pequenas sympathias pelos principios politicos superiores ; embora tivesse deixado elle em nossa sociedade de então os vestigios indeleveis de seu vigor, temos necessidade de procurar ainda em outro momento de nossa historia as manifestações mais positivas do pensamento republicano em Sergipe.

## CAPITULO VII

SUMMARIO : Independencia de Sergipe. Burlamarqui, primeiro governador. Sua influencia no progresso de Sergipe. Hostilidades da Bahia e resistencia dos sergipanos. As traducções liberaes do governo de Burlamarqui inspiram as primeiras idéas republicanas. Independencia do Brazil. Primeira eleição em Sergipe.

Vamos entrar agora em uma epoca mais definida da vida politica e social do povo sergipano. Por decreto de 8 de julho de 1820, a capitania de Sergipe tinha conquistado a sua independencia.

Apezar das difficuldades oppostas pela Bahia, que timbrava em conservar-nos sob sua sujeição, o soberano houve por bem enviar ao Conde de Palma, então governador daquella capitania, o mencionado decreto de nossa independencia, cujo principal conteudo está expresso nos seguintes periodos, dignos de serem salientados, por isso que eloquentemente attestam o reconhecimento official que havia por parte

48

dos altos poderes de que possuíamos verdadeiros elementos para uma vida propria, desmembrada da tutela madrasta da nossa poderosa vizinha :

«Convindo muito ao bom regimen deste Reino do Brazil, e a prosperidade a que Me proponho elevá-lo, que a capitania de Sergipe d'El-Rei tenha hum governo independente do dessa capitania ;

«Hei por bem por decreto da data desta, izental-a absolutamente da sujeição em que até agora tem estado desse governo, Declarando-a independente totalmente para que os Governadores della a governem na fôrma praticada nas mais capitánias independentes, communicando-se directamente com os secretarios de Estados competentes e podendo conceder sesmarias na forma das minhas Reaes Ordens. O que Me pareceu participar-vos para que assim a tenhaes entendido. Escrevo no Palacio do Rio de Janeiro, em oito de Julho de 1820». (1)

Em virtude dessa decisão real, foi nomeado para nosso primeirô governador o magnanimo brigadeiro Carlos Cezar Burlamarqui, que tão brilhante papel desempenhou em Sergipe, pela energia sempre prompta com que

---

(1) *Historia de Sergipe* pag. 223.

sustentou os nossos direitos contra as usurpações indebitas da Bahia.

A nomeação de Burlamarqui traz a data de 24 de Outubro de 1820, data esta que ainda hoje é festejada em Sergipe como o dia historico de nossa independencia. E' um costume que radicou-se no povo e que tem sido sancionado pelos governos, até mesmo pelos do actual regimen, que ainda não cogitaram de fazer a rectificação devida, em bem da verdade historica ; pois, como vimos acima, a data da nossa independencia e portanto aquella que devia ser entre nós solemnisada para a sua commemoração, é a de 8 de julho. O 24 de Outubro representa simplesmente a nomeação de nosso primeiro governador, a quem aliás já chamámos de magnanimo, por entendermos que o merece francamente. O povo tem sem duvida o direito de rememorar, com a pompa que quizer, a nomeação de Barlarqui ; o que não pode é fazel-o com o caracter official de festa de nossa independencia.

Em summa, o que urge é que o congresso legislativo sergipano acabe com o feriado estadual de 24 de outubro, fazendo-o em 8 de Julho.

Não sendo nosso alvo historiar aqui os successos da independencia de Sergipe, mas 47

apenas dar uma idéa do estado em que nos achavamos por essa epoca, para alcançarmos as primeiras irrupções das idéas livres no seio do nosso povo, diremos tão somente que Burlamarqui, apesar de perseguido e preso pelas ordens do governador da Bahia, que por esse modo menoscabava impudentemente das decisões regias, conseguiu escapar-se e chegar até Sergipe, onde convocou uma reunião de todas as auctoridades e pessoas influentes, ás quaes expoz as circumstancias difficeis da situação, mostrando-se ao mesmo tempo disposto a sustentar as regalias da nova capitania, desde que lhe dessem, para esse fim, o apoio e a coadjuvação necessaria. Um elementar dever de patriotismo compellia naturalmente os sergipanos a secundarem a attitude digna do governador, que tão alto comprehendera a responsabilidade de seu cargo, esposando ardentemente a causa de nossa emancipação. E foi arrimado na opinião e no apoio decisivo que obteve das pessoas que accorreram á sua convocação, «tudo o que havia de bom e recommendavel na capitania», conforme suas proprias palavras, que Burlamarqui venceu todas as difficuldades e assumiu as redeas da administração de Sergipe.

A nossa vida de capitania independente foi

assim por elle iniciada; e o fez com tão alto criterio, tanta competencia e tanto tino administrativo, que a capitania começou logo a prosperar em todos os seus ramos de actividade. Como todos os homens de real merito que occupavam elevada posição nesses tempos de obscurantismo, é certo que Burlamarqui não se livrou das opposições cegas dos pequeninos espiritos.

Assim é que em Sergipe mesmo, por impulsos de vingança ao benemerito fundador de nossa independencia, alguns homens politicos prejudicados nas praticas abusivas a que estavam acostumados no tempo em que eramos subordinados á Bahia, declararam-se partidarios de uma nova annexação á essa capitania, oppondo, para conseguir esse antipatriotico tentamen, as maiores difficuldades ao governo honesto, liberal e tolerante do brigadeiro Burlamarqui. Nas bellas paginas da *Historia de Sergipe* vem detalhadamente traçada toda a acção desses maus sergipanos que, molestados em interesses inconfessaveis de mando e prepotencia, fizeram causa commum com os nossos maiores inimigos e tiveram a inacreditavel coragem de pugnar pela incorporação de Sergipe á Bahia, fazendo baquear a conquista grandiosa de nossa independencia. 50

Burlamarqui teve finalmente que ceder de-  
ante da impossibilidade material de governar,  
visto como os indignos chefes da miseravel  
campanha eram individuos possuidores de  
dinheiro com que compravam as guarnições  
militares, e contavam alem disso com o forte  
auxilio de Bahia, de quem eram instrumentos.  
Em face desse conjuncto de elementos colli-  
gados, o eminente governador foi deposto,  
subindo ao poder um dos partidarios da an-  
nexação. Ficou desse modo Sergipe nova-  
mente sob o jugo da sua cruel visinha. Para  
honra nossa, porém, é certo que o povo ser-  
gipano, tendo á sua frente homens eminentes  
que não dispunham de forças para fazer tri-  
umphar as suas idéas, ficou entretanto eterna-  
mente grato ao seu primeiro governador,  
guardando as tradições de liberdade e mora-  
lidade administrativa que este lhe deixara.  
Essa corrente civica de opinião era sustentada  
energica e heroicamente pelos nossos mais  
illustres compatriotas de então.

Algumas camaras municipaes representa-  
vam officialmente o mesmo sentimento, e a  
campanha gloriosa da reconquista da emanci-  
pação traduziu-se varias vezes em acções  
brilhantes que formam paginas notaveis de  
nossa historia.

Ao mesmo tempo que isto succedia, os annexadores tinham collocado o formoso tor. ão sergipano em uma situação tristissima e deploravel sob todos os pontos de vista. Imperavam o auctoritarismo e o arbitrio. No intuito de abafar as idéas emancipacionistas, os governantes uniam-se com todos os inimigos de Sergipe — bahianos e portugezes, os quaes, segundo Felisbello Freire, atiravam os maiores sarcasmos aos sergipanos. O nosso povo viu-se, como nunca, despojado de todas as garantias e os seus mais sagrados direitos eram impudentemente vilipendiados pelas proprias auctoridades. O relaxamento e a frouxidão moral eram o syntoma frisante desses desgraçados tempos. Os partidarios ardentes da liberdade eram os unicos que guardavam firmes as suas idéas, luctando contra os sergipanos que depuseram Burlamarqui do governo e d'elle se apossaram, sempre alliados aos bahianos e aos portugezes, que tudo tinham a lucrar da subserviencia de uma parte de nossos patricios, convertidos em seus instrumentos na exploração que tinham por alvo em Sergipe.

As cousas marcharam nesse máu caminhar até quando chegou o anno de 1822, em que as idéas sustentadas no paiz inteiro fizeram a

sua definitiva independencia no memoravel sete de Setembro da historia nacional.

Em Sergipe, o partido emancipacionista ia engrossando consideravelmente, dia a dia, ao passo que os adversarios desmoralisavam-se cada vez mais, com os desregramentos commettidos na administração e na politica. Em uma representação dirigida ao rei D. João VI já os sergipanos tinham pedido as providencias necessarias para que se tornasse effectiva a independencia da capitania. Com a independencia geral do Brazil, os acontecimentos precipitaram-se, e Sergipe, aclamando regente o principe D. Pedro, (1), reconquistou finalmente os seus usurpados fóros de capitania.

Estava implantada uma nova orientação politica. A emancipação de nossa terra tinha ficado uma vez por todas definitivamente assentada e reconhecida mesmo pela Bahia, que entretanto reservava-se para perseguir-nos em outro terreno, como posteriormente fez nas questões de limites, pela invasão do nosso territorio, e na longa serie de diferentes males, que nos tem infligido.

---

(1) A aclamação deu-se, em Sergipe, no dia 1º de outubro de 1822.

Todavia, comquanto ganhassemos a nossa emancipação, como bemfazeja consequencia da independencia do paiz, succedeu que d'ahi em diante plantou-se e floresceu desde logo na terra sergipana uma politica corruptora e de oppressão á todas as liberdades. Firmada a emancipação, tinha-se organizado entre nós uma junta governativa provisoria, que principiou administrando com calma e tolerancia, mas que depois emprehendeu perpetuar se no poder, commettendo então, para esse desastrado fim, longa serie de arbitrariedades, e chegando ao extremo de negar posse á junta effectiva eleita pelo povo segundo as determinações officiaes vindas da capital do novo imperio.

Era a primeira eleição que se realisava em Sergipe, desgraçadamente destinada a ser daquelle modo convertida em uma burla. O governo geral, que para ella tinha dado as suas instrucções, fez ouvidos de mercador ás reclamações do povo sergipano, que aliás tinha dignamente concorrido ás urnas, mostrando haver comprehendido bem alto a importancia do direito do voto que pela primeira vez era chamado a exercer. Em virtude do procedimento mantido pela junta provisoria, o regimen representativo amanhecia entre nós falseado. 2

Eis ali um dos bellos precedentes da monarchia, em cujo dominio ainda hoje ha alguem que fale como de amenos e felizes tempos. Eis porque, tambem, os bons sergipanos iniciados nas praticas do governo livre de Burlamarqui, viram desde logo com desconfiança a nova ordem de coisas. E em Sergipe, nesse cantinho afastado do grande Brazil, surgiu pressurosa a idéa de republica, como unica fórma de governo que se devia inaugurar para presidir os nossos destinos de nação independente.

## CAPITULO VIII

SUMMARIO: Revolução pernambucana de 1824 e sua repercussão em Sergipe. Propaganda republicana na provincia. O Brejo Grande e a Estancia. Japarutuba. Intermittencias da propaganda republicana em Sergipe. O mesmo facto em todo o Brazil. Outras considerações.

Deante de uma conjunctura tão desfavoravel como aquella que assignalámos no anterior capitulo, no amanhecimento da independencia nacional e quando a nossa capitania se tinha constituido em provincia; deante de novos e por ventura maiores abusos que foram sendo commettidos pelas nossas principaes auctoridades do tempo,—foi certamente com justos motivos que os sergipanos affagaram o movimento republicano que rebentou em Pernambuco no anno de 1824.

Tivemos então os nossos primeiros propagandistas do grande principio politico; e vamos encontrar nessa epoca as tradicções reaes da democracia em Sergipe. 62

Alguns documentos historicos de comprovada fidelidade auxiliam-nos no proposito de estimal-as, para o fim de sustentar o que affirmámos no começo deste trabalho e que constitue o seu assumpto capital.

No ardor de sua nobre campanha, os pernambucanos tinham concebido o plano de alastrar por todo o Brazil a propaganda das idéas democraticas. Para esse fim enviaram emissarios a diversas provincias, chegando alguns delles até Sergipe, segundo affirma o dr. Felisbello Freire. Accrescenta este auctor que toda a nossa provincia foi percorrida pelos enviados da revolução de Pernambuco. O que é facto, porém, o que consta dos repositorios historicos, a que alludimos acima, é que uma verdadeira propaganda republicana fez-se por essa epoca em todo Sergipe, angariando a adhesão de espiritos illustres e despertando o nosso povo de então no sentido de uma aspiração liberal, que viesse minorar a situação precaria da vida politica e social da provincia nos annos que se seguiram á sua emancipação.

Houve, todavia, dois pontos em que o movimento adquiriu mais força, conseguindo maior numero de proselytos e traduzindo-se em factos dignos de serem recolhidos e aprecia-

dos pelo historiador, muito embora não tenham infelizmente apparecido nas paginas da *Republica em Sergipe*, cujo auctor, dissemos já, limitou-se apenas á narrar a ultima phase da nossa propaganda democratica, deixando por esse modo acreditar que antes disso nenhuma manifestação houvera da idéa republicana em Sergipe. Como se vê, porém, todo o nosso trabalho vem demonstrar o contrario; e nos factos que passaremos agora em revista, encontrarão os leitores a prova inconcussa da verdade de nossa asserção, os documentos vivos da tradiçãõ democratica de nosso povo.

Os pontos do territorio sergipano que mais se distinguiram pela adhesão prestada aos novos principios, foram a Estancia e o Brejo Grande. Na primeira dessas localidades o movimento teve por chefes Antonio José de Albuquerque Cavalcanti e José de Albuquerque Calvacanti, ao que parece dois irmãos, os quaes com patriotico fervor propagavam as idéas republicanas, celebrando reuniões, e incitando, por todos os meios que podiam empregar, os sergipanos a secundarem a attitudo dos revolucionarios pernambucanos.

Por esse tempo o governo imperial, além dos seus delegados na administração das provin-<sup>54</sup>

ciaz, tinha enviado a diversas zonas do norte pessoas de sua confiança particular, com plenos poderes para tomar as medidas que fossem necessarias para evitar o alastramento do movimento de Pernambuco.

A fronteira do rio São Francisco tinha sido confiada a Bento de Mello Pereira que, tendo sabido dos successos do Brejo Grande, tratou de perseguir os Albuquerquez. Não lhe foi difficil desempenhar a sua tarefa, com o auxilio promptamente prestado pelos denunciadores que encontrou, individuos que nessas occasiões e circumstancias acham favoravel ensejo de agradar ao soberano, com o fim de adquirir, alem das recompensas materiaes que muitas vezes lhes eram dadas, influencia official para o commettimento de todos os attentados contra as liberdades publicas.

Por esse processo foram os chefes do movimento republicano do Brejo Grande sorprendidos no maior ardor da campanha, sendo-lhes infligida longa serie de castigos, dos quaes o ultimo foi provavelmente a morte, unico de que a historia não fala, cumprindo entretanto lembrar que estamos em face de documentos suspeitos pela origem official de onde partem.

Qualquer que fosse, todavia, a sorte desses nossos benemeritos antecessores, é certo que o es-

forço heroicamente empregado por elles na doutrinação de novas idéas politicas, permaneceu no seio da alma popular, que cuidadosamente guardou essas tentativas para a regeneração da patria como acontecimentos gloriosos que podiam ser legados á posteridade.

Passemos agora aos successos da Estancia, onde o movimento foi mais notavel e repercutio com mais força na provincia inteira. Estava á sua frente um illustre representante do clero, o talentoso orador sagrado padre Manoel Moreira. Quando se observam ainda hoje as raizes profundas que tem em nosso povo o culto catholico, é facil de imaginar a influencia exercida pelas idéas propagadas pelo clero sergipano no principio do seculo.

Além disso, a honradez da vida privada de Moreira e o seu brilhante talento fizeram com que elle tivesse, como teve, escolhidos e numerosos auxiliares. Dentre estes destacavam-se os alferes Maximo, do corpo de ordenanças, Victorino, do corpo de milicias, e o bravo tenente João Alves, representantes da força publica, que abraçaram entusiasticamente o movimento republicano. Entre os paizanos distinguia-se pela sua dedicação á nova causa, o simples e modesto cidadão, que jámais ac<sup>55</sup>

ceitara condecorações ou honras officiaes, Antonio Agostinho.

Havia tambem um numeroso grupo de estudantes, dos quaes o mais notavel tinha o sobrenome de Lima, parecendo ter sido o chefe de seus companheiros de classe na coadjuvação á propaganda, pois que de todos os outros não nos falam os incompletos documentos sobre que calcamos este estudo.

Varias outras pessoas de grande importancia social em Sergipe, secundaram os energicos esforços do magnanimo padre Manoel Moreira.

Cumprê insistir em declarar que as mais detalhadas informações sobre esses factos tão eloquentes da historia sergipana, são extrahidos de um termo official de averiguação feito pelo capitão Manoel José de Magalhães Leal que, hostile ao movimento, communicava-o ás auctoridades superiores pedindo a condemnação dos rebeldes. E' por esse mesmo documento que se alcança reconstruir a acção poderosa dos nossos denodados compatriotas de então. Havia na Estancia um local em que os revolucionarios reuniam-se em dia e hora certos, celebrando animadas sessões politicas, combinando no melhor modo de auxiliar a revolução pernambucana, e salientando corajosamente os defeitos da organização politica que o nosso

paiz tinha recebido no acto da independencia com a installação da monarchia dos Braganças.

Para melhor orientação dos leitores sobre o movimento republicano da Estancia, transcrevemos em seguida a narração feita pelo commandante das armas Ignacio José Vicente ao conde de Lages : «Pelos meus officios anteriores tenho participado á V. Ex. as noticias que me têm sido communicadas pelo commandante das armas da provincia das Alagoas, assim como a suspeita de haverem nesta provincia emissarios destinados a seduzir os povos para fins sinistros ; e tendo empregado toda a diligencia de minha parte, pude descobrir o que consta do depoimento, que por cópia levo á presença de V. Ex., e que igualmente passei ás mãos do vice-presidente por ser a quem compete mandar fazer os necessarios procedimentos : um dos principaes agentes mencionados no depoimento é o padre Manoel Moreira, o qual tendo já sido preso na ultima revolução de Pernambuco em uma embarcação que foi apresada, conduzindo armamento d'ali para a povoação da Estancia, depois que foi solto nessa côrte não tem parado, fazendo continuas viagens para o sertão de Pernambuco ; já se acham presos alguns dos apon-

tados no depoimento, incluso o padre Moreira, e continúo na diligencia dos mais.

«Log^ que pude certificar-me da existencia deste criminoso ajuntamento, procurei informar-me de algumas circumstancias, como V. Ex. verá da carta inclusa de Manoel José Rabello de Oliveira ; este homem foi proposto para tenente-coronel reformado do regimento de cavallaria novamente organizado na Estancia ; é homem de bem, rico e estabelecido na Estancia, mas como é europeu, e ainda nesta provincia desgraçadamente são odiados pelos perturbadores da boa ordem, elle receia que appareça o seu nome, por ficar exposto a algum insulto e até mesmo com perigo de sua vida, razão porque certifiquei-lhe que as suas communicações seriam de confidencia e unicamente para esclarecerem-me as idéas precisas para o andamento do negocio, circumstancia que julgo necessaria, visto que, tendo-se praticado tão criminosos attentados, estava eu ignorante de tudo, e até mesmo enganado por alguns officiaes de quem confiava.

« Este acontecimento merece muita attenção nestas provincias do norte, aonde ha grande abundancia de escravos, que são nossos verdadeiros inimigos, e um dos recursos com que contam os anarchistas, accrescendo além disto

nesta provincia a grande quantidade de vadios e facinorosos, sobre os quaes continuo a empregar todo o cuidado e vigilancia, pois são os perversos que têm espalhado temores e desconfianças sobre os povos: elles não têm recursos e apoio para a sua promettida insurreição, porém têm toda a disposição para por meio da anarchia perpetrarem roubos e toda a sorte de crimes».

Como se vê, o acontecimento preoccupou seriamente as auctoridades publicas do tempo e assumio graves proporções, apesar das medidas promptamente empregadas pelo governo que, com o exemplo de Pernambuco, estava preparado para a resistencia, e não poupou os revolucionarios sergipanos, afim de que as idéas por elles propagadas não se assenho-reassem de toda a opinião da provincia.

Não obstante todos os dados que se encontram sobre o movimento republicano da Estancia serem, como dissemos acima, suspeitos por partirem das auctoridades da provincia, não se póde alimentar duvidas sobre a importancia que elle tem e tambem sobre a honorabilidade das pessoas que nelle figuraram mais influentemente. Em uma carta que, entre outras, servio de base ao auctor da informação que transcrevemos acima, vê-se que um dos promotores

do movimento democrático da Estancia era «apoiado por alguns parentes» e achara «muitas amizades de alguns mancebos e mesmo de PESSOAS DA PRIMEIRA ORDEM que em sua casa se ajuntavam». Neste mesmo documento escripto por um amigo do commandante das armas, que delle fez tão grande cabedal em sua informação dirigida ao Conde de Lages, diz-se que em todos os logares onde se reuniam os revolucionarios era «assaz publico se falar francamente em liberdade e egualdade e se tratava o nosso imperador com os epithetos que a modestia não permite pronunciar». Ainda da mesma carta extrahimos o seguinte curioso trecho, em que, atravez da linguagem incorrecta e biliosa do officioso informante, podem os leitores fazer segura idéa dos nobres intuitos dos nossos antepassados nessa bella campanha, cujos documentos authenticos desgraçadamente foram devorados pela ganancia dos servidores da monarchia : «Estas, e outras pessoas, que por pecados aqui se contam hoje da PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO, formaram o circulo das associações da Estancia, aonde sem duvida se tratando do systema republicano, e aniquilamento do Governo Imperial, desfigurando-se a idéa constitucional como não existente : com estas e outras patranhas enganam o POVO PRIN-

CIPAL, mesmo a mocidade annuncia-lhe assim como fizeram os francezes a liberdade e igualdade, a bens communs para todos».

Ahi está o depoimento das testemunhas officiaes, adversarias implacaveis dos antecedentes gloriosos da democracia sergipana. Si por um lado essa fonte de informações é profundamente suspeita e insufficiente por si só para se avaliar seguramente dos successos de nossa historia, que aqui nos preoccupam, por outro lado pôde-se antecipadamente affirmar que todas as lacunas resultantes da falta de melhores esclarecimentos prejudicam justamente a tradição republicana de Sergipe, em favor da qual não existem documentos que nos auctorisassem a uma maior exploração e a mais eloquentes conclusões. Tudo quanto temos dito traz o apoio do informante inimigo interessado na causa contraria. E chamamos a attenção do leitor para essa circumstancia poderosa, que deve falar bem alto em prol dos factos que aqui procuramos reviver no interesse da verdade historica e como justa homenagem a glorias passadas, que não devem ser olvidadas pela geração contemporanea dos sergipanos.

Ha ainda um outro ponto interessante que se destaca claramente nas informações officiaes

que temos passado em revista. E' a accusação irputada aos sergipanos da epoca de que votavam elles grande odio aos europeus.

Na carta de Manoel de Oliveira, da qual citamos já os trechos que serviram para esclarecer a nossa narrativa, insinua-se que «tudo— allude elle ao movimento republicano— tudo se encobria com a capa do odio aos europeus e estes vivem abatidos.» Reproduzindo esta accusação, no documento que tambem transcrevemos, o commandante das armas Manoel J. da Fonseca refere-se ao auctor daquellas palavras, dizendo que é elle «homem de bem, rico e estabelecido na Estancia, mas como é europeu e ainda nesta provincia desgraçadamente são odiados pelos perturbadores da bôa ordem, elle receia que appareça o seu nome, por ficar exposto a algum insulto, e até mesmo com perigo de sua vida, razão porque certifiquei-lhe que as suas communicações seriam de confidencia».

Ora, esse pretendido odio, si existia da parte dos sergipanos em relação aos europeus, existia principalmente da parte destes para com aquelles. Portuguezes e bahianos, como vimos em paginas antecedentes, monopolisavam todos os cargos publicos da provincia e delles se serviam para perseguir os sergipanos todas as

vezes que estes reclamavam por qualquer direito, pediam a execução da lei, ou protestavam contra os attentados feitos ás suas propriedades. Portuguezes e bahianos se tinham congregado para burlar a independencia da nossa capitania, que uma carta régia nos garantira.

Para esse resultado, que conseguiram pela nossa nova annexação á Bahia, depois daquelle facto, foram ainda portuguezes e bahianos os auctores da prisão de Burlamarqui, nomeado igualmente por uma carta regia para o cargo de nosso primeiro governador. Conquistada finalmente a nossa independencia, foram novamente aquelles nossos inimigos que procuraram perpetuar no poder a juncta governativa provisoria, obstando a posse da juncta eleita pelo povo, e desse modo menoscabando do direito do voto dos sergipanos.

Era natural, portanto, que taes oppressões provocassem a resistencia popular. Pugnando pelas liberdades publicas, acautelando os seus interesses moraes e materiaes do ataque constante de tão violentos e estranhos inimigos, os sergipanos não fizeram mais do que usar de um direito sagrado de que lançam mão todos os povos opprimidos. Assim agiram altivamente os nossos dignos ante-

passados, e honra lhes seja feita, porque desse modo deram os mais nobres exemplos de heroísmo e energia, com que se abrilhanta a nossa historia. Si, pois, era odio o que os sergipanos votavam aos europeus do tempo, era esse um odio legitimo, nascido de um desforço necessario sob pena de morte. Parodiando o mallogrado escriptor Raul Pompeia, uma das glorias mais brilhantes da moderna litteratura brazileira, podemos dizer que tratava-se do odio em nome da terra sergipana; « não do odio mat que offende e victima — do odio que reage, do odio que reivindica, do odio que redime, do odio pela Justiça, do odio santo que é apenas uma forma militante do amor.» (1)

Até aqui todas as generalisações e commentarios que temos feito dizem respeito aos successos da Estancia, que vimos terem sido os mais importantes do movimento republicano que se ateou em Sergipe como repercussão das idéas propagadas em Pernambuco e da sua revolução de 1824.

Convem, entretanto, mencionar ainda outras localidades sergipanas que receberam

---

(1) Introducção ás *Festas Nacionaes*, pag. XXIII.

tambem, embora em menor escala, o echo bemfazejo das novas doutrinações politicas.

Depois da Estancia foi inquestionavelmente o municipio de Japaratuba que mais se distinguiu na organisação do movimento. Houve ali um trabalho bem activo de propaganda, que se manifestou principalmente nas sessões calorosas celebradas regularmente pelos revolucionarios no intuito de desenvolvê-la como o tinham feito os companheiros de cruzada na Estancia. Todavia, a agitação republicana dessa localidade foi muito mais facilmente suffocada pelas forças do governo, do que os movimentos do Brejo Grande e da Estancia.

Nos outros pontos da provincia a propaganda foi menos consideravel, não obstante ter occasionado victimas das perseguições dos servidores da monarchia. As auctoridades de então tiveram o innocente cuidado de destruir todos os documentos relativos a esses factos, de modo que hoje, quando buscamos estudal-os, temos que ser guiados por informações destacadas e lacunosas e por communições officiaes de natureza igual áquellas que encontramos sobre os successos dos outros lugares de Sergipe.

Tratando em conjuncto de todos esses esforços da democracia sergipana, sobre os quaes

temos feito as nossas generalisações, como fructo pequeno, embora sincero, de nossa assimilação individual, commenta-os em poucas palavras o Dr. Felisbello Freire, do seguinte modo: « Sergipe não era um terreno preparado para a fructificação dessas idéas. Se o auctor destas linhas, em 1887, quando organisou o partido republicano em Laranjeiras, com o concurso de bons amigos, a maior opposição que encontrou foi a indifferença, pela falta de cultura popular e de uma consciencia clara dos deveres civicos, que poderiam fazer o Padre Moreira, na Estancia, e os Albuquerque, no Brejo Grande?!

« A idéa não tomou corpo. E ainda que, pelos documentos do tempo, vejamos que em redor della iam se agrupando as adhesões, cêdo os membros do governo mataram-na, inflingindo as penas da lei áquelles que tomaram parte nas reuniões do Padre Moreira. (1)

Creemos que o abalisado historiador não tem razão em ligar tão diminuto apreço ás adeantadas tentativas liberaes da geração sergipana do principio do seculo. Escrevendo

em livro, inquestionavelmente valiosissimo, a historia geral da nossa provincia, não quiz demorar a sua analyse sobre as manifestações positivas do pensamento republicano em nossa terra e sobre outros movimentos mais ou menos definidos que com ellas combinam, e que em todo o caso foram nobres actos de energia que attestam a vitalidade e o civismo dos nossos antepassados. E é até mesmo admiravel que o auctor, que mais tarde escreveu a *Historia Constitucional da Republica*, aproveitando todos os movimentos de rebeldia do povo brasileiro como symptomas que eram da consciencia democratica da nação, *que mais tarde aviventou-se e definiu-se*, conforme suas palavras — é admiravel, dizemos, que não tivesse observado um igual senso historico para julgar (uma vez que na historia feita não lhe era dado apreciar) os successos proporcionalmente semelhantes de Sergipe.

Em nosso entender nada prova contra o nosso movimento democratico a affirmação de que o governo cêdo conseguiu matal-o; por quanto o mesmo succedeu em outros pontos do paiz, em varias epochas de nossa historia, em relação ás revoluções republicanas, que aliás são pelo mesmo auctor estudadas largamente, rendidas tambem as devidas home-<sub>cl</sub>

na gens aos respectivos protagonistas e aos seus auxiliares.

Igualmente nos parece injusto que o auctor da *Historia de Sergipe*, affirmando que a indiferença foi a maior opposição que encontrou na organização do partido republicano em 1887, tenha d'ahi concluido que a indiferença fôra tambem o maior obstaculo encontrado por Moreira e pelos Albuquerque nos nossos movimentos revlucionarios de 1826. As mesmas paginas de sua propria obra attestam a vitalidade pujante do nosso povo naquelles tempos. Em capitulos anteriores temos insistido varias vezes na salientação dos principaes symptomas de energia civica, de que demos provas principalmente no periodo agitado da emancipação da capitania. Não precisamos repetir considerações sobre o assumpto. No amanhecer do seculo a alma popular sergipana estava desembaraçada ainda da relaxação e dos desfallecimentos que lhe trouxeram depois os accidentes calamitosos de politica imperial. Por isso mesmo que a metropole portugueza abandonava a colonia a si mesma, entregue ao desenvolvimento de suas proprias energias, retirando della apenas os pingues proventos materiaes que constituam todo o alvo de sua cubiça, succedeu que

no Brazil todo foi e formando aquelle vivo sentimento nacional que em 1822 fez a independencia do paiz. Sergipe partilhava plenamente dessa comprehensão que possuíam seus filhos do sentimento ardente da patria. Esse pensamento superior da existencia propria, como origem de forças para resistirem aos embates da adversidade estranha, pode estar muitas vezes obscuro nas narrativas historicas, mas era uma realidade. Foi elle que fez a emancipação da capitania; foi elle que sustentou o braço energico de Burlamarqui para affirmar a nossa independencia; foi elle ainda que protestou sempre contra a oppressão e o despotismo, desfraldando finalmente a bandeira da revolução, quando a força material deu o governo aos inimigos da provincia.

E' certo, pois, que mais tarde a indifferença ficou sendo em Sergipe, como em todo o Brazil, o systema geral de collaboração popular na politica do imperio. A abstenção eleitoral ficou sendo phenomeno commum no seio de um povo que tinha o bom senso de não votar em candidatos previamente eleitos; mas o illustrado historiador sergipano é o primeiro a nos contar em seu livro como os nossos antepassados souberam exercer energicamente o direito do voto na primeira

eleição havida na provincia. O povo concorreu pressurosamente ao chamado do governo, elegendo a juncta governativa que devia substituir a outra nomeada para governar provisoriamente.

Qual, porém, o resultado? Ouçamos as palavras do historiador: « Na resolução firme de não dar posse á juncta effectiva, a junta provisoria obsta a apuração das ultimas actas enviadas pelos collegios. Uma representação assignada por dez eleitores e trinta cidadãos é dirigida a camara, contra o abuso de poder. Ella reúne-se de novo para apurar os votos, quando é cercada pela força armada, sendo seus membros presos, as actas e os livros roubados e entregues aos membros da juncta. Na descripção deste facto está, sem ser preciso commentarios, a prova do despotismo.

« O regimen representativo em Sergipe impurificava-se desde logo, em sua origem, pelas ambições dos homens e os excessos dos partidos. Este facto profundamente impressionou o espirito publico que se viu sem garantias e sem governo, que era o primeiro a alterar a ordem e a levar o panico ás classes sociaes.» (1)

---

(1) *Historia de Sergipe*, pag. 258.

Eis, portanto, plenamente explicada a origem da indiferença popular pelos negocios publicos. De corrupção em corrupção o governo conseguiu mirrar a opinião de uma provincia pequena como Sergipe, balda de grandes recursos materiaes. D'ahi é que partem os constantes attentados ás leis e aos direitos do povo, graças aacs quaes surgiu e pouco a pouco foi-se firmando o indifferentismo que o organisador do partido republicano de Sergipe diz ter encontrado em 1887. No principio do seculo actual, porém, o espirito da população sergipana estava fortalecido pelo ardente entusiasmo liberal que lhe dava a consciencia dos proprios destinos.

Feitas essas considerações sobre a opinião do Dr. Felisbello Freire acerca da repercussão que teve em Sergipe o movimento republicano de Pernambuco em 1824, adduziremos mais uma prova de que não foram infructiferos os esforços da democracia sergipana na epoca que estudamos.

Uma das localidades de nossa terra que mais promptamente receberam a propaganda republicana da ultima phase, aquella que se encontra narrada no livro do professor Balthazar Góes, foi a cidade da Estancia.

O seu terreno mostrava-se por ventura mais

preparado do que outros para reencetar a lucta pela democracia, e pode-se concluir que si assim succedeu é porque viviam ahi ainda as tradições gloriosas dos tempos passados, que pareciam amortecidas.

Vemos nisto uma prova do progresso constante dos principios republicanos realizando-se numa lenta e surda elaboração, apesar das apparencias de enfraquecimento em periodos mais ou menos longos ; vemos igualmente que a propaganda de principio do seculo favorecia mais tarde a ultima phase do movimento democratico em Sergipe.

E' uma filiação logica que podemos estabelecer com segurança e que aliás é perfeitamente explicavel pela força transmissora dos precedentes historicos. Pena é, sem duvida, que o illustre auctor da *Republica em Sergipe* não tivesse procurado vêr esse fio de ouro que liga as duas phases da propaganda republicana em nossa terra. Dir-se-á que Larangeiras foi o fôco principal do ultimo movimento ; mas este facto explica-se cabalmente por um conjuncto de circumstancias que o proprio professor Balthazar Goes e o Dr. Felisbello Freire apontaram já e que nós igualmente passaremos em revista, accrescentando-lhes as nossas notas

e observações individuaes sobre essa campanha em que *minima pars fuimus*.

A unica coisa que salientámos e el amamos em nosso apoio, é o facto de ter sido a nova propaganda logo abraçada pela Estancia, onde mais particularmente existiam as tradições de 1824-26.

Que o movimento em sua ultima phase partisse de Larangeiras ou de outro ponto qualquer, pouco importa ao caso da filiação historica que indicamos. Partiu daquella cidade pela acção de causas que deviam produzir um tal effeito. O que, porém, é decisivo para nós, o que é incontestavel diante dos factos, que por sua vez estão de accordo com as leis historicas, é a existencia daquella filiação, que se vê perfeitamente clara no caso da Estancia, mas que é não menos real e effectiva em todo Sergipe.

Bem haja, pois, a geração sergipana do principio do seculo!

Um sentimento nacional firme e vivificante animava então os passos do nosso povo. Em meio das perseguições do europeu e do bahiano, pode elle afirmar brilhantemente a existencia de Sergipe como capitania á parte, alimentando as mais alevantadas aspirações de progresso.

No momento actual, em que o espirito de nativismo irrompe de todos os angulos do paiz, numa ardente e patriotica campanha que se propõe emancipar as forças vivas da nação das mãos ingratas do estrangeirismo, é consolador e doce a um sergipano encontrar nos apontados antecedentes da nossa historia, aquelles luminosos exemplos com os quaes podemos humildemente concorrer para o levantamento e a affirmação do nacionalismo.

## CAPITULO IX

Summario:— Ultima phase da propaganda republicana em Sergipe. Larangeiras ; sua situação commercial, economica e social. Guedes Cabral. A imprensa em Sergipe. Luctas partidarias e pessoas. «O Horizonte», orgão imparcial. «O Larangeirense», orgão abolicionista.

Estudámos, com os dados da historia, os antecedentes da idéa republicana em Sergipe. Vimos como a politica colonial, primeiro, e a politica do imperio, depois, provocaram o apparecimento da aspiração democratica, alimentada pelos mais illustres filhos de Sergipe que, depois de muito luctar na orbita do regimen constituido, recebendo como compensação desse pacifico esforço as perseguições dos poderosos, comprehenderam a necessidade de appellar para a propaganda de novos principios politicos que viessem garantir as liberdades publicas e estabelecer o progresso da provincia. 6

Vimos que as mais bellas paginas de nossa historia originam-se dessa campanha, algumas vezes mal definida e um pouco obscura, mas sempre revestida de sinceridade e patriotismo.

E' tempo já de chegarmos á ultima phase da propaganda republicana, que iniciou-se em Sergipe alguns annos antes do decreto de 13 de maio de 1888, desenvolvendo-se e irradiando-se por quasi toda a provincia até o memoravel feito de 15 de Novembro de 1889, que nos veio encontrar a nós outros humildes membros da communhão brazileira circumscriptos na menor região do paiz, aptos tambem para receber o novo regimen como uma éra de futuras, largas prosperidades. Pouco teremos que nos demorar nesta parte que vimos ter constituido o assumpto do livro do professor Balthasar Góes, e que foi tambem syntheticamente narrada pelo auctor da *Historia Constitucional da Republica*, na parte desta obra consagrada ao movimento republicano das provincias.

Vê-se, pois, que é esse um terreno mais conhecido, muito diverso daquelle em que temos pisado até agora, em que nos foi preciso penetrar muitas vezes o desconhecido, reunindo aqui e ali materiaes dispersos, com

que podessemos sustentar a these deste livro. E é para completar o nosso trabalho que trataremos agora da ultima phase da propaganda democratica em Sergipe, sendo nosso fito capital ligal-a aos successos anteriores que constituiram o objecto das investigações feitas.

A derradeira phase da campanha republicana começou a euchar em Sergipe no anno de 1887. Os primeiros symptomas dessa repercussão que fazia vibrar electricamente o espirito nacional, appareceram na cidade de Larangeiras, cujo povo desde alguns annos revelava achar-se em condições favoraveis para que em seu seio fossem implantados principios de liberdade e independencia.

Comquanto não estivesse mais no periodo de florescimento material que lhe dera annos antes os fóros de primeira cidade da provincia, comtudo ainda nella perduravam os effeitos dessa situação vantajosa em que verdadeiramente achou-se collocada. Cercada de importantes fazendas de assucar, possuidora de um porto sobre o rio Cotinguiba, que se communicava com a capital por intermedio de vapores diarios e um grande numero de embarcações á vela, Larangeiras era ainda naquelle tempo o emporio de um grande com-  
66

mércio entre o exterior e uma grande e magnífica zona productora da provincia. D'ahi a sua prosperidade.

Nenhuma outra cidade da provincia, nem mesmo a capital ostentavam maior riqueza material e mais animada vida social. As suas festas catholicas ou populares tinham um grande brilho tradicional e attrahiam constantemente para ella, não só as populações circumvisinhas como ainda as de localidades afastadas.

Entre as últimas, distinguiremos as commorações annuaes das datas historicas de 7 de Setembro, independencia do paiz, e de 24 de Outubro, independencia da provincia (1), que ostentavam caprichoso luxo e franco entusiasmo patriotico.

Entre as festas ecclesiasticas, notaremos a do Natal que, apesar de fundamentalmente

---

(1) Vide capitulô VII, onde mostrámos que a verdadeira data da independencia de Sergipe é a de 8 de Julho. Em virtude de um erro historico tem sido ella confundida com o 24 de Outubro, data da nomeação do primeiro governador.

Sobre essa rectificação historica, folgamos de poder desde já registrar que a nossa idéa foi abraçada por um digno deputado sergipano. Acreditamos mesmo que o dr. Laudelino Freire não se limitará ao artigo que fez para um almanack de Sergipe, devendo provavelmente levar o assumpto para o seio do congresso de que faz parte.

religiosa, tinha uma feição popular pelas grandes diversões que occasionava e pelo abalo que produzia em todo o povo, attrahido sem duvida menos pela *missa do gallo*, do que pelo murmurio convidativo da multidão que se agglomerava pacificamente, e na qual os parentes e amigos tinham occasião de encontrar-se e uma população falha de outros divertimentos achava momento propicio para as expansões.

Era uma cidade afamada. Os medicos buscavam-na para centro de sua clinica ; os advogados encontravam nella o fóro mais activo e rendoso da provincia ; finalmente, as classes industriaes ahi viam o melhor mercado para os seus productos, nessa feira laranjeirense dos dias de sabbado, notabilissima pela abundancia e variedade de generos, pela concurrencia de pessoas e actividade commercial que desenvolvia.

Desse conjuncto de circumstancias resultou a formação de um certo meio intellectual em Laranjeiras. O officialismo era ahi abafado pela forte concurrencia das profissões livres, pela predominancia de homens cultivados, que começaram a ajuizar sobranceiramente dos governos immoraes que a monarchia nos dava,

das administrações corruptoras que os partidos constitucionaes expunham alternativamente na provincia. Os espiritos adiantados que procuravam aquella cidade como o melhor ponto para o exercicio de sua actividade professional, levavam-lhe o bafejo das idéas modernas ; falavam-lhe da prosperidade de outros paizes servidos pelas instituições democraticas e incutiam no animo de sua população intelligente e laboriosa o espirito de critica aos desmandos da politica do tempo, o desejo ardente de uma nova ordem de coisas, em que lhe fosse permittido o desenvolvimento progressivo de todos os ramos de actividade.

Foi assim que a cidade de Larangeiras tornou-se a séde de uma propaganda da seita religiosa do protestantismo. Adeptos desse credo ali fundaram um templo e estabeleceram uma tribuna de doutrinação, de onde partiam para o interior da provincia enviados que se destinavam a alargar a influencia da nova crença.

E quando os catholicos, sem duvida em maior numero, ostentavam os fulgores do seu culto, oficialmente consagrado, via-se naquella pequena cidade de Sergipe o espectáculo brilhante de duas crenças differentes que se degladiavam no terreno pacifico das pri-

ticas religiosas, abrigadas ambas sob o generoso manto de uma população superiormente tolerante, que dir-se-ia no mais adiantado estado de civilização, para sustentar livremente em seu seio a fórma mais elevada da lucta dos sentimentos e das idéas.

Mais tarde appareceu um pequeno grupo de livres pensadores que, embora nunca tivessem organizado conferencias publicas, nem mesmo ostentado uma aggremação em clubs, comtudo expendiam francamente as suas doutrinas nas rodas de conversação e nas reuniões particulares da cidade. Desse nucleo de agitadores, foi primeiro iniciador o Dr. Guedes Cabral, illustrado medico bahiano, que vinha celebrisado já de sua terra, em cuja Faculdade apresentara uma brilhante these sobre as *Funções do cerebro*, inspirada no mais adiantado naturalismo philosophico do tempo. «Era a primeira vez — diz Sylvio Roméro — que um doutorando ousava fazer ouvir, em documento publico, no recinto de uma de\* nossas tristes academias de medicina, o brado da sciencia emancipada. » (1)

Por esse motivo a these fôra rejeitada e substituida por outra, produzindo, entretanto,

---

(1) *A philosophia no Brazil*, pag. 118. 1878. <sup>62</sup>

grande sensação quando publicada pela iniciativa da mocidade academica.

Era Guedes Cabral ainda um eloquente orador e um poeta inspirado, cujas composições foram largamente apreciadas quando circulavam na imprensa da Bahia e fizeram epoca nos salões de Sergipe. Apesar disso, tornou-se pouco conhecido no Brazil, devido em parte ao meio pequeno em que viveu e em parte ao ter morrido prematuramente, quando dizia-se que tinha em elaboração importante obra philosophica.

O seu grande merito foi, porém, salientado por Sylvio Roméro, na *Philosophia no Brazil*, e por Felisbello Freire, na *Historia Constitucional da Republica*.

A melhor phase da sua vida, passou-a o illustre medico em Larangeiras, onde a sua palavra fluente era ouvida pelo grande numero de amigos e admiradores que ahi conquistou, pela competencia elevada com que exercia a clinica e pelos bellos dotes de character que revelou constantemente no carinho e dedicação com que levava os seus cuidados profissionaes ás classes mais humildes. Neste particular contam-se delle, em todo Sergipe, os mais tocantes actos de caridade e abnegação.

Livre pensador, era entretanto proverbial

o seu acatamento pelas crenças alheias. Homem dessa tempera, comprehende-se facilmente como foi poderosa a sua influencia no meio sergipano.

No circulo dos homens de letras da cidade e mesmo entre algumas pessoas intelligentes de outras classes, embora despidas de grande cultura intellectual, conseguiu Guedes Cabral angariar muitos adeptos da liberdade de pensamento, que o secundavam na tarefa de propagar adeantadas idéas philosophicas e politicas. De resto, em toda a população exerceu elle o poder magico de sua argumentação persuasiva, tornando-a sinão de todo adepta de suas doutrinas, ao menos tolerante e apta para tomar parte na campanha de regeneração social e politica que dentro em pouco ia agitar-se em seu seio.

Rendemos assim uma justa e devida homenagem ao preclaro cidadão que durante alguns annos viveu na cidade de Larangeiras, gozando das geraes sympathias de seus habitantes. Guedes Cabral retirou-se depois, buscando allivio á tuberculose adeantada que ia minando sua preciosa vida, e falleceu dentro de alguns mezes na terra de seu nascimento. Não conseguiu assistir aos maravilhosos effeitos de sua influencia; porque, quando o conjuncto

de circumstancias que temos estudado, começou a manifestar-se de um modo mais positivo no seio da sociedade laranjeirense, eram já outros os insufladores do movimento.

Estavamos então no anno de 1887. Si Guedes Cabral já não existia, contudo Larangeiras era a residencia procurada de alguns espiritos eminentes, medicos, advogados e varios homens de letras.

Sentia-se no povo uma como revolta mal contida contra os desmandos da politica imperial que em Sergipe desacreditava-se dia a dia. Um espirito de rebeldia, um auspicioso germen de independencia pareciam estar esperando o apparecimento de uma bandeira em torno da qual se congregassem essas disposições favoraveis á uma propaganda, essas forças esparsas, ás quaes faltava uma direcção que lhes indicasse o horizonte claro para onde deviam encamar como a melhor concretisação das aspirações vagas que o doutrinamento de Guedes Cabral e seus successores havia semeado na opinião popular.

Foi por esse tempo que um homem intelligente, Joaquim Anastacio de Menezes, cansado das estereis luctas politicas em que se achou envolvido como membro que fôra de um dos partidos monarchicos, apprehendeu

a fundação de um periodico imparcial, onde se reflectisse mais ou menos a opinião livre do povo laranjeirense. Assim, fez apparecer o *Horizonte*, jornal de pequeno formato e de publicação semanal, que desde logo distinguu-se brilhantemente entre todos os órgãos da imprensa provinciana. Occupavam-se estes de mutuas descomposturas, effeito unico da politicagem miseravel e chata que se fazia em Sergipe. Representando sempre a opinião de um dos dois partidos constitucionaes do imperio, ou eram liberaes ou conservadores, e como taes profundamente partidarios, desse partidarismo cego e absoluto que nunca vê o sol no horizonte contrario. No dominio de uma situação o jornal do partido adverso não se limitava a uma opposição sensata, nem mesmo a uma crítica mais ou menos veemente dos actos do governo. O que fazia era a analyse apaixonada da pessoa do presidente e dos chefes de partido da situação, nunna linguagem deponentissima, em que se articulavam as maiores diatribes e insultos.

Os situacionistas tinham tambem o seu órgão, no qual as respostas eram dadas em o mesmo tom e as accusações eram vibradas com a penna molhada no mesmo fel amargo e envenenador. 70

Assim, taes jornaes não eram, não podiam ser orgãos da opinião popular, mas verdadeiros pasquins indignos de serem lidos por pessoas educadas. Si a imprensa fosse por ventura em toda parte aquillo, caso seria para desejar a sua prompta extincção. Mal e não bem produziria ella, que aliás teve sempre uma outra, grande e nobre missão, qual a de ser a valvula da opinião publica, o guia seguro dos governos, a vulgarisadora dos conhecimentos humanos, o espelho emfim onde se reflectem todos os deveres, todas as aspirações, todas as necessidades publicas.

O *Horizonte*, de Larangeiras, saiu felizmente dessa bitola commum por esse tempo em Sergipe. Em suas columnas eram aventadas e discutidas importantes questões de interesse geral. Falava-se ahi do desprezo em que os governos deixavam Sergipe, de quem só queriam as receitas e os votos nos pleitos violentados e corrompidos.

O *Horizonte* estudava com criterio e dedicação as nossos maiores necessidades, apontava o meio de satisfazel-as, e seguia assim, nobre e serenamente, a sua rota de só cuidar do bem publico, afastando das suas columnas, como orgão imparcial que era, o asphyxiante espirito de partido que estragava o resto da imprensa.

Essa campanha, claramente se comprehende que não tivesse tido effeito pratico immediato, porque o governo cerrava-lhe os olhos ; mas o povo do municipio altivo de Larangeiras applaudia o pequeno periodico em que se defendiam os seus direitos conspurgados, dando-lhe larga circulaçãõ e animando os seus redactores a levarem por deante essa bõa lucta, em meio do desregramento geral dos representantes da monarchia em Sergipe.

Por esse tempo agitava-se em todo o paiz o grande problema da emancipaçãõ incondicional dos escravos. O *Horizonte* entregou-se de todo a essa propaganda altruistica, tornando-se o maior impulsionador do movimento em Sergipe. Foi entãõ que inimigos, que nunca faltam, das bõas idéas, trataram de perseguir tenazmente o pequeno jornal. Tinham ficado indifferentes até essa oppurtunidade deante da attitude elevada e digna com que nelle se criticava a ordem de coisas existentes. Agora, porem, na perspectiva de interesses que seriam feridos com a libertaçãõ dos escravos, appellavam para esse recurso, incitando os seus possuidores menos avisados a negarem todo e qualquer apoio a essa campanha.

O jornal começõu a ser devolvido, as assignaturas escassearam. Foi preciso suspen-

der a sua publicação. E' necessario dizer aqui que o fundador do *Horizonte* não pretendi dar-lhe uma feição tão radical no ponto de vista das necessidades de nossa civilização. Quizera apenas fazer uma folha imparcial; mas, tendo confiado a chefia da redacção ao Dr. Felisbello Freire, succedera que este tinha já enveredado pelo caminho da conquista de todas as liberdades publicas. Espirito vantajosamente cultivado, esse medico tinha substituído em bôa parte o Dr. Guedes Cabral, de quem acima falámos. Herdou a sua clinica e gozou tambem da estima do povo laranjeirense, cujas bôas disposições poude assim aproveitar para continuar a propaganda civilisadora do seu antecessor e collega. Em taes condições foi que, tendo lhe sido franqueadas as columnas de um jornal, procurou utilizar os vigorosos elementos do meio em que se achava, levando a critica politica á todas as consequencias dimanadas de uma primeira orientação no sentido das idéas democraticas. A attitude imparcial da folha não lhe tirara o ensejo de vergalhar em cheio no corpo já em decomposição do organismo imperial, combatendo em toda linha os governos da provincia, dignas delegações do enfraquecido centro. Nesse terreno começou

o medico escriptor a bater-se pela libertação dos escravos, de onde passou a abraçar posteriormente a propaganda republicana. Não precipitemos, porem, a narrativa dos factos.

O *Horizonte* teve finalmente que cahir, pela guerra surda que lhe moveram pequeninos espiritos que babujavam na escuridão, buscando apagar a luz despontante da aurora regeneradora.

A gloriosa propaganda estava, todavia, em seu momento aureo; taes perseguições não alcançavam mais do que dar-lhe novo alento, pela convicção plantada no espirito de seus adeptos de que era preciso reunir todos os esforços e luctar desassombradamente pela conquista da grande reforma liberal. Foi isto o que comprehendiram os abolicionistas sergipanos.

Logo que desapareceu o *Horizonte*, Josino de Menezes que, como estudante de pharmacia na Faculdade de medicina da Bahia, tinha se ensaiado vantajosamente na imprensa, batendo-se pelas boas idéas com o ardor santo da mocidade, emprehendeu fundar uma folha abolicionista, tendo conseguido facilmente os seus patrioticos desejos, pelos auxilios que lhe prestaram os seus conterraneos que alimentavam os mesmos sentimentos. *Laran-*

*geirense* foi intitulado ess'outro periodico, que desfilou desde o primeiro numero a formosa bandeira da redempção dos captivos como a nota dominante de seu programma, compromettendo-se ao mesmo tempo a trabalhar pela victoria dos principios democraticos.

O illustre pharmaceutico mostrava dessa maneira ter encarado o problema pela sua verdadeira face. A propaganda abolicionista não era mais do que uma nova feição da lucta democratica, que vinha de longe atravez de todas as peripecias da historia patria. No momento em que estamos, a libertação do escravo era uma campanha digna de absorver todas as forças civilisadoras da nação. Todos os esforços, todas as energias civicas deviam convergir para a solução dessa alta medida, que por esse modo constituia-se a forma militante do pensamento republicano dos brasileiros. Josino de Menezes teve essa elevada comprehensão do momento historico que atravessava o Brazil. Por isso, comquanto possamos encontrar nas duas campanhas sustentadas em Larangeiras a acção poderosa de mentalidades por ventura mais ricamente cultivadas, forçoso é confessar em bem da verdade que ninguem se atirou a ambas as phases da gloriosa lucta com mais denodo, mais sin-

ceridade e amor do que elle. Conforme consignou Balthazar Góes, em seu já citado livro sobre o derradeiro movimento republicano de Sergipe, Josino de Menezes fundou, não só o *Larangeirense*, como dissemos acima, mas também o *Republicano*, apparecido algum tempo depois. E' claro, portanto, que se lhe deve essa iniciativa no terreno positivo da acção, o que seria bastante para que o destacassemos neste trabalho que desvaliosamente escrevemos. A verdade inteira é, porem, que Josino militou igualmente no campo intellectual, levando ás duas citadas folhas um contingente tão prestimoso de collaboração que não podíamos deixar de registrar aqui como uma realidade historica.

Por mais que queiramos dar um caracter impessoal a estas paginas, ha individualidades, cujos nomes estão tão intimamente ligados aos factos dominantes, que não podiam ficar occultas. Assim o temos feito, portanto, devido a uma necessidade inevitavel, mas sem prejuizo da orientação geral do nosso modesto trabalho.



## CAPITULO X.

SUMMARIO: — Incremento da campanha abolicionista em Sergipe. A classe agricola e o problema do trabalho livre. A lei de 13 de Maio em Larangeiras. Novos elementos de lucta. Manifesto republicano. O club democratico. Collegios de instrucção. O club republicano de Larangeiras.

Contando com os vigorosos elementos que descrevemos, possuindo o seu orgão de combate na imprensa, a propaganda abolicionista assumiu em Sergipe a sua phase ardente, ganhando a adhesão entusiastica de eminentes representantes de todas as classes sociaes. Cabe aqui lembrar um facto que vem provar mais uma vez o que dissemos em paginas anteriores sobre os sentimentos da classe agricola sergipense em relação ao magno problema da emancipação dos escravos.

Pela iniciativa dos redactores do *Larangeirense* celebrou-se em Larangeiras uma grande reunião de lavradores, com o fim de tratar-se

do melhor meio de evitar as difficuldades economicas que a reforma deveria trazer ao trabalho agricola. Havia portanto a idéa anterior de que essa medida era inevitavel e fatal, alem de ser uma maxima necessidade do momento. O que se pretendia aventar e discutir nessa reunião era apenas o processo para a inauguração do novo systema do trabalho livre, já cogitando dos meios de adquerir braços para esse fim, já procurando regularisar a questão do salario e outras de menor importancia ligadas a essas duas grandes faces do problema, que estava imminente com o desaparecimento proximo do braço escravo. Pois bem. Apezar de ter ficado assim, de modo inilludível, definido o objectivo da convocação de lavradores, a reunião foi grandemente concorrida por um elevado numero de membros da classe. Dir-se-ia que todos elles tinham já a nitida comprehensão da crise do trabalho e tratavam de remedial-a com prudencia, aceitando-a resignadamente como um sacrificio que o patriotismo lhes impunha. Poucos foram sem duvida os resultados praticos da reunião de agricultores; visto como atravessava a lavoura de Sergipe nessa epoca uma vida difficilima, pela enorme baixa nos preços do assucar e pelas consequencias de outros males que não cabe aqui

estudar. O governo, por sua vez, quedou-se, como sempre, deante das medidas que foram suggeridas pelos lavradores e que estes com os proprios recursos não podiam applicar.

Foi do seio dessa classe generosa, por esse modo tão bem disposta a receber o grande acto civilizador da abolição, que sahiram mais tarde os republicanos com que ella concorreu para o crescimento da propaganda democratica em Sergipe. E' claro, pois — e em outro lugar já isso demonstrámos — que não foi um mal entendido despeito o que conduziu os nossos homens da lavoura para as fileiras do partido, republicano. Homens intelligentes, alguns dos quaes possuindo vantajosa cultura de espirito, como Francisco Rodrigues Nogueira, José Pinheiro dos Santos Silva e outros, os lavradores do municipio de Larangeiras adheriram francamente ao movimento libertador dos escravos; e, si se queixavam elles do governo, era isso porque não tinham tido o seu auxilio quando procuravam organizar o trabalho livre, o que era não só uma necessidade particular da classe como tambem de toda a provincia, cujas receitas publicas dependiam, como dependem ainda hoje, das safras de assucar, em que consiste a sua principal industria.

A ineptia imperial deixou que surgissem as perturbações do serviço agrícola depois da abolição, mas não foi certamente a classe dos lavradores a unica que sentiu os amargos effeitos de taes males. Eis, em nosso vêr, o unico modo de encarar os factos como elles se succederam. Essa balela de um despeito, considerado como sentimento que determinava um novo modo de encarar a situação politica da patria, nasce apenas da má fé de alguns e da observação superficial de outros, que não desceram ao exame mais aprofundado de causas remotas mas verdadeiras.

Continuemos, porem, o nosso estudo.

Quando as dedicações partiam, como vimos acima, do mesmo lado daquelles que deveram ser os mais immediatos interessados na manutenção da escravatura, não é difficil imaginar o enthusiasmo e o ardor com que todas as outras classes manifestavam o seu desejo pela solução do problema abolicionista.

O movimento generalizou-se e foi crescendo repentinamente até o dia já proximo da grande victoria. Como foram bellos esses tempos para a população laranjeirense e como a elles nos reportamos agora com immensuravel saúde ! Coisa curiosa seria, sem duvida, ex-

plicar como uma cidade central de Sergipe poudo conter em si, durante certo periodo de tempo, tanta vida espiritual, tanta animação e tanto amor pelos mais elevados problemas da civilização nacional.

Quando o impulso indomavel do coração brasileiro arrancou, como diz Ruy Barbosa, o decreto de 13 de Maio ás vacillações da corôa, Larangeiras converteu-se em uma caldeira ardente do mais nobre e santo enthusiasmo. Celebrou uma festa como não ha igual em seus annaes, digna dos centros mais civilizados. Uma grande massa de povo de toda a cidade, do seu municipio e das localidades mais proximas, constituia o vasto auditorio de oradores inflammados, unanimes em encherger o 13 de Maio como o primeiro passo dado pela nação na conquista das liberdades publicas.

Todos os discursos proferidos nesse dia notabilissimo terminavam fatalmente com vivas á Republica — vivas que eram geralmente applaudidos, porque o povo tinha a idéa recon-dita de que fôra o sentimento democratico o verdadeiro libertador do escravo e que urgia, convertendo esse bemfazejo sentimento em realidade, desfraldar a bandeira da liberdade politica. 76

Foi nessa occasião, acreditamos nós, que nasceu no espirito daquelle que mais tarde foi o chefe do partido republicano de Sergipe a idéa de creal-o com os bellos elementos que se lhe deparavam ante os olhos, naquelles instantes de jubilo patriótico para o povo laranzeirense.

Estava finda a campanha abolicionista. Quaesquer que fossem—e não pequenas foram ellas — as consequencias lamentaveis a que ficaram reduzidos alguns ex-possuidores de escravos que, perdendo estes, perdiam toda a fortuna que possuíam, não se ouviram sinão gritos isolados de lamentações, nascidos em sua maior parte da imprevidencia de espiritos que não se prepararam com a necessaria energia moral para supportar o golpe fatal, ante a imprevidencia e o desleixo ainda maiores do governo da monarchia.

\* \*\*

Todas as forças vigorosas de combate heroicamente experimentadas nos dias da propaganda que findou ; todos os elementos favoraveis reunidos em pról das idéas e dos principios adeantados do progresso, ficavam

agora a espera de uma nova bandeira que absorvesse as actividades dos cidadãos e o espirito sequioso de liberdade desse povo laranjeirense, que offereceu nesses tempos um espectáculo unico entre os seus irmãos de Sergipe.

Por outro lado, no paiz inteiro os arraiaes da campanha abolicionista passavam a ser os novos arraiaes da propaganda republicana. Os mesmos propugnadores da redempção do escravo atiravam-se por ventura com maior ardor civico ao campo aberto da lucta pela democracia, destinada a regenerar de todo em todo este grande paiz, cujas energias estavam longamente sopitadas pelas praticas absorventes da politica monarchica, por toda a longa serie de obstaculos antepostos por essa fórma de governo ao desenvolvimento progressivo das riquezas naturaes do solo brasileiro.

Obedecendo a essa caudal de patrioticas aspirações e satisfazendo ao mesmo tempo aos impulsos do proprio sentir, os abolicionistas de Sergipe encetaram tambem, por sua vez, a propaganda franca das idéas republicanas. O *Laranjeirense* assumiu então uma feição definida no campo das doutrinas >>

mocraticas e recebeu em suas columnas a collaboração vibrante dos mais bellos talentos da nossa terra. Além de escriptores consummados e já affeitos no manejo da imprensa, como Felisbello Freire, Jozino de Menezes e Lima Junior, tinha aquella folha correspondentes e collaboradores em outras cidades, que eram quasi todos moços sergipanos educados na nova escola dos mais adeantados principios philosophicos e entusiastas adeptos da nova propaganda. Com taes elementos e em face dos precedentes que temos passado em revista, tratou o Dr. Felisbello Freire de organizar o partido republicano de Sergipe, elaborando e publicando o seguinte manifesto, que foi assignado por 41 cidadãos eleitores :

« Nós, abaixo assignados, declaramos não pertencer mais a nenhuma das politicas monarchicas deste paiz—liberal ou conservadora — e sim ao patriotico e democratico partido republicano. Convictos de que a monarchia, planta exotica neste paiz, tem sido o maior tropeço ao progresso, adherimos ás novas idéas democraticas. Com o desejo de levantarmos nesta provincia o grande partido, o qual, por certo, curará de todas as necessi-

dades publicas e do bem geral, convidamos aos cidadãos sergipanos para uma reunião na cidade de Larangeiras, no dia 1º de novembro, ás 11 horas do dia. Nessa reunião se tratará de organizar o partido, debaixo da mais livre orientação. E todo cidadão que quizer honrar a idéa, com o seu apoio e auxilio, poderá, caso não possa comparecer á reunião, enviar um cartão ou carta de adhesão. Nessa reunião, além da organização do partido, temos de eleger ao illustrado critico sergipano — Dr. Sylvio Roméro — nosso representante na Còrte perante o Congresso Republicano que terá lugar na grande capital e a quem delegaremos nossos poderes.» (1)

E' esse o theor authenticico do manifesto de Larangeiras, que traz a data de 18 de Outubro de 1888.

Causará talvez surpresa que em um meio, como o que temos descripto, que tinha todas as mostras de convenientemente preparado para dar combate ás instituições então vigentes, o manifesto republicano fosse apenas subscripto por aquelle pequeno numero de quarenta e tantos cidadãos. Primeiramente,

---

(1) *Republica em Sergipe*, pag. 144. 78

é preciso considerar que se tratava de um primeiro passo no terreno verdadeiramente pratico da lucta democratica. Este facto é bastante para explicar a hesitação de muitos espiritos que não se animavam, de um dia para outro, a arrostar com as possiveis responsabilidades que lhe adveriam de uma attitude decisiva de hostilidade ao governo. Em segundo lugar, tinhamos as profundas ligações e affinidades das familias sergipanas, com a sua antiquada instituição custumeira do *conselho de parentes*, deante do que naufragavam sempre em nossa terra as melhores resoluções daquelles que pretendiam elevar as suas convicções politicas fóra do diapasão commum. Poucos eram os espiritos verdadeiramente emancipados ou sufficientemente rebeldes para, em bem da liberdade politica em que se educaram, romper *in totum* com as relações intimas dos interesses de familia colligados.

Em terceiro logar, cumpre finalmente salientar a eloquencia expressiva daquelle numero de assignaturas. São todos nomes considerados e mais ou menos geralmente conhecidos, todos eleitores, individuos na plenitude de seu desenvolvimento moral, alguns dos quaes chefes influentes nos pleitos da provincia, senho-

res de engenhos importantes, que levavam consigo um conjuncto de cidadãos de menor responsabilidade social, mas que em todo caso representavam opinião numerica e militante. Por esse processo vê-se facilmente que muitos adeptos da propaganda, alguns dos quaes cheios de verdadeira dedicação, não puderam assignar o manifesto, por isso que não possuíam titulos de eleitor, que no regimen passado só eram concedidos mediante formalidades e condições difficeis de obter. Todos os moços, alguns já manejando a arma da palavra falada e escripta em favor da nobre causa republicana, estavam naturalmente eliminados do manifesto, muito embora formassem um contingente valiosissimo de energias civicas, com que o novo partido contaria seguramente nos combates que ia iniciar.

Por esse tempo Larangeiras ascendeu ao apogeu de sua actividade moral. Alem das causas que temos já salientado como determinantes do movimento intellectual ostentado brilhantemente por essa cidade, accresce ainda que durante o periodo da propaganda abolicionista novas forças nasceram e se desenvolveram para bem definir aquelle resultado. 79

Existia na cidade, desde alguns annos, um collegio particular onde se diffundia larga e effizmente o ensino secundario, sob a direcção do illustre professor Balthazar Goés, a quem por mais de uma vez nos temos referido neste trabalho. Secundado por varios homens titulados nas academias superiores do paiz, o director do *Lyceu-larangeirense* conseguiu adquirir para esse estabelecimento um corpo de professores competentes, cujas lições eram proveitosamente ouvidas por um grande e escolhido numero de alumnos de todos os pontos da provincia. Devido ás condições do meio e ás circumstancias do momento social que se atravessava, o ensino da historia adquiriu largo desenvolvimento, sendo os acontecimentos da vida nacional evocados e estudados de modo a fazer nascer na alma pura e intelligente dos moços alumnos o sentimento ardente das aspirações democraticas. Alem do curso dessa materia ensiuada no collegio, o respectivo professor — Dr. Felisbello Freire, abriu uma aula nocturna, que foi frequentada por grande parte da população adulta da cidade. Nessa aula, o operoso republicano, não tendo que se limitar ás prescripções restrictas do programma official de ensino,

espraiava-se em desenvolvidas dissertações sobre assumptos politicos, dando ao seu curso de historia uma verdadeira feição de casino civico e de propaganda democratica.

Desse collegio, cuja influencia moral na cidade de Larangeiras foi enorme, por tornal-a, durante a sua existência, o mais importante centro de educação da provincia, sahiram alumnos distinctos que mais tarde frequentaram vantajosamente as faculdades e academias superiores de ensino, e vão começando a apparecer na vida publica como esperançosos representantes da moderna geração sergipana.

Dentre outros lembraremos os nomes de Samuel de Oliveira, Laudelino Freire, Antonio Dantas, João Barroso, Arthur Moreira e Pedro Moniz, que têm feito com vantagem mais ou menos assignalada o seu tirocinio academico nas escolas militares. O primeiro é já conhecido no gremio dos profissionaes do ensino technico militar, tendo escripto sobre esse assumpto alguns compendios de vulgarisação e adaptação dos principios mais adelantados da sciencia mathematica (1). O se-

---

(1) *Geometria Algebrica* e outros, em via de publicação, todos em collaboração com o Sr. Liberato Bittencourt. ∞

gundo, tendo feito o curso geral da escola, teve mais tarde le deixal-a, entrando como professor para o Collegio Militar e elegendo-se ultimamente deputado ao congresso estadual de Sergipe. (1)

Os outros continuaram a fazer o seu curso, interrompido durante dois annos pelos successos da revolta de 6 de Setembro de 1893, durante a qual prestaram valiosos serviços na defesa das instituições e do principio da auctoridade. Outros moços ha ainda que foram alumnos do *Lyceu laranjeirense* e se têm distinguido em varios ramos de actividade mental, laureados ou não em academias civis.

Vê-se, pois, que o collegio mantido pelo distincto democrata Balthazar Góes foi um dos mais poderosos auxiliares da agitação de idéas que se operou em Laranjeiras. E não foi esse o seu unico serviço no assignalado movimento. De sua iniciativa foi tambem a criação de um *Club democratico*, de vida ephemera, mas que tambem teve sua acção digna de aqui figurar. Club de conferencias, sómente quatro ou cinco cremos foram realisadas : pelo Dr. Felisbello Freire, bacharel Fausto Cardoso, e

---

(1) Escreve actualmente um interessante trabalho chorographico sobre Sergipe.

pelos alumnos do lyceu, Samuel de Oliveira e Francisco Hora de Magalhães. Acção pequena embora, pela curta duração do club, registramol-a como uma realidade no trabalho da movimentação geral da propaganda. (1)

Havia ainda na cidade dois collegios de instrucção primaria e secundaria para o sexo feminino, mantidos pelas intelligentes e dedicadas professoras D. Possidonia de Bragança e D. Julia de Oliveira, os quaes produziam annualmente bons resultados e concorriam para a animação do meio laranjeirense. Como todos os elementos devem ser pesados no estudo das causas que produziram um determinado effeito, indicamos mais esses dois fócios de educação, cuja influencia, por menor que tivesse sido, não poderia ser aqui escurecida sem injustiça.

Falámos já, em outra parte, da liberdade

---

(1) Lembramo-nos das principaes conferencias feitas, que versaram sobre os seguintes assumptos: *evolução da materia, leis e causas de suas fórmas; instrucção publica no Brazil; transformação do trabalho.* Nas maiores cidades do paiz nunca medraram sociedades de conferencias scientificas ou litterarias; difficil era, portanto, que Laranjeiras conseguisse manter um club que começou com tão elevadas vistas e para cuja continuação seria necessaria uma disciplina intellectual, de que a nossa população lettrada está ainda hoje muito distante. 82

de crenças que se plantou e floresceu no seio do povo laranjeirense, dando lugar á existencia de livres pensadores e protestantes propagandistas ao lado dos catholicos, que professavam a religião consagrada officialmente pelas leis do paiz.

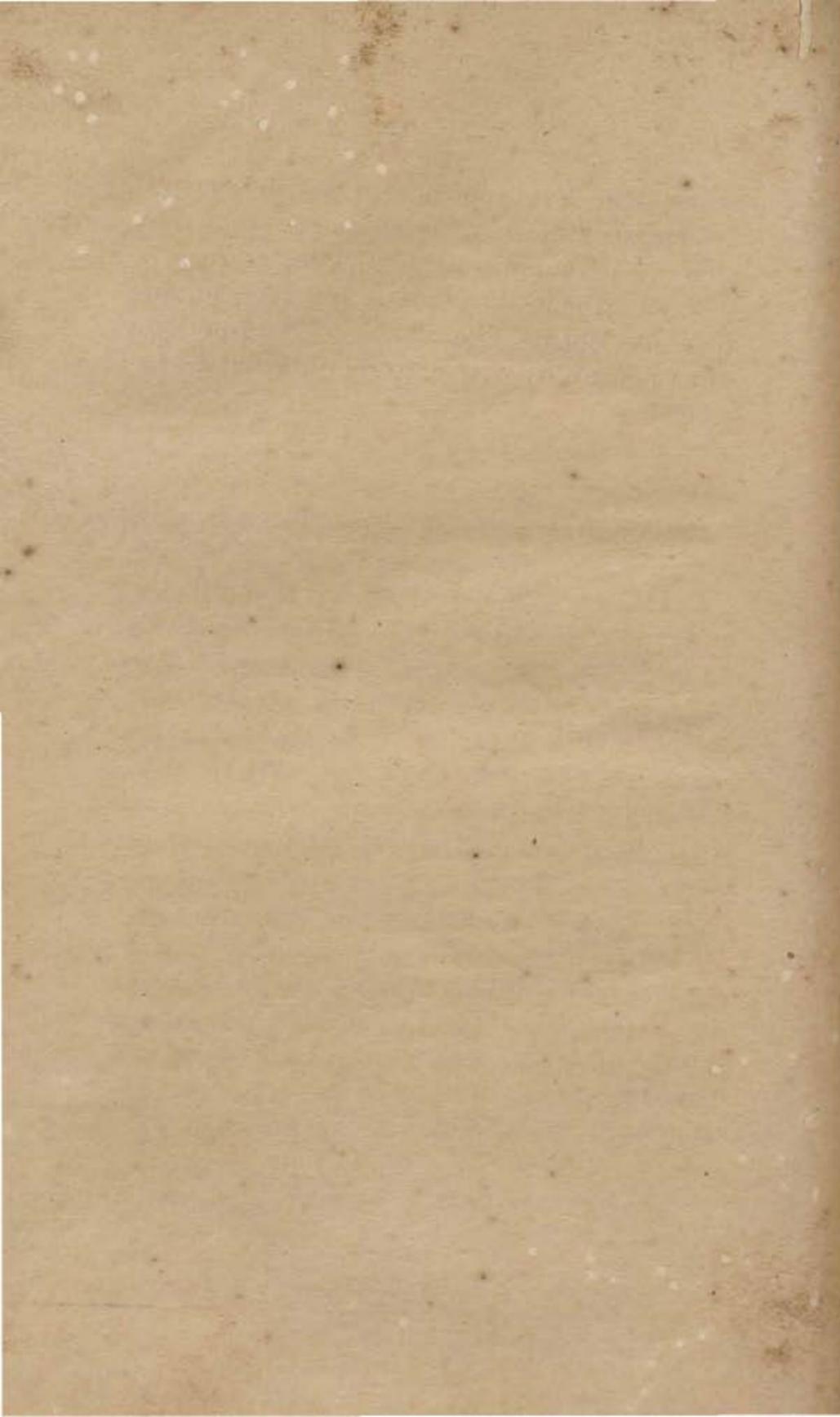
Nesse meio assim constituido e previamente preparado foi que rebentou o manifesto republicano de 18 de Outubro de 1888, que demos acima. Menos de um mez depois dessa data celebrou-se em Laranjeiras uma grande reunião republicana, na qual ficou desde logo organizado o novo partido, sendo eleitos o seu directorio e as commissões de propaganda.

Era isso no primeiro dia de novembro do mesmo anno. D'ahi em diante vieram chegando de todos os pontos da provincia as adhesões ao partido e as palavras de animação dos republicanos das differentes localidades.

Na mesma occasião tinha sido fundado o *Club Republicano* que se reunia semanalmente para incrementar o serviço da propaganda e communicar aos socios o resultado dos trabalhos feitos. O jornal *Laranjeirense* passou a chamar-se *Republicano* e encetou a campanha vigorosa da regeneração politica. Resultados brilhantes conseguidos rapidamente incutiram

no espirito dos propagandistas o indescriptivel entusiasmo e a fé ardente e confiante, com que eram feitos todos aquelles esforços.

Vejamos mais de perto a repercussão que teve nas outras localidades de Sergipe essa nova phase do movimento republicano de Laranjeiras. 82



## CAPITULO XI

SUMMARIO :— Desenvolvimento da propaganda republicana na provincia. Estancia, Itaporanga e Propriá. A guarda negra em Larangeiras. Intervenção do novo partido nos pleitos eleitoraes. Situação politica do momento. O 15 de Novembro.

Com a organização do partido republicano, a fundação do club e a publicação regular de seu orgão na imprensa, começou a repercutir por todo Sergipe o grande movimento democratico em que se agitavam as provincias do sul em face dos desmandos commettidos pelo ultimo gabinete da monarchia.

Depois dos acontecimentos do principio do seculo, em que a energia civica e o patriotismo dos nossos maiores puzeram-se brilhantemente ao serviço das causas mais liberaes e adiantadas, nunca mais em nossa pequena provincia se tinha assistido a um desses sempre fecundos movimentos da opinião que, victorio-

sos ou combatidos, deixam em todo caso bem-fazejos effectos na vida dos povos.

A politica imperial conseguiu prender em seus tentaculos as forças vitaes de uma terra cada vez mais empobrecida pelas pesadas exigencias do insaciavel centro e pela desgraçada acção de administrações ineptas que, com o seu relaxamento tradicional e os seus gastos impensados, descuravam de todo sinão que provocavam as crises economicas. Em meio disso o espirito liberal sentio-se abatido e nunca mais poudo irromper fortemente, apparecendo apenas aqui e alli em pequenas manifestações com um cunho por via de regra individual e não collectivo. Assim, pois, não morreu elle inteiramente, asphixiado embora pelo poder dos chefes de partido, dignos servidores de um regimen essencialmente corruptor, como esse que medrou entre nós até a reivindicacão de 1889.

Havia em todos os pontos da provincia espiritos illustres que não comiam na mesa lauta da governança, preparada com os recursos roubados aos longos e pacientes sacrificios do povo. Por menor que fosse o numero daquelles que assim protestavam, por meio da palavra falada ou escripta, ou mesmo tacitamente negando sua collaboracão na ordem de coisas

existentes, o certo é que eram elles os guardas fieis das tradições do passado, os pontos unicos de apoio moral entre o desmantelamento geral. Azylava-se nelles a voz boa do patriotismo, repudiada em toda parte; morava nelles ainda a perdida fé em uma politica melhor, a confiança serena no futuro.

Nem tudo estava corrompido e podre: na grande arvore requeimada pelo sol abrazador da politica de então, encontravam-se vergon-teas viridentes, onde havia ainda aproveitavel seiva.

Por isso, quando os propagandistas de Larangeiras deram o grito de combate, accorrem ram pressurosamente de todos os lados da provincia todos aquelles que esperavam o momento propicio para a concentração dos esforços militantes do patriotismo democratico contra a exploração ignobil de que fomos victimas incautas durante meio seculo de monarchia.

Assim é que, secundando a iniciativa dos larangeirenses, os itaporanguenses entravam igualmente na lucta democratica, desfraldando o seguinte manifesto republicano, assignado por um avultado numero de cidadãos, sahidos na maior parte das fileiras dos partidos constitucionaes do imperio, onde não viam mais

inspirações de patriotismo, além de outros que nunca tinham militado em politica, aguardando a organisação do unico partido verdadeiramente nacional, — o republicano.

Eis o manifesto : «Os cidadãos abaixo assignados, reconhecendo que os dois partidos monarchicos brazileiros têm dado alternativamente de per si, as provas mais negativas de patriotismo, antepondo sempre os interesses da dynastia reinante aos de nossa Patria, declaram adherir ás idéas do partido republicano brazileiro, fazendo publica esta declaração pela imprensa. Itaporanga, novembro de 88» (1).

Tinha esse manifesto as assignaturas de 48 eleitores, além de muitos outros cidadãos do municipio, que se filiaram ao partido, formando nessa localidade um poderoso nucleo de propagandistas.

Na propria capital da provincia, apesar de sua atmospheria official, onde a maior classe era a dos funcçionarios publicos sujeitos ao capricho demolidor da politica dominante, havia um grupo escolhido e fervoroso de entusiasmados republicanos, que se puzeram logo em

---

(1) *Rep. em Sergipe*, pag. 150.

communição com o club de Larangeiras, prestando-lhe o inextimavel auxilio de uma decidida collaboração na propaganda democratica.

Na região do norte havia igualmente um bom contingente de republicanos prestimosos que se arregimentaram na cidade do Propriá, levando a doutrinação do novo credo ás populações das formosas margens do S. Francisco.

Na Estancia existia desde 1887 um club republicano constituido regularmente sob a presidencia do cidadão José Caetano Marques. Pela data vê-se que esse club não foi precisamente creado sob a suggestão do movimento democratico que se iniciou em Larangeiras naquelle mesmo anno. E, ainda que Balthazar Góes affirme convencidamente que «o partido republicano da Estancia morreu ao nascer», comtudo vemos na existencia, de resto incontestavel, desse partido naquella cidade, antes que o movimento de Larangeiras se irradiasse pela provincia, a prova evidente de que alli não se apagou felizmente de todo a tradição revolucionaria do principio do seculo, que estudámos em capitulo anterior, na investigação que fizemos dos antecedentes democraticos do povo sergipano.

Em varios outros pontos ainda da provincia surgiam manifestações vivas de sympathia á propaganda republicana de Larangeiras. Essa cidade conservou-se, porém, sempre o centro de maior actividade na campanha contra a monarchia, como séde que era do Conselho Federal, que recebia as communicações das adhesões, das fundações de clubs e das organizações partidarias nas outras localidades.

Os republicanos de Sergipe estavam já, por esse tempo, em communicação directa e constante com a direcção suprema do partido na capital do paiz, agindo de accordo com as suas instrucções na marcha geral da propaganda democratica. Assim é que na sessão extraordinaria do Congresso Nacional, celebrada em S. Paulo no dia 21 de Março de 1889, o partido republicano de Sergipe foi representado pelos seus delegados préviamente eleitos em sessão do Club de Larangeiras.

A lucta estava, pois, em um terreno verdadeiramente pratico, dando lugar ao desenvolvimento de uma grande actividade, em que o patriotismo e a dedicação dos democreatas sergipanos eram postos na maior evidencia, submettendo-se corajosamente ás mais duras provas.

Sem falar nas perseguições minadas surdamente contra a phalange destimida dos portadores da nova fé politica, podemos entre tanto registrar as duas tentativas de combate que lhe foram efferecidas em Sergipe pelos servidores da monarchia. A primeira dellas foi a opposição levantada no jornal — *Reforma*, de Aracajú, orgão do partido liberal, cujo redactor chefe era o Dr. Gumerindo de Araujo Bessa, sem duvida uma das mais bellas organizações jornalisticas de Sergipe. Começou essa folha atacando rijamente os republicanos, nos quaes via apenas «um pugillo de cidadãos que nada entendem de questões politicas e que nada se interessam pelos progressos da patria». O orgão republicano accceitou promptamente o debate, destruindo brilhantemente a principal accusação, condensada nas palavras que citámos. « Estes cidadãos, dizia o Dr. Felisbello Freire no *Republicano* de 11 de novembro de 88, estes cidadãos tão destituídos de cultura, de autonomia, de intuição politica, já foram liberaes, ou conservadores. Para que serviam então nas antigas fileiras? Eram lettra morta e que nada honravam aos partidos. Si estavam em uma civilização tão primitiva, para que se lhes pedia o suffragio?

Entretanto, tão automatizados, tão passivos muitas vezes foram suffragar candidaturas liberaes e mesmo pelo orgão politico foram convidados para isso por manifestos e apresentações dos chefes. Si se pedia o suffragio, era porque não havia destituição absoluta de dignidade politica; e se esta não existe, como confessa o contemporaneo, a que fica reduzida a delegação de poderes? Si não existe valor moral e politico do eleitor, si elle não tem a menor intuição politica, o que delega ao seu representante? Entretanto o partido liberal lucta nos pleitos e procura o apoio de cidadãos completamente incultos... Conclusão: os partidos monarchicos não ligam importancia ao gráo de cultura de seus correligionarios; e seus candidatos não representam a opinião do eleitorado, que é completamente destituido de senso politico.» (1)

Nesse tom elevado e criterioso foram sempre dadas as respostas. O combate esmoreceu na imprensa monarchica, e outros meios foram procurados para hostilizar os arraiaes republicanos. Era então o tempo em que tinha apparecido no sul do paiz uma instituição digna do ultimo gabinete imperial— a *guarda negra*. Os monarchistas de Sergipe tiveram a lembrança

(1) *Rep. em Sergipe*, pag. 52

de transplantal-a para o formoso solo de nossa terra; mas os seus intuitos foram mallogrados, porque os primeiros passos dados nesse sentido tiveram effeito contrario no seio dos republicanos. A chamam-se estes em uma sessão do club de Lorangeiras, quando souberam que iam ser atacados pela *guarda negra* organizada naquella cidade, e approvaram a seguinte brilhante proposta: « Requeiro que seja creada a expensas deste Club, uma escola nocturna para os homens do povo, especialmente para os libertos, a quem, em vez da fouce da guarda negra que lhes dá a monarchia, convertendo-os em selvagens, os republicanos devem dar o livro, convertendo-os em bons cidadãos» (1).

A sessão continuou calmamente, deixando aquella resolução como unico pretesto contra a guarda-negra, que d'ahi em diante desapareceu inteiramente pela falta de apoio popular. A escola aberta, os libertos procuravam-na como um beneficio que a generosidade da democracia lorangeirense lhes concedia, abandonando os covardes incitamentos dos apolo-gistas da princeza Isabel, ridiculamente cognominada a redemptora, por ter assignado um

---

(1) *Ob. cit.*, pag. 59.

decreto, que era uma medida imposta pela consciencia nacional. Falhou, portanto, mais essa outra fórma de combate ao desenvolvimento já então irreprimivel da propaganda democratica.

Crescendo constantemente pelo grande numero de adhesões que vinham reforçar as suas fileiras, o partido republicano de Sergipe preparou-se para entrar em acção no primeiro pleito eleitoral que se feria depois de sua organisação. Era uma eleição de deputados provinciaes. O Conselho Federal de Laranjeiras apresentou a sua chapa, e no dia marcado pelo governo os eleitores republicanos apresentaram-se cerrando fileiras em torno dos candidatos do partido.

Pouco depois tinha logar a ultima eleição realisada pelo regimen passado. Dissolvida a Camara geral pelo visconde de Ouro Preto, essa eleição destinava-se a levar uma nova camara unanimemente liberal, para apoiar o audaz presidente do gabinete 7 de Junho, empenhado então em guerrear por todos os meios o partido republicano, pelo assombroso desenvolvimento que mostrava de um dia para outro, ameaçando seriamente destruir dentro em pouco as instituições imperiaes. Sabe-se que

recursos foram empregados pelo Sr. Affonso Celso para constituir a sua camara, bem como são conhecidos o arrojo impensado e a violencia de suas medidas de perseguição aos repucanos. Em Sergipe a eleição tinha mais a importancia especial de ser pleiteada por um candidato ministro, o Sr. visconde de Maracajú, que occupava a pasta da guerra.

Apezar de todas essas circumstancias, que annunciavam claramente a pressão geral que ia ser feita em toda parte, os braves democratas sergipanos apresentaram seus candidatos e pleitearam a eleição que elles sabiam estar préviamente feita na secretaria do palacio do governo em Aracajú, pelo punho vigoroso do Sr. Jeronymo Sodré Pereira, então presidente da provincia, que se mostrou sempre um fiel delegado do gabinete Ouro Preto. Esse presidente fez em Sergipe o que se chama entre o vulgo «matar dous coelhos de uma só cajadada»: sustentou as candidaturas dos quatro deputados sergipanos para a camara unanime da ultima situação liberal e, ao mesmo tempo, preparou a sua eleição pelo nono districto da Bahia, que confina com Sergipe e estava portanto em boas condições de soffrer a intervenção do governo desta ultima provin-

cia, que ficava mais proximo do que o da Bahia.

Excusado será dizer que em ambos aquelles pleitos o novo partido não conseguiu eleger os seus candidatos. Não somente era isso difficil pelo regimen eleitoral de então, em que se restringia o numero dos eleitores com exigencias leaes, de si pesadas, e abusos extraleaes invenciveis aos adversarios, de modo que muitos republicanos deixaram forçosamente de exercer o sagrado direito do voto; como tambem as eleições eram uma mera formalidade, nunca exprimiam a verdade das urnas e não tinham sequer a apparencia de uma coisa séria. Todavia, segundo documento que publica o auctor da *Republica em Sergipe*, o visconde de Maracajú, ministro da guerra, teria sido derrotado em Itaporanga pelos republicanos, se não fôra o expediente usado por um antigo membro do partido liberal que, á ultima hora, conseguiu desviar a maior parte dos votos do partido republicano, em favor do mencionado ministro, trahindo por esse modo ao partido á que adherira espontaneamente, com hespanholadas de uma sinceridade que no momento mais necessario era assim desmentida vergenhosamente.

Ahi temos uma prova evidente da existencia das conveniencias de familia, a que nos referimos em capitulos antecedentes, como sendo o maior obstaculo para a applicação de uma politica elevada. Eis como o pseudo republicano explicou as razões do seu procedimento, em uma curiosa carta dirigida ao chefe do partido republicano: «O partido republicano contava sessenta votos, pela colligação com o conservador, ao passo que o candidato do governo, o Sr. Maracajú, tinha apenas dez votos! E' um horror! dizem a mim, o sobrinho do tio barão, a mim o presidente da mesa eleitoral, é um horror que a patria do senador liberal seja essa onde o ministro, o visconde, o governo, venha perder a eleição, derrotado por um partido que está ainda em sua primeira infancia em Sergipe!

«E' um horror! O amor da familia, o parentesco falou em mim mais alto que o patriotismo e... fez-se a eleição do ministro feliz, dando de agrado 11 votos ao meu partido. Travam polemica commigo os correligionarios sinceros; o conservador indignado me acoima de injusto, me vergasta com a razão da logica, com a vergonha do facto. Tudo em vão. Meu tio barão não devia levar lama na cara. Aqui

estou, pois, réo confesso, para expiar meu crime, expondo-o perante aquelle que levantou o movimento republicano na provincia, e pedindo-lhe que não falle disso no jornal, pois bem castigada já está a minha consciencia remordida» (1).

Essa carta vale uma auto-psychologia. Esse homem que se sente vergastado pela logica, que se julga coberto de vergonha, que se confessa réo de um crime de traição, que se diz dominado pelo amor da familia e do parentesco, que nelle falou mais alto que o sentimento do patriotismo — esse homem assim descripto por suas próprias palavras, é o typo exacto do politico da monarchia. A isso reduzia os seus servidores a politica imperial. Essa malleabilidade, essa fraqueza de character pintam eloquentemente a corrupção dos partidos que se degladiavam no poder. As transacções vergonhosas, as fugas á ultima hora, as traições, os conchavos de toda a especie, taes eram os fructos constantes da educação social que então se ministrava.

Felizmente, porém, no seio do generoso partido republicano de Sergipe, aquelle facto foi

---

(1) *Rep. em Sergipe*, pag. 68.

único e o seu auctor teve a franqueza de chamar a si toda a responsabilidade que delle inteira lhe cabia.

Depois dessas duas campanhas eleitoraes, nas quaes o partido democratico adquerio novas forças no contacto em que esteve com as velhas hostes da monarchia, mantendo sempre uma lucta superior no terreno dos bons principios, a propaganda republicana de Sergipe continuou a desenvolver-se vigorosamente até o dia, que estava já proximo, da instalação definitiva do regimen republicano, em 15 de Novembro de 1889. 90



## CAPITULO XII

SUMMARIO—Synthese retrospectiva. Considerações geraes. Ligeiras vistas sobre a administração republicana. Conclusão.

Tocamos o fim de nosso trabalho. Tinhamos unicamente o plano de ligar o fio da idéa republicana em Sergipe, desde os primeiros momentos de nossa historia, atravez dos transe muitas vezes afflictivos por que passamos, dos periodos de desconforto, dos momentos de energia civica e levantamento moral; atravez de todas essas alternativas caprichosas e á primeira vista incoherentes de nossa vida social e politica.

Não sabemos si o nosso objectivo foi alcançado ou não, aos olhos dos que nos leram; em qualquer hypothese, porém, temos a certeza de que será sentida a sinceridade com que procurámos fazer este desvalioso trabalho.

Estudámos a formação de nosso povo, pela concorrência das tres raças que vieram se juntar em nossa terra ; vimos qual dellas teve a preponderancia no *struggle for life* que d'ahi em deante se travou ; apreciámos o desenvolvimento da população assim formada, buscando analysar aqui e alli o seu maior ou menor crescimento, pela acção poderosa de varios agentes. Indagámos depois das tendencias moraes do character sergipano, descortinando os seus mais remotos vestigios de apparecimento, e achemos desde então aquelles rasgos de energia com que o nosso povo conquistou a sua independencia da capitania madrastra da Bahia, aquellas irradiações de liberalismo que se manifestam bem patentes em outros acontecimentos que deixámos salientados. Vimos como a nossa autonomia foi sustentada com o denodo e o sangue de nossos antepassados ; vimos, por entre tudo isso, os symptomas mais distantes do espirito democratico, as aspirações ora vagas, ora definidas da fórma republicana de governo ; e chegámos finalmente ao derradeiro periodo da propaganda, ao momento ultimo de arregimentação, de combate e de victoria.

Como terão podido verificar os que nos qui-

zeram acompanhar nessas paginas, fugimo: da accumulacão de nomes sobre nomes de individuos.

Procurámos as idéas e os factos, com as suas origens, as suas causas, as suas ligacões e as suas consequências. Seguindo esse methodo, por ventura mais util e seguro em um trabalho desta natureza, foi nosso intuito evitar esquecimentos ou injustiças. Si alguns nomes ali figuram, succede isso pela necessidade indeclinavel do historiar : não houve plano de saliental-os, bem como não houve de esquecer outros.

Como quer que tenha sido feita, ali está a nossa modestissima tarefa, que emprehendemos e buscámos executar com o apoio da verdade historica e os impulsos do patriotismo.

Ficámos na inauguração do governo republicano, visto como d'ahi em deante abre-se uma phase de vida inteiramente nova para Sergipe.

Não somente o plano do nosso trabalho não abrange os successos que se desenvolveram depois daquella data, como tambem seria bastante difficil e arriscado analysar factos de hontem, cujos effeitos não podem estar ainda bem conhecidos, de modo a offerecerem uma <sup>92</sup>

segun a vista de conjuncto. O que seria possivel e quiçá util fazer em relação á Sergipe, depois da proclamação da nova fórma de governo, é o estudo da sua situação actual : vêr os effeitos que a federação tem produzido em nossa terra ; estudar o desenvolvimento do commercio e das industrias, especialmente a agricola, fonte primordial de nossa receita ; analysar emfim toda a organização politica, administrativa e financeira feita pelo governo republicano ; o modo como tem favorecido a cultura do povo, pela disseminação da instrucção ; todos os melhoramentos, todas as reformas introduzidas.

Certamente haverá já muito que dizer da acção das novas instituições em nossa pequena patria. Como todos os outros estados do Brazil, Sergipe tambem tem soffrido abalos e convulsões que infelizmente retardam a influencia civilisadora do regimen republicano.

Todavia, por mais que desse facto queiram tirar partido em favor de sua causa os que hoje são apologistas da restauração monarchica, a situação actual do estado é afinal de contas mais animadora do que se podia esperar em face das condições em que elle se tem achado sob a nova fórma de governo.

De resto, as perturbações soffridas nascem todas ellas da sobrevivencia dos vicios, dos interesses e das praticas abusivas que nos foram legadas pela monarchia. Em Sergipe, mais do que em qualquer parte, é facil observar essa verdade.

Todas as difficuldades que ahi tem surgido depois de 15 de Novembro partem dessa herança desastrosa de que se resentem muitos representantes da nova politica.

Felizmente, porém, os esforços e as energias dos legitimos representantes da democracia não têm sido improficuos.

Ha uma visivel transformação para melhor, que só aos cegos não é dado vêr. A lucta politica tem sido ferida em terreno mais elevado. A prepotencia dos chefes tem sido já profundamente abalada e vae-se desmoronando aos poucos. Nossas palavras dizem que ella não cessou de todo ainda e é isso uma triste verdade, porque todos os males que nos assediam provém desse resto de influencia que sustenta ainda alguns desses incançaveis monopolisadores do voto popular.

São antigos politicos que odeiam o novo regimen e se alliam para obter força e com ella os cargos de representação na camara e no se-<sup>q3</sup>

nado da Republica, onde nunca discutem uma questão importante, um assumpto de interesse para o estado ou para o paiz em geral. Nem podia ser o contrario, desde que não agem, nunca agiram pelos incitamentos do civismo. São movidos unicamente por uma fatuidade inqualificavel, que os faz quererem occupar cadeiras que demandam talento e competencia, quando lhes falta tudo isso. Ainda que quizessem tomar parte na explanação de assumptos importantes, como diversos têm surgido no parlamento republicano, não o podiam fazer, porque desconhecem inteiramente o novo direito publico e nada entendem do mechanismo constitucional, quanto mais dos problemas que surgem dia a dia nessa grande obra de organização geral que a Republica vae fazendo tão efficaçmente quanto o permitem a ignorancia e hostilidade delles, dos retrogados, dos máos cidadãos da nova patria, assim como o foram máos nos velhos tempos. Para essa gente, de cuja massa desgraçadamente tem sido a maior parte da representação sergipana, a tribuna parlamentar só serve para d'ahi oppor difficuldades ás administrações republicanas. Toda a idéa, toda a medida que possa fazer mal ás novas instituições, tem o seu voto incondicional.

Não somos absolutamente partidarios da exclusão dos antigos monarchistas de toda ingerencia na politica actual. Ao contrario disso, acreditamos que á Republica será muito proveitosa a collaboração de homens eminentes que serviram no regimen passado. É preciso, porém, que só sejam acceitos para esse fim aquelles que tenham demonstrado vontade sincera de trabalhar patrioticamente pelo progresso da nação sob o seu novo regimen de governo. Necessitamos, finalmente, de homens como Affonso Penna e Rosa e Silva, para não citar alguns outros, que se têm tornado dignos das actuaes instituições, servindo-as com lealdade e intelligencia.

O que é de todo o ponto inconveniente, o que é certamente doloroso para nós outros, é vêr as mais elevadas posições dos cargos estaduaes ou federaes occupadas por certos medalhões da monarchia, que não têm a franqueza de manifestar publicamente as suas aspirações restauradoras e se servem dos lugares que occupam, ou das commissões que desempenham, para desacreditar a Republica, catando todas as eventualidades possiveis de hostilisa-la surdamente. Em regra, são typos que não tiveram prestigio na propria politica do imperio, uns 94

trefegos exploradores da opinião popular, incapazes de qualquer serviço util e occupados unicamente em fazer cartas aos eleitores, cujos votos querem ter sempre promptos. Semelhante gente — é forçoso affirmar — só serve para desacreditar o novo regimen. Toda a sua acção representa uma difficuldade opposta ao progredir da civilisação democratica.

Insistimos, pois, neste ponto: á influencia perniciosa desse elemento retardatario deve Sergipe a sobrevivencia de muitos males que ainda hoje, em plena Republica, atropelam a sua vida politica e administrativa. Assim é que as luctas pessoaes continuam como no tempo do imperio a ser o alimento unico da imprensa sergipana, offerecendo o triste espectáculo de discussões exaltadas, acompanhadas muitas vezes de invectivas infamantes.

Não ha assumpto julgado digno de preoccupar sisudamente os nossos jornalistas, cegos que estão pelo odio politico que faz descambar tudo para o terreno pessoal. Os interesses reaes do estado, as administrações mesmas, deixam de ser estudadas nas columnas dessa imprensa, dando logar somente ao exame indecoroso da vida privada dos detentores do poder ou dos seus opposicionistas.

A consequencia de tudo isso é que muitas vezes os governos perdem inteiramente a calma que deve revesti-los, chegando a praticar arbitrariedades lamentaveis, que desgraçadamente falseiam de todo o systema que nos rege. Assim succede. Quão diversos seriam, porém, os effeitos de uma opposição commedida e sensata, arrimada em bóa justiça e superiormente orientada pela inspiração do interesse geral ?

A critica intelligente e patriótica não póde deixar de calar no animo dos administradores em um regimen como o actual, em que o prestigio official das posições culminantes cessa no prazo curto de poucos annos. Não é isso, infelizmente, o que tem sido entendido e applicado em Sergipe, pela acção das causas que apontamos.

Em meio desse ambiente assim carregado e pouco lisongeiro é que o governo republicano tem marchado em nossa terra, produzindo entretanto para ella bons effeitos praticos que cumpre salientar.

Os cargos publicos, por força do novo direito constitucional, tornaram-se accessiveis a todos, e nesse sentido vae-se operando uma verdadeira democratisação, começando pela primeira das funcções electivas, a de chefe do

estado, que em regra tem sido exercida por individuos que nunca pertenceram ás velhas colligações politicas. Em geral todos os nossos presidentes têm sido homens feitos pelos seus proprios esforços e que, não fosse a actual ordem de cousas, estariam por ahí esquecidos em qualquer ramo de actividade particular.

E si, dessas circumstancias mesmas derivam as perseguições que lhe têm infligido as antigas influencias eleitoraes, força é reconhecer que nisso está todavia a realisação pratica dos principios republicanos, estabelecendo-se a selecção do merito individual, fóra do criterio asphyxiante das rodas politicas.

Vejamos agora o aspecto material da nova situação.

O estado tem melhorado bastante em sua situação financeira, commercial e economica. As rendas publicas crescem de modo lisongeiro, dando lugar a uma organização administrativa muito mais vasta e rica do que aquella que tinha a velha provincia. Basta olhar para as repartições publicas, notadamente para os departamentos da justiça e da instrução, que augmentaram de cathegoria, foram organizados sob melhores moldes, sendo os seus respectivos funcionarios retribuidos de modo a mais pro-

veitosamente cumprirem os seus encargos. As dividas, antigamente contrahidas para fins eleitoraes, vão sendo pagas com o auxilio de impostos novos que engrossam o contingente da receita á medida que se creiam novos ramos de industria e se desenvolvem os já então existentes.

O commercio, esse tem recebido um poderosissimo influxo depois que a administração republicana libertou-o da tutela da praça da Bahia, estabelecendo a navegação directa com a Capital do paiz e alguns pontos do estrangeiro. Devido a tudo isso, o principal producto do estado, o assucar, tem figurado vantajosamente no mercado do Rio de Janeiro, apparecendo nas cotações commerciaes dessa praça logo abaixo de igual genero proveniente das fabricas de Pernambuco, em quantidade, qualidade e preço. Antes dessa descentralisação patrioticamente operada pelos esforços de alguns dos novos administradores, não somente aquelle producto como o algodão deixavam de figurar nos mercados, por isso que eram incorporados á producção da Bahia e algumas vezes á de Pernambuco. O nome de Sergipe não apparecia e muito menos o de seu principal producto, que aliás sempre foi o

%

melhor e o mais consideravel de todo o paiz depois do assucar daquelle ultima praça. Dado o desconto da differença de superficie entre os dois estados, Pernambuco e Sergipe, este ultimo fica sendo relativamente a zona mais productora de assucar de todo o Brazil.

Ora, o assucar é considerado a segunda producção nacional, cuja primeira é o café. Demos isso como certo, bem que fôra possivel-entrar-se em um estudo detalhado, pelo qual se provaria que o assucar está destinado a rivalisar com o café e que o governo necessita cogitar sériamente da lavoura de canna, afim de que esta possa contrabalançar as oscillações na producção e no preço do café. (1)

Para um estado pequeno como o nosso, falho de grandes recursos, não é porventura pequena coisa o vêr-se de um dia para outro

---

(1) Agora mesmo, quando escrevemos estas linhas, a importante *Revista Commercial e Financeira*, de ta cidade, está publicando, sob a rubrica *producção nacional*, uma série de reflectidos artigos, em que o seu competente auctor, Emilio Nusbäum, demonstra á evidencia que o assucar brasileiro, quando crystalizado, não encontrará facii competidor no genero similar estrangeiro.

Aproveitamos aqui a occasião para assignalar o merito dessa *Revista*, que tão bons serviços tem já prestado ao commercio e a industria nacionaes.

collocado deante de uma tão ruspiciosa perspectiva commercial. Ser o segundo (e relativamente o primeiro) centro de fabricação de assucar, que é por sua vez a segunda produção do paiz, não é certamente pequena vantagem economica. Deixo aos competentes especialistas no assumpto a tarefa de salientar as condições que cumpre desenvolver e os processos que devem ser empregados para que o nosso estado possa auferir os proventos que d'ahi necessariamente lhe hão de resultar. O que queriamos era simplesmente dar uma idéa, bem que rápida, de nossa situação material.

Nada de que fica dito, e que constitue um inventario lisongeiro em favor da Republica, nada de tudo isso existia ou se conhecia então. Sergipe viveu sempre na penumbra, quando não em plenas trevas. E não é muito que assim succedesse no terreno material, onde não tinhamos nenhuma vida propria, nem representação alguma, porque tudo quanto produziamos havia de apparecer sempre como da Bahia, que tão habilmente soube exercer sobre Sergipe, desde a época colonial e durante todo o seu tempo de provincia do imperio, a mais dictatorial tutela politica, administrativa, commercial e economica. 97

Não é muito certamente; porque nossos deputados e senadores nas camaras do imperio valiam apenas os votos de confiança ministerial que prestavam, acompanhando as numerosas bancadas das grandes provincias. A representação de Sergipe nunca manteve uma attitude propria. Nisso sim — e honra seja feita á sabia politica de então — nós nunca discrepámos uma linha: nossa representação era sempre liberal ou conservadora, conforme a situação era liberal ou conservadora. O ministerio contava com Sergipe, isto é, com os votos dos seus delegados. O que mais queria o povo, o eleitorado sergipano? Melhoramentos, beneficeios para a provincia!? Era isso por ventura demasiada exigencia e, de resto, não fomos de todo esquecidos. Conseguimos não poucas patentes da guarda nacional e outras cousas igualmente uteis para a prosperidade geral do povo.

A essa politica assim orientada devemos a grande e larga vantagem de nunca termos sido encommodados: eramos uma provincia desconhecida no Brazil. Si a Republica arrancou-nos dessa abstenção cordata do convivio social, a culpa é certamente della e não dos sebastianistas mal disfarçados, que continuam

no seu posto de affastar-nos da coparticipação satânica do progresso universal. Eis ahí, seriamente, a verdade da situação. Não ha mais illusão possível. De um lado temos as novas instituições com os seus servidores; do outro, os monarchistas com o seu ideal.

São dois caminhos, dois campos de combate perfeitamente delimitados, duas estradas reaes bem definidas. Seguir por um lado ou por outro, é uma simples questão de bom senso.

Nós entendemos que é preciso extirpar o cancro sebastianista da politica sergipana; para esse fim é preciso, porém, levar a lucta não só ás velhas hostes, como tambem aos pretensos republicanos, continuadores da antiga politica e por vezes arvorados em tyrannetes desabusados que menoscabam da opinião popular e procuram unicamente impôr os seus interesses de descabida e fatua vaidade. 98



# INDICE

DEDICATORIA.....	V
PREFACIO.....	IX

## CAPITULO I

SUMMARIO—Idéas introductorias. Uma historia do movimento republicano de Sergipe. Lacunas desse trabalho e justificativas de seu auctor.....	1
---	---

## CAPITULO II

SUMMARIO—Aptidão de Sergipe para receber a fórma republicana de governo. Objecções possiveis. Diferenças caracteristicas da população brasileira. Suas causas. Condições especiaes de Sergipe. Sua colonisação. Felisbello Freire e as leis de Malthus em Sergipe. Augmento e diminuição da população.....	7
--	---

## CAPITULO III

SUMMARIO— A emigração explica o decrescimento da população sergipana. Estudo desse phenomeno e de suas causas: physicas, politicas e moraes. Fôcos para onde se dirigem os sergipanos. Considerações.....	29
---	----

CAPITULO IV

- SUMMARIO—Outras causas de divergencia na formação do povo sergipano. Desapparecimento do indio. Escravidão africana. O negro e o branco. Cruzamento dessas raças. O mameluco e o cabra..... 35

CAPITULO V

- SUMMARIO—Critica de opinião de Balthazar Gões sobre a idéa republicana em Sergipe e no Brazil. A lei de 13 de Maio e o pretendido despeito da lavoura. A classe agricola e a escravidão em Sergipe. A questão da indemnisação ..... 43

CAPITULO VI

- SUMMARIO—Indagações historicas. Primeiras idéas republicanas no Brazil. Revolução de Minas em 1789. Situação de Sergipe nessa época. Questões com a Bahia e difficuldades internas. Revolução pernambucana de 1817 e seus effeitos em Sergipe..... 65

CAPITULO VII

- SUMMARIO—Independencia de Sergipe. Burlamarqui, primeiro governador. Sua influencia no progresso de Sergipe. Hostilidades da Bahia e resistencia dos sergipanos. As tradições liberaes do governo de Burlamarqui inspiram as primeiras idéas republicanas. Independencia do Brazil. Primeira eleição em Sergipe..... 75

CAPITULO VIII

- SUMMARIO—Revolução pernambucana de 1824. e sua repercussão em Sergipe. Propaganda republicana na provincia. O Brejo Grande

e a Estancia. Japarutuba. Intermittencias da propaganda republicana e Sergipe. O mesmo facto em todo o Brazil. Outras considerações.....	85
--	----

### CAPITULO IX

SUMMARIO—Ultima phase da propaganda republicana em Sergipe. Larangeiras : sua situação commercial, economica e social. Guedes Cabral. A imprensa em Sergipe. Luctas partidarias e pessoas. <i>O Horizonte</i> , órgão imparcial. <i>O Larangeirense</i> , órgão abolicionista .....	109
---	-----

### CAPITULO X

SUMMARIO — Incremento da campanha abolicionista em Sergipe. A classe agricola e o problema do trabalho livre. A lei de 13 de Maio em Larangeiras. Novos elementos de lucta. Manifesto republicano. O Club Democratico. Collegios de instrucção. O club republicano de Larangeiras.....	127
--	-----

### CAPITULO XI

SUMMARIO—Desenvolvimento da propaganda republicana na provincia. Estancia. Itaporanga e Propriá. A guarda negra em Larangeiras. Intervenção do novo partido nos pleitos eleitoraes. Situação politica do momento. O 15 de Novembro.....	145
---	-----

### CAPITULO XII

SUMMARIO—Synthese retrospectiva. Considerações geraes. Ligeiras vistas sobre a administração republicana. Conclusão.....	161
--	-----

Indice.....	177
-------------	-----

100

R 13 - L 1